

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

***FOI BOM TERMOS ARRISCADO!* A NARRATIVA DA DÍADE PARENTAL  
NA ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIS VELHAS**

**Marta Oliveira Moreira Novo**

Outubro 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***Margarida Isabel Rangel  
Santos Henriques*** (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

-

A presente Dissertação de Mestrado encontra-se associada ao projeto de Doutoramento em Psicologia de Isabel Cavadas, intitulado “*A relação mãe-criança e pai-criança na pós-adoção: construção da vinculação em crianças em idade pré-escolar e escolar*”, ainda em realização na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Margarida Isabel Rangel Santos Henriques. Tal projeto de Doutoramento é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/78540/2011, atribuída à doutoranda.

Tive a oportunidade de colaborar neste projeto de investigação, durante os anos letivos 2015/2016 a 2016/2017. A minha participação passou pela realização de transcrições de diversas entrevistas, em formato áudio, tendo recebido formação para esta e outras tarefas desempenhadas pela equipa de investigação.

Após a oportunidade de me associar ao projeto de Doutoramento acima referido, assumi-me como responsável pela autoria da análise de conteúdo das entrevistas. O estudo presentemente apresentado constitui-se como fruto dessa mesma análise.

*“I am not what happened to me, I am what I choose to become”*

Carl Jung

Ao Daniel.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Margarida Henriques Rangel, por ter sido uma figura central na construção e desenvolvimento deste projeto. Por ter confiado nas minhas competências e me ter incentivado sempre a ir mais além. Por ter despertado o bichinho da investigação adormecido em mim. Pelos constantes desafios lançados, que foram a força impulsionadora do meu crescimento académico e, essencialmente, pessoal.

À Isabel, por me ter adotado no seu projeto. Por ter confiado em mim o seu trabalho, dando-me total liberdade criativa. Pela forma cuidadosa, atenta e incansável com que sempre me orientou. Por todos os momentos de partilha, entajuda e amizade.

A todos os elementos que dão corpo e vida à oficina de investigação, pela boa disposição com que sempre me brindaram todas as segundas-feiras de manhã. Pelo espírito de trabalho e de equipa.

A todos os meus amigos de Viana, pela bonita confiança que depositam em mim e nas minhas competências. Por nunca me deixarem duvidar de mim própria. Pela amizade bonita que nos une e pelo calor humano com que sempre me recebem.

A todos os amigos que encontrei na faculdade, por me fazerem sentir em casa. Pela família que construímos. Por ser tão fácil e simples expressar-me junto de vós. Por esta bonita viagem que estamos todos prestes a finalizar.

À Joana, por nunca me ter largado a mão no decorrer deste caminho. Pela sua força, determinação e assertividade que tanto me inspiram. Por todos os momentos que partilhamos. Por ser, muitas vezes, a única pessoa capaz de me compreender completamente. Pela bonita amizade que construímos, exemplo de que não existe escuridão sem luz.

Ao Tiago, por ser o meu Norte. Pela confiança cega e desmedida depositada em mim, nas minhas competências e trabalho. Pelo teu abraço quente e confortável, capaz de sossegar qualquer inquietação. Pela tua descontração, confiança e simplicidade que me inspiram. Por seres o meu melhor amigo e companheiro nesta bela aventura que é a vida.

Aos meus pais e irmã Matilde, pela família incrível que somos. Pela vossa presença, cuidado e amor constante. Pela forma entusiástica como apoiam sempre os meus sonhos e projetos. Pelos valores que me ensinaram. Por serem a minha maior referência.

## Resumo

Na adoção, em geral, e na adoção de crianças mais velhas, em particular, o sistema familiar confronta-se com diversos desafios após a chegada da criança, como o período de adaptação, a comunicação com esta sobre o seu passado e, o maior de todos, a construção de uma relação afetiva. Este estudo pretende compreender o processo de construção das relações em famílias adotivas de crianças mais velhas. Propõe ainda conhecer o processo comunicacional sobre a adoção e as ideias dos pais acerca da adoção tardia.

Foram realizadas entrevistas a 7 díades parentais adotivas de crianças mais velhas. As crianças adotadas tinham entre 4 e 9 anos no momento da entrevista aos pais adotivos, variando o tempo de adoção de 6 meses a 5 anos. As entrevistas foram realizadas no domicílio das famílias participantes, posteriormente transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo através da *grounded theory*. A partir do sistema de categorias emergentes e das macrocategorias, foi redigido um texto descritivo da perspetiva dos pais acerca das vivências familiares na adoção de crianças mais velhas.

Os resultados evidenciaram que a criança, numa fase inicial, pode manifestar a sua insegurança através de diferentes comportamentos, que variam desde oposição/desafio, a inibição das suas necessidades emocionais e afastamento face às figuras parentais. Verificou-se que a criança tende a aproximar-se inicialmente de um dos elementos do casal, o pai, e a afastar-se da figura materna, oferecendo resistência às suas tentativas de aproximação. Estes comportamentos de desafio e oposição à mãe tendem a desvanecer-se com o tempo, estabelecendo-se a funcional triangulação, prevista por Bowen. Da abertura da comunicação sobre adoção, destacou-se que a iniciativa parte das crianças ou, caso contrário, o assunto não é abordado, sugerindo a dificuldade de ser enfrentado este tema por parte dos pais, embora seja referida a importância de falar com naturalidade sobre o assunto. Face às ideias sobre adoção de crianças mais velhas, os pais adotivos aconselhavam outras famílias a arriscar nesta modalidade de adoção, evidenciando como vantagem não terem de revelar a adoção, por esta ser conhecedora da sua história, e compreenderem melhor a criança, por esta ser capaz de expressar verbalmente as suas necessidades.

Deste estudo, resulta uma narrativa tipo da vivência familiar na adoção de crianças mais velhas, que espelha, por um lado, a complexidade deste fenómeno e, por outro, a perspetiva positiva dos pais adotivos face à adoção. Tal poderá ser útil para os profissionais no apoio às famílias adotivas, na fase de pré e de pós-adoção, e na formação dos candidatos à adoção, constituindo um apelo à adoção de crianças mais velhas, tão preocupantemente relegadas para o grupo de crianças “com necessidades adotivas particulares”.

Palavras-Chave: adoção tardia, perspetiva parental, *grounded theory*, relações afetivas

## **Abstract**

Generally, in adoption, and particularly in the adoption of older children, the familiar system is met with various challenges after the child's arrival, such as the adaptation period, his or her communication about his or her past, and, the greater challenge of all: the development of an affective relationship. This study seeks to understand the construction process of the relationships in adoptive families of older children. It also proposes to get to know the communicational process about the adoption and the parents' ideas about late adoption.

Interviews were conducted to 7 parent dyads of late adopted children. At the time of the parents' interview, children aged between 4 and 9 years old, and the adoption time varied between 6 months and 5 years. The interviews were conducted in the families' home and were then transcribed and submitted to content analysis using the grounded theory. From the system of emerging categories and macrocategories, a descriptive text was composed about the parents' perspective of their families' experiences regarding the adoption of older children.

Results showed that in an early stage the child can manifest his or her insecurity through different behaviours which oscillate from opposition/challenge to emotional needs inhibition and distance from the parental figures. It was found that, initially, the child tends to approach one member of the couple, the father, and to distance himself or herself from the mother figure by showing resistance to the mother's approaching attempts. These challenging and resistance behaviours tend to fade away with time, therefore establishing a functional triangulation as Bowen predicts. From the communication openness about adoption, it was highlighted that the initiative comes from the children otherwise the subject is not approached, which suggests the parents' difficulty in bringing it about even though the importance of talking about it naturally is acknowledged. Regarding the ideas about the adoption of older children, the adoptive parents would advise other families to risk a late adoption presenting as an advantage the fact that they did not have to make the revelation about the adoption as he or she already knows his or her history, and the fact that they understand the child better because he or she is capable of verbally express his or her needs.

From this study results a narrative-type of the familiar experiences in adopting older children which, on one hand reflects this phenomenon complexity, and on the other hand the parents' positive perspective regarding the adoption. This could be useful in the future for professionals that support adoptive families during the phases of pre-and post-adoption, and also for the adoption candidates' training by making an appeal for the adoption of older children, whose are so worryingly consigned to the "children with particular adoptive needs" group.

**Keywords:** late adoption, parental perspective, grounded theory, affective relationships

## Résumé

Dans l'adoption, en général et dans l'adoption des enfants plus âgés, en particulier, le système familial est confronté à plusieurs défis après l'arrivée de l'enfant, comme le période d'adaptation, la communication avec l'enfant sur son passé et, sur tout, la construction d'une relation affective. Cette étude vise à comprendre le processus de construction de relations dans les familles adoptives d'enfants plus âgés. Il propose également de connaître le processus de communication sur l'adoption et les idées des parents sur l'adoption tardive.

Ont été réalisées entrevues avec sept dyades parentales adoptives des enfants plus âgés. Les enfants adoptés avaient entre quatre et neuf ans au moment de l'entrevue avec les parents adoptives, variant le temps d'adoption de six mois à cinq ans. Les entrevues ont été réalisées dans les domiciles des familles participantes, transcrites plus tard et soumis à une analyse de contenu à travers la *grounded theory*. A partir du système des catégories émergentes et des macrocatégories, un texte descriptif du point de vue des parents sur les expériences familiales dans l'adoption des enfants plus âgés a été écrit.

Les résultats ont démontré que l'enfant, à une étape initiale, peut exprimer son insécurité par différents comportements, qui varient de l'opposition / défi, l'inhibition de leurs besoins émotionnels et le éloignement des figures parentales. On a constaté que l'enfant a tendance à s'approcher initialement l'un des éléments du couple, le père, et à s'éloigner de la figure maternelle, offrant une résistance à leurs tentatives de rapprochement. Ces comportements de provocation et d'opposition à la mère ont tendance à se dissiper dans le temps, s'établissant la triangulation fonctionnelle, prédite par Bowen. De l'ouverture de la communication sur l'adoption, Il a été souligné que l'enfant prend l'initiative ou, sinon, le sujet n'est pas abordé, suggérant la difficulté d'être confronté à ce problème par les parents, bien qu'il soit mentionné l'importance de parler naturellement sur le sujet. Face aux idées sur l'adoption des enfants plus âgés, les parents adoptives conseillent aux autres familles de risquer cette modalité d'adoption, montrant comme un avantage de ne pas avoir à révéler l'adoption, parce qu'elle est bien informée de son histoire, et mieux comprendre l'enfant, parce que l'enfant est capable d'exprimer verbalement ses besoins.

De l'étude, résulte un type narratif des expériences familiales dans l'adoption des enfants plus âgés, qui montre d'une part la complexité de ce phénomène et, d'autre part, la perspective positive des parents adoptives face à l'adoption. Cela peut être utile pour les professionnels dans l'appui aux familles adoptives, dans la phase pré- et post-adoption, et dans la formation des candidats à l'adoption, constituant un appel à l'adoption d'enfants plus âgés, qui sont de manière inquiétante relégués au groupe des enfants "avec des besoins adoptifs particuliers".

Mots-clés: adoption tardive, perspective parentale, grounded theory, relations affectives



## Índice

Introdução .....	1
Enquadramento Teórico .....	3
1. Teoria dos sistemas familiares de Bowen.....	3
2. A família com filhos por adoção .....	5
2.1. Dinâmica familiar após a chegada da criança .....	6
2.2. Comunicação sobre a adoção com a criança .....	7
2.3. Construção de uma ligação afetiva entre a criança e os pais .....	8
3. Adoção de crianças mais velhas .....	10
Estudo empírico .....	15
1. Método.....	15
1.1. Introdução.....	15
1.2. Participantes .....	16
1.3. Materiais.....	16
1.4. Procedimentos .....	17
Resultados e Discussão.....	18
1. Sistema de categorias.....	19
2. Relações afetivas e Abertura da comunicação sobre o processo de adoção.....	20
2.1. Relações Afetivas .....	20
2.2. Abertura da comunicação sobre o processo de adoção .....	27
3. Narrativas família a família .....	30
4. Narrativa padrão .....	40
Conclusão .....	43
Referências Bibliográficas.....	48

## **Lista de Anexos**

### **Anexo I: Dados relativos à criança e aos pais**

### **Anexo II: Árvore de categorias**

**Anexo II-A:** Esquema geral das categorias

**Anexo II-B:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Adaptação e Integração’

**Anexo II-C:** Subcategorias constituintes da categoria ‘Construção da relação afetiva com a criança’ e ‘Fatores facilitadores da relação’

**Anexo II-D:** Subcategorias constituintes da categoria ‘Família alargada e amigos’

**Anexo II-E:** Subcategorias constituintes das categorias ‘Dificuldades’ e ‘Receios’

**Anexo II-F:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Abertura da comunicação sobre adoção’

**Anexo II-G:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Vivência da Parentalidade’

**Anexo II-H:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Ideias acerca da adoção tardia’

### **Anexo III: Quadro relativo à dimensão de análise – Adaptação e Integração**

### **Anexo IV: Quadro relativo à dimensão de análise – Relações Afetivas**

### **Anexo V: Quadro relativo à dimensão de análise – Dificuldades e Receios sentidos pelos pais neste processo**

### **Anexo VI: Quadro relativo à dimensão de análise – Abertura da comunicação sobre adoção**

### **Anexo VII: Quadro relativo à dimensão de análise – Vivência da Parentalidade**

### **Anexo VIII: Quadro relativo à dimensão de análise – Ideias acerca da adoção tardia**

## **Índice de Figuras**

Figura 1. Formação do triângulo .....	23
Figura 2. Efeitos da formação do triângulo .....	23
Figura 3. Formação de triângulos interligados .....	24

## Introdução

A adoção tem sido um conceito e processo amplamente estudado por se tratar de um processo complexo, emocionalmente exigente e de elevada importância, uma vez que proporciona à criança uma oportunidade de se reparar face às adversidades vividas precocemente no seio da sua família de origem. A literatura referente ao tema tem colocado o seu foco, maioritariamente, na criança e no impacto que esta experiência pode ter no seu desenvolvimento. Palacios e Brodzinsky (2010) descrevem que as primeiras duas grandes tendências dos estudos no domínio da adoção se debruçaram, respetivamente, sobre o que diferenciava as crianças adotadas das não adotadas e sobre o estado desenvolvimental da criança na chegada à nova família e após algum tempo de convivência com esta.

No entanto, sendo o objetivo central da adoção proporcionar uma nova família à criança, que seja capaz de colmatar as falhas e danos provocados pela sua família de origem, onde a criança possa desenvolver vinculações seguras, ver as suas necessidades satisfeitas e o seu desenvolvimento estimulado, torna-se essencial estudar a adoção a partir de uma visão sistémica, que não exclui a atenção dada à criança, mas integra-a no sistema da família adotiva. Esta é a premissa da terceira tendência de estudos sobre a adoção: compreender os processos e fatores que atuam no indivíduo adotado e/ou na família adotiva (Palacios & Brodzinsky, 2010).

O presente estudo insere-se nesta tendência ao procurar compreender quais são os processos e os fatores que estão na base da construção das relações familiares, em particular, no caso da modalidade de *adoção tardia*, sendo a idade da criança uma característica frequentemente associada a dificuldades sentidas pelos pais adotivos no período de pós-adoção (McDonald, Propp, & Murphy, 2001) e um forte e consistente preditor da disrupção do processo de adoção (Marinho, 2012).

Deste modo, a presente dissertação, de carácter exploratório, pretende, através das principais categorias obtidas a partir da análise de conteúdo de entrevistas efetuadas a pais adotivos, construir uma narrativa sistémica descritiva do fenómeno em estudo – a construção da família na modalidade de adoção tardia. A investigação pretende ainda explorar, em maior detalhe, o processo de construção da relação afetiva entre a criança e os pais, a abertura da comunicação sobre a adoção e as ideias dos pais adotivos sobre a *adoção tardia*.

Assumindo um olhar sistémico, o presente trabalho define como unidade de análise as interações familiares estabelecidas no contexto da adoção tardia e abandona, como quadro interpretativo, a lógica da causalidade linear. Em contraste, adota-se a visão circular de que no seio do sistema familiar “o comportamento de um dos seus membros é indissociável do

comportamento dos restantes e aquilo que lhe acontece afeta a família no seu conjunto” (Alarcão, 2002, p.40) recorrendo à teoria dos sistemas familiares proposta por Bowen.

Esta dissertação contará com as seguintes secções: o enquadramento teórico, onde será feita uma revisão da literatura acerca da teoria dos sistemas familiares de Bowen, das particularidades das famílias com filhos por adoção e, dentro destas, as famílias com filhos adotados tardiamente; o método, onde serão apresentadas as estratégias metodológicas adotadas como a *grounded theory* enquanto método de análise; a apresentação e discussão dos resultados, onde se integrará os resultados e excertos do discurso dos participantes na teoria; e, por último, a conclusão, que consiste numa reflexão final acerca dos principais resultados obtidos, bem como das limitações do estudo, possíveis implicações práticas e sugestões para investigações futuras.

## **Enquadramento Teórico**

O presente estudo tem como objetivo principal conhecer quais são os processos e fatores envolvidos na construção das relações afetivas nas famílias adotivas de crianças mais velhas. Recorrendo a um olhar sistémico, o foco da investigação não se centra na criança ou nos pais, mas nas interações que estabelecem, de modo a ampliar a compreensão do processo de construção da relação familiar entre ambos.

A construção da relação afetiva entre a criança e os pais adotivos não é um processo linear. Por sua vez, caracteriza-se por ser complexo e dinâmico, marcado por avanços e retrocessos, que espelham um duplo esforço: o do sistema familiar, em adaptar-se à mudança provocada pela introdução de um novo elemento, e o da criança, em conquistar a sua segurança num contexto desconhecido (Mateus & Relvas, 2002).

A teoria dos sistemas familiares de Bowen destaca-se, no quadro teórico sistémico, como uma opção de leitura deste fenómeno, uma vez que ilustra os movimentos internos e externos da família em busca do equilíbrio e o efeito destes no desenvolvimento do indivíduo (neste caso, a criança). Em seguida, apresenta-se, de forma mais detalhada, a teoria de Bowen, dando-se ênfase a um dos seus conceitos mais importantes e chave na presente investigação: os triângulos.

### **1. Teoria dos sistemas familiares de Bowen**

Os indivíduos, como organismos vivos que são, não se desenvolvem no vazio. Pelo contrário, desenvolvem-se em sistemas emocionais, contextos onde os organismos existem e onde os diversos elementos que o constituem se conectam através de princípios previsíveis de organização (Winek, 2009). Uma das unidades emocionais é a família, onde os processos emocionais se expressam através de duas forças instintivas: a proximidade e a individualidade (Titelman, 2012). O equilíbrio destas forças assegura a diferenciação do *self*, no sentido em que o indivíduo é capaz de funcionar autonomamente, fazendo escolhas autodirigidas e mantendo-se, simultaneamente, ligado emocionalmente aos elementos da família (Brown, 1998; Winek, 2009). Contudo, o desequilíbrio destas forças (i.e., excesso de proximidade ou de distanciamento) pode gerar ansiedade no sistema familiar (Brown, 1999), onde demasiado distanciamento pode resultar em famílias desligadas e alienadas e o excesso de proximidade pode conduzir a famílias emaranhadas, onde a fusão impede a diferenciação dos seus elementos (Winek, 2009).

A diferenciação do *self* é o pilar da teoria de Bowen e este conceito define as pessoas de acordo com o grau de fusão ou diferenciação entre o funcionamento emocional e intelectual (Bowen, 1976). Num extremo muito baixo, surgem os indivíduos cujas emoções e pensamentos estão tão fundidos que as suas vidas são orientadas pelo sistema emocional. Consequentemente, estes são os indivíduos menos flexíveis e adaptáveis e mais emocionalmente dependentes de

outros (Bowen, 1976; Brown, 1999). Bowen (1976) considera que estes indivíduos vivem prisioneiros num mundo emocional, onde o sistema intelectual (e.g., a lógica, a razão) é apenas um apêndice do emocional. No outro extremo, surgem os indivíduos diferenciados que, em momentos de maior tensão, são capazes de manter o sistema intelectual ativo e, como tal, adaptam-se melhor e são mais independentes emocionalmente (Bowen, 1976; Brown, 1999).

De acordo com Bowen (1976), o sistema formado por duas pessoas (i.e., a díade) mantém-se estável em períodos de acalmia, mas quando a ansiedade aumenta, este imediatamente envolve um outro elemento, formando um triângulo. A ansiedade instalada na díade é diminuída e equilibrada à custa de um terceiro elemento, para onde, geralmente, a tensão é transferida (Titelman, 2012). Deste modo, Bowen (1976) descreve o triângulo como a molécula, a unidade mais básica de qualquer sistema emocional, que ilustra os movimentos de fusão e distanciamento que, por sua vez, ditam o grau de integração das forças de proximidade e individualidade (Titelman, 2012). Este conceito está intimamente ligado ao conceito de diferenciação, uma vez que quanto maior é o grau de fusão numa relação, mais forte é a atração para preservar a estabilidade emocional através da formação de um triângulo (Brown, 1999).

Quando a tensão dentro do triângulo é muito elevada e os três elementos não a conseguem reduzir, estes podem envolver outros elementos, formando uma série de triângulos interligados (Bowen, 1976; Titelman, 2012). Bowen (1976) considera que a externalização bem-sucedida ocorre quando a tensão da família é transferida para elementos externos, permitindo que a família permaneça calma.

Titelman (2012) refere que a triangulação é um processo que surge sempre que ocorrem mudanças nos níveis de conforto das relações diádicas, que se inserem numa unidade emocional de maior escala (i.e., família nuclear, família alargada ou ambas). De acordo com o autor, os triângulos emergem ou cristalizam quando a estabilidade na relação entre duas pessoas entra em desequilíbrio pela tensão provocada por transições do ciclo de vida familiar (e.g., casamento, nascimento de um filho, morte, doença, divórcio), destacando as adições e perdas de elementos como os fatores mais significativos na alteração da estabilidade do sistema emocional.

A adoção destaca-se como um acontecimento que integra um novo elemento no sistema familiar e como a vivência de uma nova experiência (a parentalidade adotiva) que, como tal, irá destabilizar o equilíbrio do sistema emocional (i.e., a família). De acordo com a teoria de Bowen, para responder a este desequilíbrio (que origina tensão), a família recorre a movimentos de proximidade e distanciamento entre os seus elementos (Titelman, 2012), na expectativa de reencontrar estabilidade. A oscilação entre as duas forças é responsável pelo desenvolvimento saudável da criança, na medida em que o seu equilíbrio permitirá a sua diferenciação.

## **2. A família com filhos por adoção**

Kirk (1960, citado em Mateus & Relvas, 2002) foi um dos primeiros autores a destacar a necessidade de se distinguir o funcionamento das famílias biológicas das famílias adotivas, uma vez que sem esta diferenciação, os pais adotivos encontrariam dificuldades em assumir o seu papel parental fruto das expectativas criadas. Na prática parental adotiva, estes indivíduos acabariam por se confrontar com situações que são únicas da adoção e para as quais não estariam preparados. A partir daí, vem sendo reiterado pela pesquisa na área que a parentalidade adotiva compreende uma série de desafios e características que a tornam numa experiência distinta da parentalidade biológica (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; McKay & Ross, 2010; Palacios, 1998).

Os pais adotivos vivem uma experiência completamente diferente da dos pais biológicos, sublinhando Kirk (1960, citado em Mateus & Relvas, 2002) que tal começa desde logo pela vivência da infertilidade e consequente incapacidade de experienciarem a celebração da gravidez. O confronto frequente com a dificuldade ou impossibilidade em engravidar, leva o casal a refletir acerca do valor e significado que a parentalidade tem para si, bem como em estratégias alternativas para realizarem o desejo de serem pais (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Salvaterra & Veríssimo, 2008). É nesta procura que surge a adoção como uma opção alternativa, que torna possível ao casal abraçar a parentalidade.

No entanto, após a vivência da infertilidade, enquanto transição não-normativa do ciclo de vida familiar e da tomada de decisão da adoção, o casal depara-se ainda com uma série de desafios relacionados com o processo de adoção em si mesmo. Entre estes surge a necessidade de aprovação de outros antes de conseguirem ser pais, o tempo de espera altamente variável e imprevisível do processo (tornando-o tão diferente de uma expectativa de nove meses na gravidez), o estigma social associado à adoção e ainda a existência de poucos modelos de referência de famílias que adotaram, conduzindo à criação de expectativas irrealistas tanto em relação à criança, como ao processo de adaptação de uns e de outros no início de vida conjunta e construção da família (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Estes desafios iniciais não são exclusivos dos casais cuja motivação para adotar se associa à vivência da infertilidade. Pelo contrário, são comuns a todas as famílias adotivas, incluindo as que partem para a adoção mobilizadas por outras motivações.

Com a chegada da criança, assinala-se uma nova transição para o sistema familiar: a entrada de um novo elemento. Katz (1977) indica que a chegada da criança corresponde a um momento de crise no sistema familiar, à semelhança do que acontece com o nascimento de um filho. O sistema fica sob *stress* e o equilíbrio até então existente é destabilizado. As relações entre os vários elementos da família, as rotinas e interações familiares, os papéis e funções que cada membro desempenha são desafiados, algumas relações diádicas podem formar-se,



enquanto outras se alteram, existindo a necessidade de transformação e revisão dos padrões de funcionamento, para que o sistema familiar se possa adaptar ao seu novo membro e para que este (i.e., a criança), por sua vez, se possa adaptar à família e senti-la como sua (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Katz, 1977).

Inicia-se o processo de adaptação mútua e da construção de uma forte ligação afetiva (Mateus & Relvas, 2002), que é facilitada se os pais conseguirem satisfazer as necessidades da criança e se esta, por sua vez, for ao encontro das expectativas criadas pelos pais (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Estes encontram-se no início do período de construção da parentalidade psicológica, uma vez que biologicamente não há quaisquer laços que os unam à criança. De acordo com Hoksbergen (1995) a parentalidade psicológica constrói-se através da quantidade e da qualidade do tempo que o casal dedica e passa com a criança, onde as experiências do quotidiano, a partilha dos bons e maus momentos, o acompanhamento do crescimento e o desenvolvimento da criança são essenciais para que esta e os pais se conheçam e adaptem mutuamente, bem como para que um vínculo afetivo seguro floresça e se fortifique.

No entanto, neste período os pais confrontam-se também com os maiores desafios do processo de adoção (Palacios, 1998) como a dinâmica familiar após a chegada da criança, a comunicação sobre a adoção com a criança e construção de uma ligação afetiva entre esta e os pais, que serão abordados, respetivamente, em seguida.

### **2.1. Dinâmica familiar após a chegada da criança**

Quando a criança chega à família, os pais podem, finalmente, exercer a parentalidade, papel preenchido por várias exigências. Num estudo realizado em Ontário (Canadá), McKay e Ross (2010) procuraram explorar as necessidades de apoio dos pais adotivos no período após a chegada da criança à família. Através da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas a nove participantes, os autores concluíram que as principais exigências e desafios que os pais adotivos encontram na transição para a parentalidade adotiva são o isolamento social e medo (face às novas responsabilidades parentais), a falta de suporte da família alargada e amigos, e as exigências relacionadas com a parentalidade em si mesma como colocar os limites. McGlone, Santos, Kazama, Fong, e Muller (2002) conduziram um estudo acerca do *stress* parental em famílias adotivas de crianças com necessidades especiais, realizando entrevistas aos pais adotivos. A partir da análise destas, identificaram cinco categorias de *stress* como as características da criança (e.g., comportamentos como roubo, mentira, agressão), as interações entre os pais e a criança (e.g., desobediência, testar os limites), a coesão familiar, o ajustamento parental e questões relacionados com os serviços de adoção (e.g., falta de informação adequada sobre a criança).

Num estudo semelhante, Bejenaru e Roth (2012) investigaram os eventos stressores com que as famílias adotivas romenas se deparam ao longo das diferentes etapas do seu ciclo vital.

Através da análise de entrevistas narrativas efetuadas a nove mães adotivas de crianças com idade compreendida entre os cinco meses e os cinco anos, os autores concluíram que no período anterior à adoção surge o desejo de ter um filho e a infertilidade, a decisão de adotar e o processo de adoção; no período de ajustamento surge a incerteza em relação à chegada da criança à família, a pressão para assumir imediatamente o papel parental, a falta de informação sobre a criança e os custos associados; e na fase de pós-adoção surgem os problemas de desenvolvimento específicos da criança adotada e a comunicação com a mesma sobre a adoção.

De acordo com Rushton (2003), os pais adotivos confrontam-se com três grandes desafios na adaptação à criança: os problemas emocionais e/ou comportamentais manifestados pela criança; possíveis necessidades especiais que a criança possa ter (e.g., necessidades educativas); e a dificuldade em construir um vínculo afetivo seguro com a criança.

De forma a ultrapassar estas dificuldades, surgem vários fatores facilitadores como as experiências positivas proporcionadas pela parentalidade (e.g., ver a criança desenvolver-se), a própria superação dos desafios (e.g., alcançar o objetivo de serem pais) e a convergência entre o casal (McKay & Ross, 2010; Nogueira, 2015). Contudo, o apoio e suporte de outros (e.g., família alargada, amigos e apoio profissional) parece ser o fator com maior impacto na superação dos desafios encontrados no período pós-adoção (Bejenaru & Roth, 2012; McKay & Ross, 2010; Pinderhughes, 1996), sendo que a falta de apoio está associada a maiores níveis de *stress* sentidos pelos pais adotivos (Bird, Peterson, & Miller, 2002).

## **2.2. Comunicação sobre a adoção com a criança**

Brodzinsky (2006) considera que a comunicação sobre a adoção se estende além da troca de informações, compreendendo também a partilha e suporte emocional face às emoções da criança, bem como a construção conjunta do significado da adoção. Jones e Hackett (2007) reforçam esta ideia, sugerindo que a abertura da comunicação consiste num processo de exploração do significado da adoção para todos os elementos da família adotiva. Deste modo, falar de adoção envolve muito mais do que revelar a adoção à criança e, como tal, trata-se de um processo e não de um momento único no tempo (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016).

Relativamente ao início da comunicação sobre a adoção, a literatura indica que este processo deve começar o mais cedo possível, assim que a criança chega à família ou quando a idade desta se situa entre os 2 e 4 anos, sendo que a complexidade da comunicação (i.e., quantidade e tipo de informação partilhada) deve acompanhar o desenvolvimento da criança (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016; Brodzinsky, Singer, & Braff, 1984).

Como referido anteriormente, a comunicação sobre a adoção com a criança é percecionada pelos pais adotivos como um evento stressor da fase pós-adoção (Bejenaru & Roth, 2012), onde os pais e a criança se debatem para alcançar um nível de abertura da

comunicação a que tanto eles como os profissionais aspiram (Jones & Hackett, 2007). Esta tarefa pode tornar-se mais exigente em casos de adoção de crianças mais velhas (Howe & Feast, 2003, citado em Barbosa-Ducharne & Soares, 2016), onde além da adoção, também devem ser abordadas as memórias da criança referentes ao seu passado (Palacios, 2010).

Jones e Hackett (2007) realizaram um estudo com mães e pais adotivos, onde, através das suas narrativas, exploraram os desafios que estes sentiam quando falavam com os filhos sobre adoção e as estratégias a que recorriam para gerir tais dificuldades. Concluíram que os principais desafios são a complexidade e sensibilidade das histórias de adoção, a gestão de uma perspetiva positiva, mas também honesta em relação à narrativa de adoção e a satisfação das necessidades individuais da criança (i.e., não saber que assuntos devem ser abordados e quando devem ser falados). Os autores referem que, enquanto algumas crianças evidenciam curiosidade sobre a adoção, outras não manifestam qualquer interesse, o que envolve os pais no dilema entre serem proativos ou reativos ao questionamento dos filhos.

Para ultrapassarem estas dificuldades, os pais adotivos recorrem a variadas estratégias como a criação de histórias positivas para a criança, a criação de aberturas para que surja a conversa sobre adoção (e.g., recorrendo a um álbum de fotografias), socorrem-se de histórias de outros (i.e., criam um paralelo entre a história de outra pessoa e a adoção, de forma a explorar o tema) e procuram ser emocionalmente empáticos, colocando-se no lugar da criança de forma a compreender qual a melhor forma de comunicar. Os autores referem que também as crianças, à medida que crescem, se tornam mais autoconscientes sobre as questões que colocam, tendo em consideração os sentimentos que estas podem desencadear nos pais adotivos.

### **2.3. Construção de uma ligação afetiva entre a criança e os pais**

Melina (1998, citado Mateus & Relvas, 2002) sugere que a família adotiva só começa verdadeiramente quando se estabelece uma ligação afetiva entre a criança e os pais.

Na fase de adaptação à criança e da construção de uma ligação afetiva com esta, os pais adotivos procuram ver e sentir a criança como sua. Este sentimento de pertença, na família adotiva, passa necessariamente por um reconhecimento legal jurídico de que a criança é efetivamente um elemento da família (Mateus & Relvas, 2002).

Neste sentido, Smith (1997) indica que, contrariamente às famílias biológicas, as famílias adotivas necessitam de ultrapassar um conjunto de etapas antes de serem consideradas famílias. Para o autor estas fases dizem respeito ao processo de “*claiming*” e ao processo de “*entitlement*”, sendo que o *claiming* corresponde a um processo social, enquanto o *entitlement* é um processo psicológico. Assim, Smith (1997) define o *claiming* como o processo de anunciar aos outros a chegada da criança (nas famílias biológicas seria o correspondente ao anúncio do nascimento da criança) bem como o estabelecimento de um compromisso de vida com a criança onde se incluem os direitos, as responsabilidades e privilégios. Por sua vez, o *entitlement* é

descrito como um processo mais complexo, que diz respeito ao sentimento de direito do adulto em ser pai da criança e ao sentimento de pertença que a criança sente em relação à família (i.e., sentir-se parte daquela família; sentir a família como sua).

Para Smith (1997) o *entitlement* é a dinâmica base da família adotiva e corresponde à percepção e sentimento de que a criança é, por direito, da família. Enquanto que, para os pais biológicos, este processo ocorre naturalmente e de forma inconsciente, para os pais adotivos esta é uma etapa do processo da construção da parentalidade psicológica, na qual sentem que a criança lhes pertence incondicionalmente, ainda que reconheçam não terem sido eles os responsáveis por a trazer ao mundo.

No entanto, o processo de construção de um vínculo seguro pode ficar comprometido se os pais sentirem dificuldade em afirmar a criança como sua, o que pode resultar da falta de apoio por parte da família e amigos e/ou quando as suas expectativas em relação à criança não se confirmam (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). A perda resultante da infertilidade pode também comprometer a disponibilidade dos pais para se envolverem na construção de um vínculo afetivo seguro com a criança, uma vez que o processo de luto pode não ter sido ainda elaborado ou finalizado, inibindo a capacidade de formar e manter relações de vinculação (Bowlby, 1980; Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

Além de fatores relacionados com os pais adotivos, também existem fatores relacionados com a criança que podem colocar em risco o desenvolvimento de um vínculo afetivo seguro entre ambos. Brodzinsky e Pinderhughes (2002) destacam as crianças que são colocadas para a adoção quando são mais velhas (e que constituem, posteriormente, as adoções tardias), as que já estiveram envolvidas em várias relações de vinculação e ainda as que viveram experiências de negligência e/ou abuso antes de terem sido retiradas às famílias de origem e colocadas para a adoção.

Neste sentido, segundo Mateus e Relvas (2002) “a adoção implica, necessariamente, uma perda para todos os elementos que compõem a diáde da família adotiva, isto é, para pais e criança” (p. 132). Estas perdas influenciam e têm impacto em todos os membros da família, podendo dificultar a adaptação da criança bem como a formação de um laço afetivo entre esta e os pais adotivos. A criança confronta-se com questões de identidade (i.e., sentir-se diferente dos outros por ter sido adotada) e com o facto de ter sido abandonada pela sua família de origem, enquanto os pais têm de lidar com a ausência de um vínculo genético e de semelhanças físicas e/ou nas características de personalidade. Além disso, tanto para a criança como para os pais, a adoção traduz-se em abandono: na criança, significa o abandono e término dos contactos com a sua família biológica e, para os pais adotivos, traduz-se no abandono definitivo da esperança de vir a ter um filho seu (i.e., biológico).

No entanto, a construção de um vínculo seguro entre a criança e os pais adotivos não só é possível, como pode minimizar, a longo prazo, alguns dos efeitos negativos manifestados pela criança fruto das suas experiências e relações passadas. Num estudo longitudinal conduzido por Hodges, Steele, Hillman, Henderson e Kaniuk (2003) acerca das narrativas de crianças adotadas mal tratadas, verificou-se que, após um ano de integração na família adotiva, as crianças apresentaram algumas diferenças nas suas representações de vinculação, incluindo crianças mais velhas. As representações positivas associadas às características dos adultos, à capacidade destes em ajudar a criança e perceber quando esta necessita de si aumentaram. Apesar de algumas representações negativas não terem diminuído significativamente, após um ano, as crianças desenvolveram representações novas e mais positivas face aos adultos. Tal demonstra que, embora algumas representações apresentem um carácter mais duradouro, outras podem ser positivamente desenvolvidas, restaurando o desenvolvimento saudável das crianças.

### **3. Adoção de crianças mais velhas**

A adoção de crianças que já não são bebés é usualmente intitulada por “adoção tardia”. Este termo é utilizado para designar a adoção de crianças com idade superior a dois anos (Vargas, 1998; Weber, 1998 citado em Camargo, 2005), que já não são consideradas completamente dependentes do adulto para satisfazerem algumas das suas necessidades básicas (Vargas, s.d). A autora alerta para o facto de, no entanto, algumas crianças na faixa etária dos dois e três anos poderem não apresentar níveis de desenvolvimento compatíveis com a sua idade (e.g., fala não desenvolvida, locomoção pouco desenvolvida) e, deste modo, ainda que pela idade pudessem ser consideradas adotadas tardiamente, a sua adaptação poderá não apresentar as características típicas da adoção tardia.

Andrei (2001, citado em Dias, Silva & Fonseca, 2008) destaca que dentro do grupo de crianças adotadas tardiamente, estas podem apresentar diferentes características e necessidades de acordo com a sua idade. Segundo a autora, crianças adotadas entre os 2 e os 6 anos apresentam uma grande disponibilidade para receber amor, facilitando o período de adaptação; crianças com idade entre os 7 e os 10 anos requerem muito amor e disponibilidade por partes dos pais, de forma a reconstruir a esperança perdida e a enfrentar a revolta referente ao passado; dos 11 aos 14 anos surgem os pré-adolescentes, que vivenciaram mais anos de rejeição e a sua adaptação pode ser mais difícil, exigindo aos pais a capacidade de compreensão face a possíveis problemas e capacidade de ajudar a criança a construir novos significados em relação ao seu passado.

Além da idade, as crianças inseridas nesta modalidade de adoção também se caracterizam por terem vivido e terem frequentemente memórias de histórias de negligência e/ou abuso no seio das suas famílias biológicas, por terem estabelecido vinculações inseguras com os seus cuidadores primários e por terem uma longa vivência institucional, todos eles

aspectos possíveis de comprometer o seu desenvolvimento (Haugaard, Wojslawowicz, & Palmer, 1999; Hodges et al., 2003). Consequentemente, estas crianças podem sofrer de atrasos desenvolvimentais nos domínios cognitivo, social, emocional e até físico, necessitando de cuidados especiais.

Salvaterra e Veríssimo (2008) indicam que as crianças mais velhas trazem uma história e um conjunto de vivências que causarão dificuldades no seu ajustamento à família, bem como na construção de uma ligação afetiva à família adotiva. Trata-se de uma característica da criança que é frequentemente associada a dificuldades sentidas pelos pais adotivos no período de pós-adoção (McDonald et al., 2001). Tal como refere Marinho (2012), a idade da criança no momento em que é integrada na nova família é um forte e consistente preditor da disrupção.

De acordo com Palacios (1998), a institucionalização prolongada, a história prévia de conflitos graves e a presença de sérios problemas de comportamento são fatores de risco associados à criança e tendem a correlacionar-se com a sua idade no momento da adoção. Para o autor, as famílias que apresentam maior risco de problemas são aquelas que se constituem por crianças adotadas em idade tardia, com um longo período de institucionalização e uma história prévia de conflito e/ou com necessidades educativas especiais.

No seguimento da ideia de que a idade da criança pode ser um fator de risco ao sucesso da adoção, Katz (1986) defende que a criança frequentemente expressa uma forte resistência em deixar que os pais a conheçam e satisfaçam as suas necessidades, combatendo a dependência que levava os pais a sentirem gratos e, por sua vez, competentes. Ao invés, a criança rejeita e sabotas as tentativas de proximidade dos pais, o que contribui para que estes sintam que não existe uma relação parental entre eles e a criança e que pode dificultar a construção de um vínculo entre ambos.

Alarcão (2002) indica que o estabelecimento de tal vínculo pode ser mais difícil, uma vez que as relações iniciais da criança são marcadas por uma maior ambivalência e por esta já ter internalizado um modelo interno de vinculação insegura. Neste sentido, a autora explica que apesar da criança estar habitualmente disposta a aceitar a relação e os afetos dos pais adotivos, esta tem medo de ser abandonada novamente e, como tal, podem surgir vários comportamentos de provocação cujo objetivo é testar e garantir a disponibilidade e o amor dos pais. Os pais adotivos podem também ter medo e receio de não se conseguirem adaptar à criança ou de a conseguirem moldar, o que estimula o desenvolvimento de relações ambivalentes, em que nenhuma das partes consegue ver satisfeitas as suas necessidades (Alarcão, 2002).

Para Palacios (1998), no caso de adoções de crianças mais velhas, o desenvolvimento do sentimento de pertença (i.e., o *entitlement*) pode tornar-se verdadeiramente complicado. O autor defende esta ideia justificando que as crianças mais velhas podem já ter desenvolvido um sentimento de pertença a outras famílias (como a família de origem ou outras com as quais

tenham convivido, como famílias de acolhimento ou de afeto) que venha a estar na base de manifestação de comportamentos problemáticos na família adotiva. Para Palacios (1998), estas manifestações comportamentais de carácter mais agressivo e de revolta derivam do facto destas crianças terem aprendido a temer os adultos e, como tal, desconfiam das intenções dos pais adotivos, procurando testar os limites do que é permitido e resistindo às pressões de proximidade e socialização.

Identifica-se no discurso dos pais um forte preconceito em relação à *adoção tardia*, correspondente ao que a literatura diz, marcado por crenças e expectativas de que as adoções de bebés são indicativas de sucesso garantido e as adoções de crianças mais velhas são, por sua vez, representativas de fracasso (Weber & Kossobudzki, 1996, citado em Dias et al., 2008). Camargo (2005) aponta um conjunto de expectativas e crenças dos solicitantes à adoção como o medo de que a criança mais velha, por ter vivido a experiência da institucionalização e/ou da transição entre várias famílias, não seja capaz de se adaptar a uma família permanente devido a vários aspetos como uma possível “personalidade” já formada e “maus hábitos” incutidos; a expectativa negativa face à possibilidade de criação de um vínculo seguro com a criança, devido à sua história de abandono e rejeição por parte da família biológica; e a crença de que, ao longo do seu desenvolvimento, o desejo da criança em conhecer e reencontrar a família biológica será maior e será causador de conflitos.

Weber (1998, citado em Dias et al., 2008) defende que as adoções tardias nem sempre trazem problemas, mas devem ser entendidas como distintas das adoções de bebés, pelo facto de as crianças mais velhas terem um passado que, muitas vezes, deixou marcas significativas. Além das experiências adversas vividas na família biológica (e.g., maus tratos, negligência, abandono), estas crianças frequentemente passam pela vivência institucional que, por si só, também tem impacto no seu desenvolvimento.

Quererá, então, isto significar que não existem aspetos positivos na adoção de crianças mais velhas? Dias et al. (2008) procuraram compreender como é que os pais adotivos de crianças mais velhas percebiam a adoção tardia e se existiam vantagens nesta modalidade de adoção. Os participantes revelaram que as principais vantagens da adoção tardia se depreendem com o facto de, por ser uma criança mais velha e já ter alguma independência, não requerer tantos cuidados básicos como um bebé; que não necessitam de se preocupar com a revelação da origem da criança nem com a revelação sobre a adoção (pois esta sabe a sua história). Num estudo de Bejenaru e Roth (2012), verificou-se que alguns participantes optaram por crianças mais velhas de modo a poderem compreender claramente as suas necessidades, uma vez que estas já são capazes de as expressar verbalmente. Além disso, também foi indicado como motivo a idade avançada do adotante e o desejo de não interromperem a carreira profissional.

Embora desafiante, é possível ajustar o sistema familiar e reconfigurá-lo para que a integração da criança mais velha na família se concretize. Pinderhughes (1996) desenvolveu um modelo explicativo do reajustamento familiar na adoção de crianças mais velhas, no qual o processo adaptativo é conceptualizado como um processo evolutivo, desenvolvimental, normativo e que ocorre a diferentes níveis. Deste modo, o modelo é constituído por quatro etapas desenvolvimentais normativas (antecipação, acomodação, resistência e reestabilização), que se manifestam em diferentes níveis (individual, diádico e familiar) e em diferentes domínios de funcionamento (cognições, recursos, *stressores*, *coping* e representação da relação).

A autora define cinco domínios de funcionamento e considera-os relevantes no processo de reajustamento, sendo que: a) as cognições englobam as expectativas face a eventos ainda não ocorridos, mas também as apreciações face aos que já ocorreram; b) os recursos podem ser tanto internos (competência pessoal, qualidade das relações, coesão familiar e adaptação familiar) como externos (apoio instrumental e emocional prestado informalmente pela família e amigos e formalmente por profissionais); c) os *stressores*, que tendem a ocorrer na fase de pré e pós-adoção, mas que incluem experiências não apenas relacionadas com a adoção; d) *coping*, que é constituído pelo estilo individual e as interações diádicas e familiares; e e) a representação da relação, que envolve as cognições e interações entre os membros da díade, bem como o afeto estabelecido entre ambos.

A primeira etapa intitula-se de antecipação e compreende as expectativas e fantasias da criança e da família antes da chegada da criança ao sistema familiar. A família começa a discutir sobre o evento ainda não ocorrido (i.e., a chegada da criança) e cada elemento do casal constrói uma ideia de como será a criança e começam a convencer-se, a si próprios, de que serão pais, bem como ensaiam como irão agir neste novo papel. Por sua vez, a criança também formula uma ideia sobre a sua nova família e casa. Contudo, a criança e a sua nova família viveram experiências distintas face ao que representa a família e, fruto destas diferenças, podem construir expectativas diferentes de como funcionam as famílias.

A segunda etapa diz respeito à acomodação, que ocorre logo após a chegada da criança à família e envolve o testar dos limites pela criança, bem como a exploração das expectativas e da realidade por todos os membros da família. O sistema familiar começa a ajustar-se após o desequilíbrio instaurado com a entrada de um novo elemento, à medida que, ao nível individual, cada elemento explora e se ajusta o seu novo papel e, ao nível diádico, as relações são redefinidas e outras são criadas. Pinderhughes (1996) explica que a relação entre a criança e a família adotiva pode seguir três caminhos possíveis: 1) pode começar com uma interação muito positiva entre a criança e a família, sugerindo uma formação precoce de uma relação saudável entre ambos, na qual as interações são mais positivas do que aquilo que será esperado; 2) pode começar de forma caótica, com a família rapidamente envolvida num padrão de escalada de



interações negativas, em que, frequentemente, os elementos da família são confrontados com a incongruência entre as suas expectativas e a realidade e podem sentir-se bloqueados e incapazes, desenvolvendo sentimentos de ambivalência; 3) ainda que confrontados com a incongruência das suas expectativas e da realidade, a família pode ser flexível e capaz de ultrapassar a incongruência, conseguindo ultrapassar esta fase. A criança pode mostrar-se mais distante e até mesmo hostil, evitando envolver-se em interações recíprocas com a família e, deste modo, dificultar a criação de uma relação saudável entre ambos.

Para as famílias que não conseguem superar a fase de acomodação com sucesso e se veem envolvidas em sentimentos ambivalentes, pode surgir uma terceira etapa: a fase da resistência. Esta fase caracteriza-se pela ambivalência sentida em relação à criança e ao processo de adoção, na qual a família se sente dividida entre continuar com o processo ou cessá-lo. Nesta fase, as cognições são salientes, principalmente as atribuições que a família faz à fonte do problema que estão a viver. Assim, as famílias que atribuem a causa dos problemas à criança podem criar a expectativa de que é esta quem tem de mudar para que a acomodação ocorra. Por outro lado, há famílias que compreendem que os problemas resultam da própria fase que estão a viver, havendo partilha de responsabilidade na resolução do problema. Deste modo, a fase da resistência é um momento de grande tensão e *stress* para o sistema familiar, que se vê confrontado com a necessidade de tomar uma decisão. É nesta fase que as estratégias de *coping* aplicadas podem ser decisivas, estabelecendo se a família permanece nesta fase de tensão ou, pelo contrário, consegue avançar para a fase de reestabilização do equilíbrio.

A quarta e última etapa é a fase da reestabilização, que ocorre quando a família alcança uma nova forma de equilíbrio na dinâmica e interação familiar. Quando há uma integração positiva e funcional da criança, os membros da família conseguem ajustar as suas expectativas à realidade. Segundo a autora, cada elemento da família consegue encontrar um equilíbrio, balanceando a autonomia e a dependência nas relações e com a família. Em suma, o sistema familiar integra a criança de forma positiva, de forma a promover e investir no seu funcionamento individual saudável e na mútua interdependência.

Quando ocorre uma integração disfuncional da criança, frequentemente verifica-se que o sistema familiar fez poucas alterações no sentido de reajustar o sistema para acomodar o novo elemento. No fundo, a família não foi capaz de se complexificar, os seus elementos não fizeram grandes sacrifícios e/ou compromissos no sentido de facilitar a incorporação da criança. Neste tipo de situações, a criança é facilmente vista como o “bode expiatório” da família e frequentemente é considerada a fonte de todos os problemas.

A situação mais drástica ocorre quando a família cessa o processo de adoção, expulsando a criança do sistema e esta retorna à instituição, constituindo-se uma adoção falhada. Tal pode acontecer quando o sistema familiar não é capaz de gerir a desorganização instalada

pela entrada do novo membro, o *stress* vivido torna-se insuportável e todo o funcionamento do sistema fica comprometido (Marinho, 2012).

Neste sentido, Dias (2004, citado em Dias et al., 2008) descreve que o sucesso da adoção tardia depende de fatores como a aceitação da criança como ela é e da história que a define, o respeito pelo seu próprio ritmo, o não exigir mais da criança do que esta pode dar, a serenidade e equilíbrio, apoio dos familiares e amigos e, se necessário, procura de ajuda profissional e/ou em grupos de apoio, onde os pais adotivos possam conversar com outras famílias. Por sua vez, Katz (1986) considera que os fatores que caracterizam os “adotantes de sucesso” são a tolerância face à ambivalência e/ou sentimentos negativos fortes, a persistência e capacidade de compreender o comportamento da criança como o medo desesperado da proximidade desejada, a capacidade de encontrar felicidade em pequenos sinais de melhoramento, a flexibilidade do papel parental, a capacidade de olhar sistemicamente para a família, ter desenvolvido um sentimento de pertença forte, o recurso ao humor, o autocuidado e a capacidade de procurar e aceitar ajuda.

Considerando todos os desafios que ilustram a complexidade e exigência do processo de adoção tardia, torna-se pertinente conhecer e estudar casos de sucesso, correspondentes às famílias adotivas que foram capazes de se reorganizar e integrar positivamente a criança no sistema familiar. Deste modo, compreender como ocorre este processo nas famílias adotivas bem-sucedidas constitui o objetivo do presente trabalho, cujos resultados obtidos poderão ser úteis para os técnicos no seu serviço com as famílias no decorrer de todo o processo de adoção, nomeadamente na fase de transição da criança para o sistema familiar.

## **Estudo empírico**

### **1. Método**

#### **1.1.Introdução**

O principal objetivo desta investigação é compreender, através do olhar dos pais adotivos, a experiência da construção das relações familiares na adoção de crianças mais velhas. Pretende-se alcançar uma narrativa das vivências familiares a partir da análise dos conteúdos mais focados pelos pais adotivos.

Para o efeito, desenvolveu-se um estudo qualitativo focado na forma como os participantes descrevem e interpretam as suas experiências (Willig, 2012), recorrendo-se à *grounded theory* desenvolvida por Glaser e Strauss (1967) como método de análise. Este é um método que permite construir uma teoria a partir do fenómeno em estudo (Strauss & Corbin, 1998). Na *grounded theory*, a teoria construída consiste num texto descritivo do fenómeno estudado, derivada dos resultados da investigação (Rennie, Phillips & Quartaro, 1988).

Os objetivos específicos desta investigação consistem em: (1) compreender como são construídas as relações afetivas entre a criança e os pais adotivos após a chegada da criança à nova família; (2) investigar qual a abertura de comunicação sobre o processo de adoção e como é que os pais comunicam com a criança sobre a adoção; e (3) conhecer o que pensam os adotantes de crianças mais velhas acerca da adoção tardia.

## **1.2.Participantes**

O estudo foi conduzido com sete famílias que adotaram crianças mais velhas. A idade de integração da criança na família foi utilizada como critério de inclusão para o estudo, optando-se pela definição de adoção tardia proposta por Vargas (1998). Deste modo, foram adotadas crianças que, no momento em que foram integradas na nova família, tinham idade superior a dois anos.

Nas famílias estudadas conta-se com 10 crianças no total, cuja informação referente a cada criança pode ser consultada na tabela 1 no anexo I. Todos os nomes reais das crianças foram substituídos por nomes fictícios, de forma a assegurar o anonimato, de acordo com o consentimento informado assinado pelos participantes.

Três das sete famílias estudadas adotaram fratrias de dois irmãos e as quatro restantes adotaram apenas uma criança. O tempo de adoção (i.e., desde o momento em que a criança chega à família até ao momento em que a entrevista foi realizada) varia dos 6 aos 60 meses ( $M = 20.42$ ;  $DP = 18.15$ ).

Em todos os casos a adoção foi realizada por casais heterossexuais, sendo que todos apresentam estado civil de casados. A informação referente aos dados sociodemográficos dos pais apresenta-se na tabela 2, que pode ser também consultada no anexo I.

## **1.3.Materiais**

Para conhecer a vivência dos pais e as suas ideias, elaborou-se uma entrevista semiestruturada. A entrevista sobre o processo de adoção e dinâmica da vida familiar de Henriques e Cavadas (2012) tem como objetivo compreender o processo de adaptação da família após a chegada da criança e as principais práticas e rotinas do sistema familiar, abordando as seguintes categorias: 1) rotinas da criança e da família e contextos de cuidados; 2) comunicação sobre adoção; e 3) vivências relacionadas com o processo.

A entrevista foi realizada a ambos os pais adotivos, uma vez que se considerou que seria uma forma de melhor chegar ao sistema, ouvindo a versão “negociada” de ambos os adotantes, assim como, teria a vantagem de incluir a perspetiva paterna, a qual tem sido menos frequentemente considerada nos estudos com estas famílias.

## 1.4. Procedimentos

### 1.4.1. Procedimento de recolha dos dados

O processo de seleção de amostra foi levado a cabo pela investigadora responsável pelo projeto de Doutoramento ao qual o presente estudo se encontra vinculado. Num primeiro momento, as famílias receberam o contacto da investigadora, onde foi solicitada a sua participação, após terem sido explicitados os objetivos do estudo e terem sido fornecidas informações necessárias a respeito do mesmo.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios de cada uma das famílias que participaram, pela mesma investigadora (a estudante de doutoramento). Todas as entrevistas foram áudio-gravadas com o consentimento dos entrevistados.

### 1.4.2. Análise de dados

As entrevistas foram transcritas integralmente pela autora do presente trabalho. A partir das transcrições realizou-se uma análise de conteúdo, enquanto metodologia de investigação que permite descrever e interpretar os conteúdos resultantes de entrevistas, textos e outros documentos escritos, auxiliando a reinterpretar mensagens e a obter uma compreensão aprofundada dos significados (Moraes, 1999).

Conforme referido, optamos pela utilização da *grounded theory* como método de análise para a construção de uma narrativa padrão, a partir do discurso dos pais adotivos. Este método define três princípios básicos, que nortearam o presente trabalho: “analisar é fazer interpretações, aplicar de forma flexível os procedimentos e manter um questionar permanente ao longo de todo o processo” (Henriques, 2000, p.198).

O procedimento de análise, seguindo a *grounded theory*, pode ser operacionalizado através de cinco etapas, de acordo com a proposta de Rennie et al. (1988): 1) recolha dos dados, que compreende a entrevista realizada aos pais adotivos; 2) categorização, que consiste na transcrição e análise das entrevistas de acordo com as temáticas abordadas na mesma; 3) *memoing*, que compreende a identificação de categorias emergentes; 4) parcimónia, que consiste na abstração das comunicações, organizando hierarquicamente as categorias emergentes em categorias centrais; e 5) construção da teoria, que compreende a construção da narrativa acerca do fenómeno em estudo, com base na categorização efetuada.

Deste modo, a primeira etapa da análise dos dados constitui numa primeira leitura corrida de toda a entrevista, seguida de uma leitura focada na identificação de categorias, listando as categorias de significado consideradas relevantes à luz dos conhecimentos teóricos das investigadoras, também traduzidos no guião da entrevista efetuada. Consideramos estas o leque de categorias emergentes, no qual registávamos a frequência sempre que eram referidas em novas entrevistas, tendo-se verificado que a partir da quarta entrevista foram muito poucas as categorias identificadas.

Na etapa seguinte constituímos as seis categorias a partir das temáticas centrais na literatura (que deram origem ao guião da entrevista) e da agregação das categorias emergentes. O método de agregação das categorias emergentes teve em consideração a frequência, levando a manter a categoria quando a mesma foi muita referida e a similitude temática, levando a manter conteúdos articulados dentro de uma temática mais abrangente. As seis categorias identificadas foram: 1) adaptação e integração; 2) relações afetivas; 3) dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo; 4) abertura da comunicação sobre adoção; 5) vivência da parentalidade; e 6) ideias acerca da adoção tardia.

Na fase seguinte, procuramos compreender como é que estas seis categorias se articulam entre si no discurso de cada díade parental. Para tal, procedeu-se à escrita de narrativas acerca de cada família, definindo como dimensões da narrativa as seis categorias obtidas previamente na análise de conteúdo.

A terceira etapa de análise consistiu na identificação das categorias mais comuns nas narrativas individuais, abstraindo-se depois as semelhanças entre as categorias emergentes, as macro-categorias e as narrativas de cada díade (ou seja, o modo como as categorias se articulavam umas com as outras).

A última etapa de análise consistiu na construção da teoria, onde o discurso das famílias participantes no estudo foi transformado num texto capaz de captar essa totalidade. No presente estudo, foi criada uma narrativa padrão acerca do fenómeno de construção da família na modalidade de adoção tardia.

## **Resultados e Discussão**

Na primeira secção dos resultados, apresentamos o sistema de categorias composto pelas seis macro-categorias obtidas através da análise de conteúdo das entrevistas conduzidas aos pais adotivos, bem como as respetivas categorias emergentes.

Seguidamente, analisamos em maior detalhe as duas categorias que, de acordo com a literatura, são as mais significativas para o sucesso do processo de adoção - as relações afetivas e a abertura da comunicação sobre adoção.

Na terceira secção, procedemos à apresentação de narrativas acerca de cada família, escritas com o intuito de compreender como é que as categorias obtidas se articulam entre si no discurso de cada díade parental.

Por último, na quarta secção dos resultados apresentamos a narrativa descritiva obtida acerca da construção da família no caso da adoção de crianças mais velhas e discutimos uma parte do seu conteúdo, focando a atenção nas restantes categorias de adaptação e integração, dificuldades e receios dos pais neste processo, a vivência da parentalidade e as ideias acerca da adoção tardia.

## 1. Sistema de categorias

Foram definidas seis macro-categorias a partir da análise de conteúdo das entrevistas conduzidas aos pais adotivos, representando as vivências das famílias adotivas de crianças mais velhas. O esquema geral das categorias obtidas pode ser consultado no anexo II-A.

A categoria **Adaptação e Integração** (*c.f. Anexo II-B e III*) permite-nos compreender como se processa a adaptação da família adotiva face à entrada de um novo elemento (i.e., a criança) no sistema familiar e quais são os possíveis indicadores de que a criança se sente integrada na nova família. Neste nível de análise, encontramos oito categorias principais, que descrevem os diversos aspetos relevantes deste período que se inicia assim que a criança chega ao sistema familiar: reações da criança e da família, mudanças na vida familiar, dificuldades dos pais na adaptação, fatores que dificultam o processo de adoção, facilitadores de adaptação, rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais, utilização de recursos formais e informais e, por último, integração da criança.

A categoria **Relações Afetivas** (*c.f. Anexo II-C, II-D e IV*) assume uma elevada importância no estudo, uma vez que abrange informação que nos permite compreender quais são os processos e fatores envolvidos na construção das relações familiares entre a criança e a família adotiva. Este constitui um dos maiores desafios ao sucesso do processo de adoção, pelo que a categoria será discutida em maior detalhe adiante. Além da relação entre pais e criança, a categoria contempla ainda as relações afetivas estabelecidas entre a criança e a família alargada e os amigos/outros significativos.

A categoria **Dificuldades e Receios sentidos pelos pais neste processo** (*c.f. anexo II-E e V*), embora apresente somente duas subcategorias – 1) Dificuldades e 2) Receios – abrange todas as dificuldades e receios encontrados no discurso dos pais adotivos relativamente ao processo de adoção.

A categoria **Abertura da comunicação sobre a adoção** (*c.f. Anexo II-F e VI*) constitui uma das mais importantes categorias em estudo, uma vez que corresponde a uma temática que as famílias adotivas sentem como desafiante: falar com a criança sobre o seu passado e o processo de adoção. Neste sentido, assim como a categoria Relações Afetivas, esta também será discutida, adiante, em maior detalhe, por se referir a um tema sensível para os pais adotivos e de elevada importância no sucesso do processo de adoção. Nesta categoria foram identificadas três grandes subcategorias: 1) Importância da abertura da comunicação; 2) Processos comunicacionais; e 3) Dificuldades dos pais sobre a comunicação aberta.

A categoria **Vivência da Parentalidade** (*c.f. Anexo II-G e VII*) é umas das mais abrangentes em estudo, registando nove categorias principais, que descrevem os diversos aspetos relevantes da experiência da parentalidade adotiva: 1) Motivação para adoção; 2) Autocaracterização de si como pai; 3) Dificuldade na identidade parental; 4) Conceção dos

papéis parentais; 5) Vivência do papel parental; 6) Relação Conjugal; 7) Práticas Parentais; 8) Interpretação dos comportamentos desajustados da criança; e 9) Maiores conquistas/vitórias. Algumas categorias como a 2) Autocaracterização de si como pai e 4) Conceção dos papéis parentais, permitem compreender a experiência de cada elemento da diáde parental.

A categoria **Ideias acerca da adoção tardia** (c.f. Anexo II-H e VIII) permite compreender a percepção dos pais adotivos de crianças mais velhas acerca desta modalidade de adoção. Sendo uma opção de adoção frequentemente associada a crenças e expectativas negativas, torna-se pertinente conhecer a visão das famílias adotivas que optaram por crianças mais velhas para perceber se tais crenças e expectativas se confirmam. Nesta categoria, foram identificadas 2 subcategorias: 1) Conselhos/indicações para quem esteja a pensar adotar crianças em idade tardia; e 2) Vantagens/pontos positivos da adoção tardia.

## **2. Relações afetivas e Abertura da comunicação sobre o processo de adoção**

No que diz respeito à adoção tardia, a literatura sugere que a construção da ligação afetiva entre a criança e os pais adotivos nem sempre é um processo fácil e linear. Pelo contrário, constitui um desafio para os pais adotivos, que se veem frequentemente confrontados com a desconfiança da criança, podendo esta traduzir-se em comportamentos de provocação e teste dos limites. A comunicação com a criança acerca da adoção também representa um desafio para os pais adotivos, que consideram ser um evento stressor associado à experiência de adoção.

Deste modo, dedicamos esta secção a uma análise aprofundada das duas categorias obtidas mais significativas no sucesso do processo de adoção - as relações afetivas e a abertura da comunicação sobre o processo de adoção – de forma a obter uma melhor compreensão acerca destas temáticas, que possa ser útil para atuais e futuros pais adotivos.

### **2.1. Relações Afetivas**

A propósito da chegada da criança à família, emergiu a tendência para a criança manifestar insegurança através de diferentes tipos de comportamento difíceis de lidar. Alguns pais relatam comportamentos de desafio e provocação, através dos quais a criança procura testar os limites do sistema familiar:

*“Uma coisa demais, porque não era um dia, não era um minuto por dia, eram, era a fio. Eram horas se fosse preciso, a fio, a testar-me. [E: Exato.] Era o desgaste total. (...) [E: Era oposição.] Era, pura, pura e dura, sem, sem, sem limites, sem tudo em tudo, oposição em tudo, principalmente nos trabalhos, mas também ‘vou tomar banho ou não’, ‘vou tomar banho ou não’, ‘e não, não’, ‘então, não’, ‘e não, não’ [[risos]]”* (Mãe – Família 3)

*“(...) e quando nós não damos ou não fazemos aquilo que queremos, dizer que eu estava bem era com a família biológica”* (Mãe – Família 7)

Outros pais referem que a criança bloqueava as tentativas de aproximação, mantendo-se distante:

*“hum, só ao fim de 3 semanas, só ao fim de 3 semanas é que ele desbloqueou, não é? Ele não deixava tocar-lhe, por exemplo, e, portanto, só ao fim de 3 semanas é que ele deixou ser tocado, hum, fazer-lhe um mimo. Isto não começa, não começou logo no primeiro dia. Eu punha-lhe a mão na cabeça e ele rejeitava #pensava que lhe ias bater# eu fazia um mimo nas costas e ele fugia, hum, eu dava-lhe a mão e ele, a não ser que ele tivesse medo, então era ele que #aí dava# dava #se não, não dava#, porque eu a dar-lhe a mão a ele #nos fazíamos isto# ele não aceitava, desviava, hum, virava a cara, hum, portanto, havia muitas situações” (Pai – Família 1)*

*“Ao contrário do que é hoje em dia, nos primeiros tempos, ela não queria que ninguém a vestisse. (...) Era independência total. Era banho e tudo, era independência total. Ninguém lhe podia dar banho.” (Mãe – Família 4)*

Algumas crianças procuraram manter a imagem de uma criança perfeita, tentando agradar os pais e inibindo, frequentemente, a manifestação das suas necessidades e emoções:

*“(...) ele no início ... para ele era uma fraqueza, ter uma dor, magoar-se ou então nós até pensamos, se calhar, batiam-lhe quando ele se magoava. Portanto, ele magoava-se e não dizia nada. O Ricardo então dizia ‘eu estou bem! Eu estou bem! Eu estou bem!’. Pronto e afastava até ...” (Mãe – Família 6)*

*“O ele construir a sua persona, representar uma pessoa para nós, que não é o Lourenço, que é aquilo que ele acha que nós queremos.” (Pai – Família 4)*

Estes resultados vão de encontro à literatura, que indica que na fase de adaptação, a criança pode manifestar comportamentos de desafio e de testar os limites, bem como, resistir à aproximação dos pais adotivos e bloquear as suas tentativas de a conhecer e satisfazer as suas necessidades (Alarcão, 2002; Katz, 1986; Palacios, 1998; Pinderhughes, 1996). Vários autores (Alarcão, 2002; Palacios, 1998) consideram que os comportamentos problemáticos (i.e., agressividade, revolta, provocação) manifestados pela criança se devem às suas relações iniciais, maioritariamente marcadas pela ambivalência e que conduziram à construção de um modelo interno de vinculação insegura. Deste modo, as crianças aprenderam que os adultos não são confiáveis e duvidam das suas intenções, testando-os através de comportamentos provocatórios ou de rejeição. Alarcão (2002) afirma que esta é uma estratégia que permite à criança conciliar a sua necessidade de afeto com o medo de ser novamente abandonada, garantindo a disponibilidade e amor dos pais adotivos. Esta ambivalência transparece no relato de uma mãe sobre o filho que, num primeiro momento, se mostrou zangado e rejeitou a proximidade física, mas, mais tarde, procura o seu afeto:

*“E então nas férias qualquer coisa que se zangou e depois disse que quando chegasse de férias que nunca mais ia ter a cadeirinha<sup>1</sup>. Não queria mais e não sei quê e pronto. [E: Está a crescer.] Logo na primeira noite ‘oh mãe, não vens?’ e tal ‘então, não querias mais?’ e ele começa assim a querer rir-se, a não querer mostrar” (Mãe – Família 7)*

Relativamente ao processo de construção de relação afetiva, quatro crianças estabeleceram uma ligação emocional imediata com um dos elementos do casal, o pai, como evidenciam os relatos de algumas famílias:

*“Ele criou um vínculo muito grande comigo #foi, no início#. Aliás, chegou a ser assustador, passo a expressão, porque ele criou um vínculo muito mais depressa comigo do que aquele que eu crio com*

---

<sup>1</sup> Cadeirinha – expressão que a mãe utiliza para se referir a dar colo e mimos ao filho, antes deste adormecer



*ele e é aquela situação. Para onde quer que eu vá, ele vai atrás #sempre#. E é por ser uma criança de 6 anos. Se fosse um adulto de 20 levava com (???), não havia (???). Era uma coisa quase sufocante. Ele estava permanentemente, eu não conseguia fazer nada sozinho. Portanto dá-se um vínculo logo muito forte, talvez pela ausência de uma figura masculina, que nunca a teve, e quando de repente ah, portanto na vida dele tem uma (...)" (Pai – Família 1)*

*"Ele desde do primeiro dia, na véspera dos meus anos começou-se a agarrar a mim não queria mais ninguém" (Pai – Família 2)*

*"Foi até muito semelhante. Por exemplo, eu acho que ele fez uma reação muito melhor com os pais do Paulo do que com a minha mãe. Acho que até foi assim mesmo paralelo ao relacionamento conosco." (Mãe – Família 5)*

No entanto, verifica-se que três das quatro crianças que se ligaram de forma imediata à figura paterna, bloquearam a aproximação emocional à outra figura parental, a mãe. Através de comportamentos de distanciamento e desafio face à figura materna, as crianças impediram a aproximação e, por sua vez, a criação de um laço afetivo:

*"Ele, por exemplo, o pai é que tinha de fazer tudo com ele /tinham-nos dito a nós que para dormirmos intercaladamente uma noite sim, uma noite não, cada um de nós com ele. A primeira noite dormiu o Vasco, a segunda noite dormi eu e o Vasco depois... e assim sucessivamente e o Vasco dizia-me assim "ele pediu-me para lhe fazer um cafuné", "ele encostou-se a mim" e não sei o quê, não sei que mais. Eu chegava à cama e ele dizia-me "ficas aí, não me tocas e eu fico aqui" ... e eu "está bem" ..., mas eu fazia o que ele me pedia, se ele dizia para não lhe tocar eu não tocava, se ele dizia para não lhe mexer eu não lhe mexia..." (Mãe – Família 2)*

*"Era horrível comigo. Era ... [E: Mas evitava o contacto?] Sim e ... tratava-me mal. Mal mesmo. (...)Expressia-se muito bem e dizia tudo aquilo que pensava. E ... claramente eu era um alvo a abater [E: Não aceitava o toque ou #a proximidade? #] #Não, não#. (...) depois, além disso, ainda se metia no nosso meio, não é? Porque ... [E: Monopolizava.] Exato. Não, ele nos primeiros tempos foi ... e não aceitava muitos mimos. Dizia que eu não era mãe dele, muitas coisas que ele nunca disse ao pai, por exemplo. E que a mim, no início, me dizia." (Mãe – Família 5)*

Esta progressão no estabelecimento das relações afetivas na família remete-nos para a teoria dos sistemas familiares de Bowen, em particular, aos conceitos de triângulo e triângulos interligados propostos pelo autor. Verifica-se uma maior facilidade por parte da criança em estabelecer, numa primeira fase, uma relação diádica, nomeadamente com a figura paterna. Uma leitura possível é a de que a ligação emocional estabelecida entre a criança e o pai adotivo pode caracterizar-se por um excesso de proximidade, o que bloqueia o processo de diferenciação da criança e introduz tensão na díade (Brown, 1999; Winek, 2009). Esta, sendo incapaz de equilibrar as forças do sistema (i.e., a proximidade e individualidade), recorre a um terceiro elemento exterior à díade - a mãe - formando um triângulo que atua como mecanismo de regulação (Bowen, 1976; Brown, 1999; Titelman, 2012), conforme ilustra a figura 1.

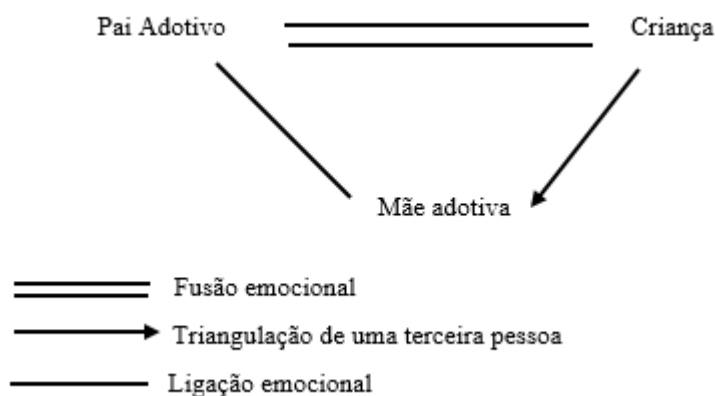


Figura 1. Formação do triângulo

A mãe surge como o terceiro elemento envolvido, cuja função é reduzir e estabilizar o estado de ansiedade em que a díade pai-criança entrou, à custa de um aumento da tensão sobre si mesma (Titelman, 2012). A relação entre o pai e a criança recuperou o estado de equilíbrio, uma vez que a ansiedade foi transferida para a mãe, que passou a ocupar uma posição interna, a quem são dirigidos os comportamentos desafiantes e de rejeição emocional por parte da criança como ilustra a figura 2.

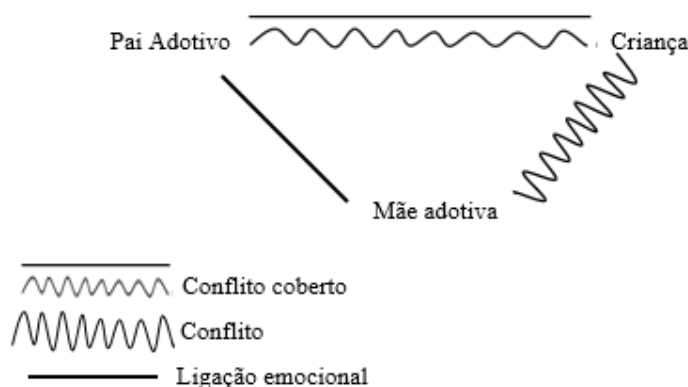


Figura 2. Efeitos da formação do triângulo

Quando a tensão não se consegue conter dentro de um triângulo, podem formar-se triângulos interligados envolvendo outros elementos, internos ou externos à família (Bowen, 1976; Titelman, 2012). Numa das famílias verifica-se este fenómeno, em que a mãe, enquanto elemento triangulado, recorreu, por sua vez, a um outro elemento, a equipa da segurança social, para estabilizar a tensão instalada entre si e a criança:

*“mas pronto é normal... mas também devo dizer que o apoio da Anabela foi essencial para eu conseguir também contornar e ... eu disse-lhe a uma determinada altura logo no início eu disse-lhe que ele... tinha muita proximidade com o Vasco mas que a mim me... que eu podia tratar dele mas em termos afetivos ele não recebia o meu carinho nem me dava a mim... e pronto e ela estava atenta a isso e ligava-me, sugeria-me... foi impecável, impecável () ligava praticamente todos os dias foi impecável (...) ela praticamente todos os dias me ligava... “então oh Sandra o que é que se passa*

*hoje?” e eu assim “oh Anabela hoje foi assim e assim e ele” “oh Sandra isso é normal não se preocupe ... ele vai ter fases da mãe, vai ter fases do pai, vai ter fases de nenhum, vai ter fases dos dois” ... e eu “oh Anabela, mas não é isso, eu sinto-me mesmo rejeitada” ... ela era assim “eu entendo Sandra, eu entendo e isto vai passar, continue a marcar presença, continue a insistir... faça-se notar” /pronto e eu acho que isso também foi importante” (Mãe – Família 2)*

Deste modo, tal como ilustra a figura 3, a tensão vivida dentro do sistema familiar, neste caso na díade mãe-criança, pode ser estabilizada por elementos externos à família, que são triangulados (Bowen, 1976).

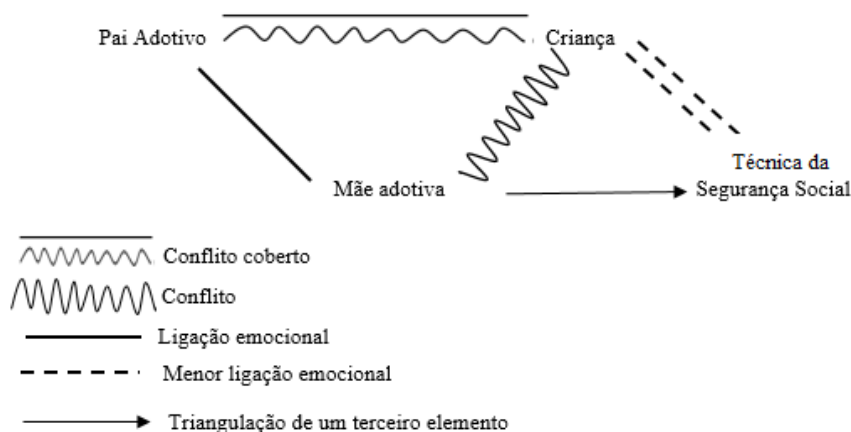


Figura 3. Formação de triângulos interligados

Os triângulos e triângulos interligados são processos naturais, que funcionam como mecanismos de regulação para assegurar a estabilidade do sistema emocional (i.e., a família) perante os vários eventos, positivos e negativos, com que este se depara (Titelman, 2012). As famílias do presente estudo que recorreram a estes mecanismos de regulação foram capazes de alcançar novos estados de equilíbrio, que se traduziram em relações afetivas satisfatórias entre a criança e os novos pais.

Deste modo, a ligação emocional imediata à figura paterna e a rejeição da aproximação da figura materna evidenciada por algumas crianças não parecem significar que estas se vincularam mais rapidamente ao pai. Pelo contrário, este fenómeno parece constituir uma possível fase do processo gradual de construção de uma relação afetiva segura com os novos progenitores, em que a criança e os pais experienciam diversos graus de proximidade e distanciamento no sistema emocional ao qual dão vida (Titelman, 2012).

Excertos do discurso de algumas mães evidenciam como a tensão na díade mãe-criança se dissolveu:

*“até que um dia (...) ele assim a brincar e diz ele “ó mãe achas que eu posso ir para o teu colo?” e eu assim “claro que sim filho o meu colo é sempre teu” ele vem senta-se no meu colo e deitou-se aqui adormeceu uma hora e meia e diz-me ele assim antes de adormecer () e eu disse “pois é filho, o meu colo está aqui sempre que tu quiseres” ... a partir desse dia ele começou a ver-me como mãe ...” (Mãe -Família 2)*

*“(...) acho que apesar de, no início, não termos uma boa relação, tivemos uma relação difícil, mas acho que, que o conquistei e que, por isso, ele tem uma abertura comigo diferente, por exemplo, da*

*que tem com o pai. Há determinados assuntos que fala comigo que não fala com o pai.” (Mãe – Família 5)*

A ligação emocional dos pais sentida em relação à criança também é demonstrativa da oscilação entre movimentos de proximidade e de distanciamento que a família, enquanto sistema emocional, regista. Alguns pais manifestam ter sentido uma ligação imediata com a criança, desenvolvendo rapidamente um forte sentimento de pertença em relação a esta:

*“Não, foi isso que eu acabei de dizer. As coisas foram tão naturais. Aliás, eu tinha dito à minha esposa, mas também como ela estava muito ansiosa na altura, mas tinha dito à minha esposa, na altura, no primeiro dia que o Ricardo entrou em casa, para mim é como se estivesse estado lá desde sempre.” (Pai – Família 6)*

P: *“Mas parece que estão connosco desde pequeninos, desde o início*

M: *Mas parece que estiveram connosco, lá está, este ano e tal parece que ... ui, já estão connosco sei lá há quantos anos!*

P: *Eles adaptaram-se muito bem.*

M: *Ui, foi, foi imediato. Foi, foi impressionante mesmo. Desde o primeiro dia, desde o primeiro encontro. (...). Foi, foi, foi. Foi uma coisa estranha.” (Família 7)*

No entanto, uma família considera que a ligação emocional à criança foi progressiva, admitindo que a aproximação inicial, por parte da criança, não foi sentida como algo natural:

*“Certo, mas mesmo no primeiro dia que foste lá, quando ele chegou, ele não te conhece de lado nenhum, e começa logo “mamã” e como se fosse, eh pá, ele foi preparado para aquilo #claro#, mais uma vez porque nenhuma criança, um ser humano em condição normal, quer dizer, é um estranho e o assume como natural, não é? É impossível. Agora, nesse momento frio, mas tem que acontecer de alguma maneira, sem dúvida nenhuma, e depois veio, hum, e depois então aí começa a descoberta, mais até da nossa parte, porque não há regras, porque tudo sai ao contrário, não dá para programar, não dá para planear e vamos fazer isto ou vamos fazer aquilo ou vamos não sei quê. (...). Portanto cada dia é um dia, as coisas vão evoluindo (...). Agora, o primeiro contacto é, é uma coisa fria. Não é, não é uma coisa calorosa. Não é de todo. É o que é. Pegar numa criança e trazê-la embora, hum [E: e depois a partir daí...] E tomar conta dela. Sendo certo que é uma criança e que no primeiro dia quase não nos diz nada, rigorosamente nada.” (Pai – Família 1)*

A diversidade destes resultados evidencia que a construção da ligação afetiva não é um processo imediato para todos os pais adotivos e o sentimento de que a criança lhes pertence, a si e à família, pode desenvolver-se a diferentes ritmos. Faz parte do reajustamento da família para integrar a criança, na medida em que cada elemento da família luta para conseguir encontrar um equilíbrio, balanceando a autonomia e a dependência nas relações e com a família (Pinderhughes, 1996).

Da mesma forma, a criança pode sentir dificuldade em sentir a família como sua. Em duas famílias verifica-se que as crianças ainda apresentam alguma insegurança e dificuldade em confiar nos novos pais, temendo ser novamente abandonadas.

*“Eu às vezes também lhe pergunto ... se calhar, ele é capaz de tentar fugir um bocadinho a isso, ainda ... porque, pronto, aquela ... confiança que nós achamos que temos vindo a conquistar nele ainda não a conquistamos totalmente, porque ele habitou-se a ser muito independente e, de repente, não é?” (...) Portanto, nesse sentido de ele pedir ajuda, ainda está a meio do caminho, já pede muito mais, como agora que até tenta chamar à atenção, mas ainda precisamos de ... conquistá-lo mais” (Mãe – Família 6)*

*“E via-se que lá no fundo tinha ainda algumas dúvidas, mas isso ainda há pouco tempo que eu lhe disse ‘estou a ficar, tu tens que, vens aqui à casa de banho tens de descarregar’, ‘porque mãe? Vais-me devolver?’” (Mãe – Família 6)*

*“(…) porque até nós notamos uma contenção muito grande no Lourenço porque o Lourenço é mais velho e consegue gerir melhor estas coisas e a Andreia se fizer quatro asneiras seguidas, faz quatro asneiras seguidas enquanto o Lourenço não. E isto nota-se muito. A Andreia, isto é, de vez em quando tem estes medos de que vai embora, mas são esporádicos, são raros. Não é uma coisa frequente. Acho que ela acaba provavelmente por nos localizar mais do que ele. Ele não faz.” (Pai – Família 4)*

Crianças adotadas em idades mais avançadas podem ter maior dificuldade em desenvolver um sentimento de pertença à família, pois caracterizam-se por terem vivido, frequentemente, histórias de negligência e/ou abuso no seio das famílias de origem, por terem estabelecido vinculações inseguras com os cuidadores primários e por terem uma longa vivência institucional (Haugaard et al., 1999; Hodges et al., 2003). Andrei (2001, citado em Dias et al., 2008) especifica que crianças adotadas entre os 7 e os 10 anos necessitam de muito amor e disponibilidade dos pais, de modo a reconstruírem a esperança perdida e reorganizarem as emoções referentes ao passado. As duas crianças que apresentam maior insegurança inserem-se neste grupo pois tinham 7 e 9 anos quando foram integradas na família, ambos com história de maus tratos físicos e vivência em família de acolhimento e acolhimento institucional e, essencialmente, pelas doses de investimento e amor elevadas que demonstram necessitar, por parte dos pais adotivos, para recuperarem a confiança perdida nos adultos e em si mesmas, enquanto seres merecedores de amor.

As atribuições que os pais fazem face aos desafios que encontram na fase de resistência determinam a forma como a família reage aos mesmos (Pinderhughes, 1996). Os resultados obtidos demonstram que os pais foram capazes de ler sistemicamente os comportamentos das crianças e as dificuldades encontradas, impedindo que a fonte do problema se localizasse na criança (Katz, 1986). Os pais parecem compreender que as atitudes de desafio e teste manifestadas pela criança, bem como a sua dificuldade em confiar, camuflam a sua insegurança, resultante da sua história passada (Katz, 1986):

*“Provavelmente fez isto a vida toda #claro, para se defender# um instinto de sobrevivência que [E: que adquiriu] (...) Um instinto de sobrevivência, e neste momento só está a levar mesmo o dele porque não conhece outro método, está agora a começar a conhecer outros.” (Pai – Família 1)*

*“Porque já estava preparada para isso. Preparada que isso pudesse acontecer, mais ao menos, não sabia, não é? Não sabia o que era, mas sei que as crianças testam porque não têm bases, não é?, e não têm nada a que se agarrar e portanto, têm de testar e já foram múltiplas vezes para aqui, para ali e para acolá e portanto, nunca têm firmeza em estar num lugar e portanto, a Tânia, eu acho que já disse isso, costuma perguntar que estava sempre a mudar de casa, “Mas agora gostas mais de estar sempre assim nesta casa ou gostavas mais de lá?..”, “Gosto mais de estar assim.” Aquela estabilidade, porque ela precisava de saber se vinha para ficar ou não e, portanto, eu isso nunca questioneei o motivo de testar” (Mãe – Família 3)*

*“quando ele nos diz isso, há pais que se sentem tristes e desmotivados porque, quer dizer, estamos a fazer este sacrifício todo e ainda ouvimos isso e não sei quê e eu não encaro assim as coisas. Acho que, que é uma reação natural. (...) Preocupa-nos mais é a criança do que aquilo que nós sentimos. (...) E colocar ... se estivesse naquela posição, era perfeitamente normal que eles sentem o que*

*dizem, é natural face à história dele, não é? Temos que aceitar e saber viver da melhor forma com isso, não é?” (Mãe – Família 7)*

Entendem que não se trata de algo pessoal, mas sim relativo às vivências anteriores da criança. Esta leitura parece influenciar a construção da relação afetiva entre pais e filhos, na medida em que se traduz em comportamentos persistentes de aproximação por parte dos pais, que transmitem segurança à criança:

*“Isto é, quando a gente lhe ouvia os medos, a gente dizia-lhe ‘não, tu não vais embora’ ... ‘estás aqui para sempre’ ... ‘nunca vais embora’” (Pai – Família 4)*

P: *“Frisar bastante.*

M: *‘Vamos estar sempre aqui’*

P: *‘Agora vamos ser sempre teus pais’ e pronto, houve li um trabalho muito, com muito foco nesse ponto que era para o tranquilizar.” (Família 5)*

*“No início era mesmo preciso ensiná-lo a abraçar e tudo e agora já se consegue deitar no nosso colo e ...” (Mãe – Família 6)*

## **2.2.Abertura da comunicação sobre o processo de adoção**

Todos os pais consideram ser importante falar abertamente sobre o processo de adoção com a criança, apelando a motivos como a adoção não ser um assunto tabu, ser necessário falar para se estabelecer uma relação segura com a criança, falar de adoção faz com que este processo seja encarado como algo natural e não como um problema e o passado da criança pertence-lhe, portanto, falar dele é natural.

*“Para nós eu acho que passamos essa imagem. Eu espero estarmos a passar essa mensagem de que não há assunto tabu e a adoção não é assunto tabu. Sempre que quiserem falar e não temos problemas em dizer ‘vocês foram adotados’ e a assumir mesmo perante as outras pessoas.” (Mãe – Família 4)*

*“É fundamental porque ... mais cedo ou mais tarde, não é? Ele vai ter que ... (...) Porque isto não vale a pena ... #esconder# [E: #Esconder#] Não vale a pena ... porque é uma coisa natural, não é? Aconteceu, quanto mais abertamente se encarar isto, menos será um problema na cabeça dele. Porque depois mais tarde ... [E: Não será percebido como um problema, exatamente.] É, mais tarde, de repente ele lembra-se ‘eles estão aqui a tentar esconder, mas eu tenho ...’. Assim sabe ...” (Mãe – Família 6)*

No entanto, nas sete famílias estudadas verifica-se que em três a iniciativa para comunicar parte das crianças, apenas numa a iniciativa parte dos pais e nas restantes três o assunto não é abordado.

Quando a iniciativa parte das crianças, no geral, os pais demonstram ser capazes de se envolver ativamente na comunicação, estando recetivos às questões colocadas pela criança. A iniciativa apenas não parte deles.

*“Nós nunca lhe mentimos. Estamos sempre ..., mas também nunca puxamos o tema! [[risos]] O que ele pergunta nós dizemos a verdade” (Pai – Família 5)*

*“É sempre. Eu nunca puxo o assunto. Não é, pai? Nós nunca puxamos o assunto. Elas às vezes falam e eu “foi? Então e depois?”, “ah foram?”, “então como é que foi?”. Sou capaz de ter este tipo de discurso e elas querem falar, falam, quando não quiserem, param.” (Mãe – Família 3)*

Os resultados sugerem que tal falta de iniciativa ou ausência total de comunicação sobre o assunto se deve a várias razões: para alguns pais, falar sobre a adoção é relembrar a criança e/ou a si mesmos a adoção; outros indicam não saber como o devem fazer e sentem dificuldades no processo comunicacional (e.g., gerir a qualidade e quantidade de informação partilhada com a criança, falar dos motivos que levaram a criança a ser dada para a adoção); uma família considera que a iniciativa, ao partir das crianças, lhes confere espaço e abertura para falarem sobre o assunto; e alguns pais assumem que a criança já sabe que é adotada, pelo que não procuram abordar o assunto.

*“Não, porque a pessoa ... quer dizer, às vezes esqueço-me, é meu filho. Esqueço-me da adoção, quer dizer, isso é voltar outra vez” (Pai – Família 5)*

*“Tem de ser. Importante. Agora não é sempre a falar sobre isto, a relembrar ‘tu és adotado’, ‘tu és adotado’.” (Mãe – Família 7)*

*“(...) nem sabemos se o devemos fazer e como fazer, nós não falamos com eles sobre adoção” (Pai – Família 4)*

*“Não, eles já vinham com a consciência da ... [E: Sim, sim, já vinham com a consciência da ...] Da situação. Nem foi preciso ... [E: Abordar.] Abordar” (Mãe – Família 7)*

Jones e Hackett (2007) referem que os pais adotivos vivem o dilema entre serem pró-ativos e tomarem a iniciativa de falar sobre a adoção e o risco de revelarem alguns detalhes da adoção antes de a criança estar emocional e cognitivamente preparada para lidar com os mesmos. Desta forma, acabam por ser mais reativos ao questionamento da criança, partindo desta a iniciativa para a comunicação, como manifesta um dos pais:

*“Até porque não sabemos muito bem como fazer isto, acho que acabamos por ser sempre muito reativos” (Pai – Família 4)*

A complexidade e sensibilidade do tema também são um desafio sentido pelos pais adotivos quando falam sobre adoção com os filhos (Jones & Hackett, 2007), como transparece na resposta de uma mãe:

*“De falar com ele? [E: De falar.] .... Tudo, os motivos, não é? Os motivos, o que é que levou alguém a fazer isto ... eh pá, acho que é muito complicado” (Mãe – Família 5)*

Palacios (2010) indica que, no caso de adoções de crianças mais velhas, a comunicação familiar deve abordar as lembranças da criança de modo a que esta as compreenda e atribua um significado. Os resultados obtidos ilustram que as crianças, mesmo sendo conhecedoras da adoção, sentem necessidade de saber mais sobre a sua história. A iniciativa para falar sobre adoção parece ser motivada pela curiosidade, bem como pelas memórias e respetivas emoções

face às experiências anteriores à adoção (e.g., vivências na família biológica e/ou no acolhimento institucional).

*“A última vez que falou comigo, ele ... hum, disse-me que tinha curiosidade. E eu disse que era natural, mas que eu não tinha muita coisa para lhe dizer, porque eu própria não sabia muita coisa. E que, porque ele tinha curiosidade de saber como era as, as outras pessoas.”* (Mãe – Família 5)

*“A Tânia às vezes tem saudades da mãe [E: Ah ok. Ou seja, atualmente, ainda/] Sim. Ainda este ano civil, por exemplo, já acho que era este ano civil. Prai em janeiro ou assim, penso que já tenha sido, que sim, que ela me disse que teve saudades da mãe na escola e que chorou”* (Mãe – Família 3)

*“Não, elas disseram que não aconselhavam, ele chegou a dizer, chegou a chorar. [E: Ele falava não é, exato] E chorava com saudades e porque é que nós não sabíamos ir para o centro, queria ... queria saber como é que eles estavam, queria-lhes dizer que estava bem e queria vê-los, sendo que alguns também já foram adotados”* (Mãe – Família 2)

De acordo com Jones e Hackett (2007), enquanto algumas crianças demonstram curiosidade acerca da adoção, questionando e procurando respostas desde cedo, outras manifestam desinteresse e não abordam o assunto. Inclusive dentro da mesma família, duas crianças podem manifestar atitudes completamente opostas: uma desinteressada e outra intensamente curiosa. No presente estudo, esta diferença foi encontrada tanto entre famílias como dentro da mesma família.

*“Porque nós tentamos mesmo puxar, se ele falar. Às vezes até um comentário inocente ‘ah, com o meu pai fazia isto’, ‘com o meu outro pai’ como ele diz ‘fazia isto’ e nós ‘ah fazias? E quando é que fazias?’. Tentamos puxar. Não, não vamos falar disso. Não, não reprimimos, pelo contrário, tentamos puxar. Ele é que para e não fala mais [[risos]]”* (Pai - Família 6)

*“[E: Mas a Luana se calhar mais retraída nesse assunto.] Ou mais retraída ou com menos lembranças. Não, com menos lembranças assumidamente, mais retraída ... mais retraída eu não sei. Porque eu também já lhe disse, até porque a Tânia já disse “oh Luana, se tu quiseses já sabes que podes falar com a mãe de tudo”, “porquê que não falas, Luana?”. “Oh Tânia, eu sei muito bem, sei muito bem que posso falar”. E se eu lhe perguntar, se ela começar a falar e eu lhe perguntar alguma coisa, ela responde, mas não ... não ...”* (Mãe – Família 3)

Embora seja indicado que a comunicação surja o mais rápido possível, assim que a criança chega à família (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016; Brodzinsky et al., 1984), os resultados obtidos sugerem que o *timing* adequado pode relacionar-se com a segurança que a criança deposita na nova família. Numa das famílias estudadas, na qual a criança já está integrada há cinco anos, verifica-se que esta sente abertura e segurança para falar sobre adoção, manifestando a sua curiosidade. Contudo, numa outra família, onde a criança está inserida há apenas um ano e meio, é possível compreender que a criança ainda se sente insegura e bloqueia qualquer tentativa dos pais em comunicar sobre o passado.

*“E nessa altura começou a perguntar ‘então eu nasci da barriga de quem?’. Eu disse ‘oh odrigol, nasceste na barriga de uma senhora, mas tu não conheces’. E ... pronto, nesse momento, isso ficou por aqui. Porque ele depois, ele próprio diz ‘podemos não falar mais disto?’ ‘ok, não se fala mais nisso’. Depois, tipo passados 15 dias, 3 semanas, vindo do nada, não é?, diz ‘e então se eu nasci de uma barriga de outra senhora, porque é que essa senhora não ficou comigo?’ (...). E isto ... ah ... e passaram uns tempos, torna a perguntar mais qualquer coisa. Por isso, ele, ele próprio vai tentando digerir a/ [E: Vai tentando integrar a informação.] Sim, sim. [E: Faz pausas de ...] Sim, sim. [E: Para integrar.]”* (Mãe – Família 5)



P: *“Tentamos, se ele falar, não reprimimos. Pelo contrário, encorajamos. Ele acaba por calar logo e não alongar a conversa.*

M: *Ele tem um bocado de medo, eu acho.”* (Família 6)

Relativamente à forma como comunicam, os pais recorrem a diferentes estratégias como falar de adoção através de uma história, explicar à criança o processo de adoção, fazer referências positivas acerca da família biológica da criança, incentivar a criança a falar independentemente dos sentimentos dos pais, falar com naturalidade sobre o assunto e transmitir segurança à criança (i.e., assegurar à criança que não será abandonada).

*“(…) eu inventei uma história/ eu inventei não, eu criei uma história à volta da ... à volta do processo de adoção não sei se será a melhor, mas foi a que eu inventei (…)”* (Mãe – Família 2)

*“#No início# porque temos de falar muito sobre isso. Explicar que ele não estava aqui por algum tempo, que estava aqui para sempre. Que era nosso filho e que ia ficar para sempre. Pronto, acho que foi mais no início que houve essa necessidade de falar mais.”* (Pai – Família 5)

Criar uma história, fazer referências positivas acerca da família biológica e estar em sintonia com as emoções da criança são estratégias que reforçam os resultados obtidos por Jones e Hackett (2007). Os autores referem que a sintonia emocional pode ser bidirecional, isto é, tanto os pais se colocam no lugar da criança, de modo a optar pela melhor forma de comunicar com esta, como as crianças, à medida que crescem, se tornam mais autoconscientes sobre as questões que colocam, sentindo empatia pelos sentimentos dos pais adotivos. Numa das famílias verifica-se este fenómeno, em que tanto os pais como a criança demonstram ser empáticos com os sentimentos de ambos:

*“(…) e às vezes ele vê que fala comigo sobre isto e que eu fico triste e diz ‘eu não vou falar mais sobre isto, porque eu não quero que fiques triste’. E eu digo ‘não, tu tens de falar mesmo que eu fique triste, tu tens de falar, porque também há coisas que eu te digo e eu sei que ficas triste, mas eu sou tua mãe e tenho de te dizer e tu tens de me dizer’.”* (Mãe – Família 5)

Os resultados evidenciam que comunicar com a criança sobre o seu passado e o processo de adoção é uma tarefa sentida como difícil e complexa para os pais adotivos. A dificuldade da tarefa faz com que não tomem a iniciativa de comunicar, sujeitando-se às investidas da criança. Associada à dificuldade da tarefa, surge a ideia de que a criança, por ter conhecimento da sua história, não necessita que se comunique sobre a temática da adoção.

### **3. Narrativas família a família**

Com o intuito de compreender como é que as diferentes categorias, obtidas a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos pais adotivos, se encontram articuladas entre si no discurso de cada díade parental, foram escritas, pela investigadora, narrativas sobre cada família.

Deste modo, cada entrevista foi transformada numa narrativa de acordo com a adaptação e integração, as relações afetivas, as dificuldades e receios sentidos pelos pais no decorrer do processo de adoção, a abertura da comunicação sobre adoção, a vivência da parentalidade e as ideias acerca da adoção tardia. Considerou-se ainda a forma de comunicação do casal no decorrer da entrevista, sendo que esta categoria descreve o envolvimento dos participantes durante a entrevista (i.e., se ambos participam de igual forma ou se um elemento do casal se envolve mais do que o outro) e a complementaridade ou não do seu discurso (i.e., se demonstram estar de acordo nos assuntos abordados ou se evidenciam discórdia).

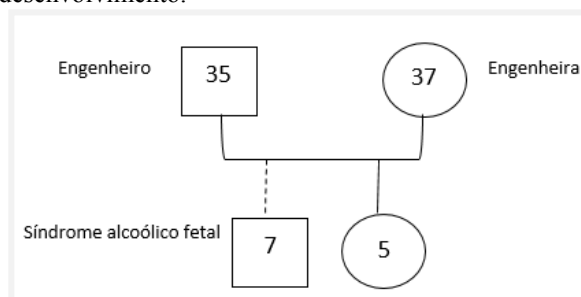
No início de cada narrativa surge uma breve informação sobre a família, onde se apresentam os elementos da família nuclear, a idade de cada elemento e ainda o tempo de adoção e o período de tempo durante o qual a criança esteve institucionalizada. Construíram-se ainda genogramas de cada família, com base na informação disponível.

Todos os nomes de pessoas foram alterados para nomes fictícios, de forma a assegurar o anonimato. A narrativa de cada família é apresentada em seguida, identificando-se cada uma através do número atribuído à respetiva família.

---

#### NARRATIVA – Família 1

A família 1 é constituída pelo Mário, de 7 anos, o pai (35 anos), a mãe (37 anos) e a filha biológica (5 anos). O Mário foi adotado há 1 ano e 3 meses, tinha 6 anos na altura e esteve institucionalizado desde que nasceu. Fruto de uma gravidez de risco, o Mário apresenta síndrome alcoólica fetal e, como consequência do mesmo, revela um atraso global do desenvolvimento.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** participação igualitária, ambos respondem às questões colocadas; complementaridade do discurso, estão de acordo na maioria dos assuntos abordados.

**Adaptação e integração:** o casal evidencia complementaridade na gestão das tarefas domésticas e partilha das tarefas parentais, organizando-se a partir da disponibilidade de horário de cada elemento. Os pais consideram que o Mário está adaptado e integrado na nova família, evidenciando progressos ao nível da autonomia. A família alargada é um recurso ao qual os pais acedem em caso de precisarem quem alguém fique com o Mário quando o seu horário não lhes permite, revelando que também já recorreram ao apoio de profissionais na área de psicologia e pedopsiquiatria.

**Relações afetivas:** o processo de ligação emocional à criança é descrito pelos pais como frio e não imediato, onde as tentativas de aproximação por parte da criança (e.g., chamar papá e mamã) parecem pouco naturais, fruto de uma preparação e não de uma ligação genuína. Os pais consideram que a ligação afetiva foi construída progressivamente e que à medida que se sentiram emocionalmente mais próximos de Mário, começaram a sentir receio que a criança lhes pudesse ser retirada. Sentiam que o Mário já lhes pertencia a si e à família. O Mário, por sua vez, ligou-se de forma imediata ao pai, tornando-se a sua “sombra”, e mantém a preferência por esta figura parental, embora já manifeste mais autonomia. Os pais consideram que o Mário os reconhece como seus pais, da mesma forma que estes o reconhecem como seu filho. Já conseguem compreender os diferentes estados emocionais de Mário e descrevem-no como um menino irrequeto e, por vezes, mentiroso. Por sua vez, descrevem a relação com Mário como sendo tempestuosa, afetuosa e dinâmica. Como fatores facilitadores da

relação afetiva destacam-se a motivação e vontade do casal para adotar, bem como ambos terem usufruído de licença de maternidade e paternidade. A família alargada reagiu muito bem à opção de adoção, no entanto, a criança, inicialmente, ficou confusa em relação à família, não se adaptando de imediato. Atualmente, o Mário passa bastante tempo com os avós e outros familiares. Os pais consideram que a criança se relaciona muito bem com outras crianças, com quem também passa bastante tempo.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** como principais dificuldades, os pais destacam lidar com a resistência da criança na adaptação às regras familiares, incutir regras, lidar com as mentiras da criança, gerir as suas próprias emoções na imposição de regras à criança, a falta de um período de tempo de preparação e o tempo de espera do processo. Relativamente aos receios, os pais indicam o ficar sem a criança, ou seja, que a criança lhes seja retirada e lidar com o próprio receio da criança de regressar à instituição.

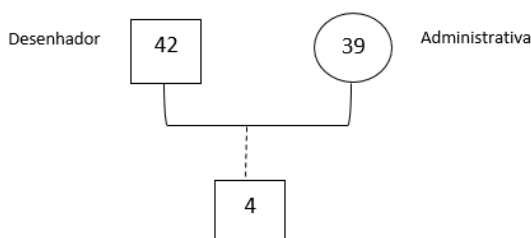
**Abertura da comunicação sobre a adoção:** o casal não fala sobre adoção com o Mário, referindo que a criança sabe que é adotada e que compreende o processo de adoção. Admitem não ter problemas em falar sobre adoção, mas a iniciativa para o fazer não partirá deles. Assim, caso o Mário aborde o assunto, admitem falar com naturalidade e até já chegaram a recorrer à criação de uma história para explicar o processo de adoção à criança. As únicas referências que a criança faz ao seu passado são relativas à casa de acolhimento e os pais pensam que a criança não tem quaisquer memórias face à sua família biológica. O casal tenta estimular a criança a falar do seu passado na tentativa que esta recupere algumas memórias e lhes atribua alguma coerência.

**Vivência da parentalidade:** o casal não explica abertamente qual foi a sua motivação para adotar, no entanto, no seu discurso expressa que a adoção é um projeto de vida para si. O casal admite sentir dificuldade em se descrever no papel parental, embora o pai se descreva como um pai presente, que procura acompanhar os filhos sempre que possível. A mãe considera que é muito bom assumir o papel de mãe e que ser mãe é essencialmente priorizar os filhos acima de tudo e educa-los. O pai, por sua vez, considera que ser pai é promover a autonomia das crianças. Relativamente à relação conjugal, o casal diz valorizar o tempo de casal e sentem que a integração do Mário na família melhorou a dinâmica da relação. Nas práticas parentais, o casal procura estabelecer os limites através da definição de regras, dialogando com o Mário, ser consistente nas suas atitudes e dizer e manter o “não” sempre que necessário. Os pais procuram ainda usar uma linguagem clara e cuidada e adequar a resposta ao comportamento da criança. Face às expectativas criadas, algumas foram congruentes com a realidade (e.g., a exigência do processo de adoção), enquanto outras foram defraudadas, especificamente em relação ao Mário (i.e., aquilo que foi transmitido aos pais sobre o estado da criança não correspondeu à realidade). Interpretam alguns comportamentos do Mário como fruto da sua vivência institucional (e.g., falta de autonomia) e do seu passado (e.g., a forma como reage à violência). Assinalam como a maior vitória associada ao processo de adoção o facto de começarem a encontrar traços seus na criança.

**Ideias acerca da adoção tardia:** como principal conselho a dar a uma família que esteja a pensar adotar crianças mais velhas, o pai indica que incentivaria a adoção.

## NARRATIVA – Família 2

A família 2 é constituída pelo pai V. (42 anos), a mãe S. (39 anos), e o filho adotivo Edgar, de quatro anos, que adotaram há 8 meses. Quando chegou à sua nova família, o Edgar tinha três anos e encontrava-se institucionalizado desde que nasceu.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** a mãe é o elemento mais participativo, responde a todas as questões, inclusive às que são dirigidas unicamente ao pai; discurso complementar, através do qual se compreende que o pai é uma figura mais séria, cedendo menos, e a mãe assume um papel mais flexível.

**Adaptação e integração:** o Edgar reagiu bem à mudança para a nova família, adaptou-se bem, aderindo com facilidade às regras e rotinas familiares. O casal partilha as tarefas parentais e a mãe enfatiza o apoio emocional e ajuda em cuidar do Edgar (e.g., ir buscar a criança à escola, cuidar da criança quando os pais não

estão presentes) por parte da família alargada e da equipa da segurança social durante o período após a chegada do Edgar.

**Relações afetivas:** o Edgar ligou-se de forma imediata ao pai e rejeitava as tentativas de aproximação da figura materna. A mãe admite que o Edgar a via apenas como mais uma cuidadora, à semelhança das figuras do acolhimento institucional, e não a deixava aproximar-se e assumir o papel de mãe. No entanto, atualmente, estes comportamentos esbateram-se e os pais consideram que o Edgar está emocionalmente próximo dos dois elementos do casal. A mãe acrescenta que o Edgar estava destinado a ser filho. Os pais demonstram ser capazes de decifrar os diferentes estados emocionais da criança, bem como a sua necessidade de atenção e afeto. Descrevem o Edgar como uma criança meiga, que procura a sua autonomia e consideram que a relação estabelecida com a criança se define pelo companheirismo. A família alargada reagiu positivamente à decisão de adoção, no entanto, a criança rejeitou, inicialmente, a aproximação aos familiares. Atualmente, o Edgar passa bastante tempo com os avós, sobretudo os maternos, de quem diz gostar muito. Os pais referem que o filho se relaciona bem com outras crianças e que o contacto com amigos é frequente. Ambos usufruíram de licença de maternidade e paternidade.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** as dificuldades referidas pelos pais são o lidar com os protestos/birras da criança, o estabelecimento da relação inicial entre a criança e a mãe e ainda a falta de preparação.

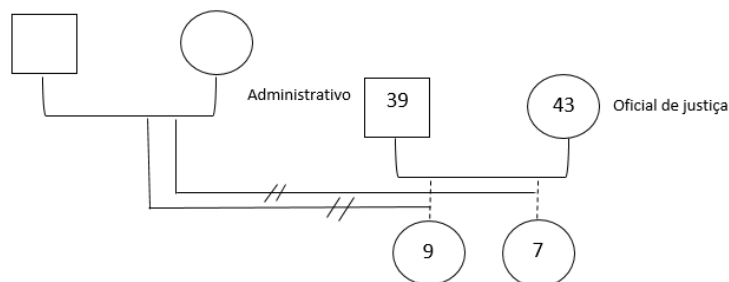
**Abertura da comunicação sobre a adoção:** a iniciativa para falar sobre adoção parte da criança, que demonstra curiosidade sobre as suas origens e gosto em ouvir a história sobre a sua adoção. Embora a iniciativa não parta dos pais, estes consideram que falar sobre adoção é necessário para que a criança sinta que pode confiar nos pais. Criar uma história foi a estratégia encontrada pela mãe para falar sobre adoção com o Edgar, tendo em conta a sua idade e consequente capacidade de compreensão. A mãe considera que a criança compreende o processo de adoção, no entanto, ainda não sabe muito acerca da sua família biológica. Deste modo, a mãe vai partilhando algumas informações sobre o passado da criança com esta, à medida que a criança vai crescendo e tendo capacidade de compreender melhor a sua história. O Edgar, por vezes, manifesta sentir saudades da casa de acolhimento e chegou, inclusive, a expressar a sua vontade em regressar. A mãe refere que desvalorizou a sua vontade, porque compreendeu que esta era fruto de uma birra e não de uma vontade real em querer regressar.

**Vivência da parentalidade:** o casal optou pela adoção como forma de parentalidade e considera que o papel de pais lhes proporciona uma boa sensação. Apesar de admitirem sentir dificuldade em se descreverem como pais, a mãe descreve-se como uma mãe carinhosa e o pai considera-se rígido, focando-se bastante nas regras. No geral, admitem que o papel parental lhes provoca uma boa sensação e a mãe acrescenta que ainda está a aprender como desempenhar este papel, revelando que, para si, ser mãe é essencialmente cuidar. Contam que a experiência de adoção se revelou diferente do que haviam idealizado tanto no sentido positivo (e.g., a adaptação da criança foi mais fácil do que esperavam) como negativo (e.g., a mãe idealizou um tipo de criança que não correspondeu ao perfil do Edgar). Nas práticas parentais, o casal estabelece os limites através da definição de regras, sendo consistente nas suas atitudes, bem como dizendo e mantendo o ‘não’ sempre que necessário. Ver a criança desenvolver-se é assinalado pelo casal como a maior conquista nesta experiência.

**Ideias acerca da adoção tardia:** a mãe aconselharia qualquer família que esteja a ponderar adotar crianças mais velhas a seguir em frente, arriscando na adoção.

### NARRATIVA – Família 3

A família 3 é constituída pelas duas irmãs biológicas, Tânia, de 9 anos, e Luana, de 7 anos, o pai (39 anos) e a mãe (43 anos) adotivos. As meninas foram adotadas há 1 ano e 7 meses, altura em que a Tânia tinha 8 anos e a Luana tinha 6. Estiveram institucionalizadas durante 2 anos.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** a mãe é o elemento mais participativo, enquanto o pai só responde às questões que lhe são especificamente dirigidas; o discurso evidencia alguma discórdia, com o pai

a revelar não estar de acordo com algumas práticas parentais aplicadas pela mãe, mas que, sendo esta quem passa mais tempo com as filhas, são as suas regras que prevalecem; a mãe apresenta uma postura de liderança, em que aparenta ser a responsável pela gestão do sistema familiar.

**Adaptação e integração:** a mãe regista algumas mudanças na vida familiar como a desorganização na casa e alteração das rotinas e horários. Revela que as meninas aderiram com facilidade às rotinas familiares e que a família alargada estava muito entusiasmada com a sua chegada. Como dificuldade no período de adaptação indica a capacidade de responder às necessidades das crianças e refere que a rapidez da fase de transição da criança dificultou a adaptação, uma vez que os pais não estavam preparados para receber as crianças. No entanto, a mãe indica que o desejo da Tânia e da Luana em terem uma família facilitou o seu processo de adaptação e estas evidenciam sinais de estarem integradas na família como a interiorização das regras e hábitos da família, bem como maior autonomia. O casal divide as tarefas parentais e conta com o apoio da família alargada (e.g., cuidar das meninas quando os pais não estão disponíveis) e de profissionais da área de pedopsiquiatria (acompanhamento que já decorria antes de as meninas terem sido adotadas).

**Relações afetivas:** Enquanto a Tânia desafiou e testou os limites do sistema familiar, a Luana não apresentou estes comportamentos. Contudo, a Tânia fala abertamente com a mãe sobre as suas emoções, enquanto a Luana não é tão expansiva. Esta tem poucas memórias acerca do seu passado e apoia-se nos relatos da Tânia para construir uma narrativa coerente sobre o seu passado. A mãe sente que as filhas reconhecem o casal como sendo os seus pais e admite também sentir que estas são suas filhas. Descreve a Tânia como uma menina amorosa, com sentido de humor, e a Luana como uma criança alegre e carinhosa. A mãe admite já ser capaz de compreender o estado emocional das meninas, conseguindo identificar quando algo se passa. O desejo das meninas em terem uma família é considerado pela mãe como um aspeto que facilitou a construção da ligação emocional. Destaca-se também o facto de ambos os pais terem usufruído de licença de maternidade e paternidade. A família alargada reagiu muito bem à decisão de adoção e, de acordo com a mãe, a adaptação das crianças foi muito fácil e natural, como se pertencessem à família desde sempre, passando muito tempo em família. Também têm uma boa relação com os amigos e colegas, com quem convivem na escola.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** A mãe enumera várias dificuldades com as quais se deparou durante a experiência de adoção como ter de lidar com a resistência da criança em fazer os TPC, incutir regras, a falta de acordo parental nas práticas educativas, lidar com os comportamentos de oposição e desafio da criança, bem a bagagem emocional que esta carrega. Refere ainda a falta de tempo e energia para as crianças, a gestão do dia-a-dia, o desgaste físico e psicológica e a falta de tempo para si.

**Abertura da comunicação sobre a adoção:** embora os pais considerem importante falar sobre adoção, uma vez que é a história de vida das crianças e que esta lhes pertence, a iniciativa para falar de adoção parte das crianças. A mãe reforça que os pais nunca puxam o assunto, de forma a darem espaço e abertura para que as crianças o façam. No entanto, admite sentir-se confortável para falar sobre o assunto e procura fazer referências positivas acerca da família biológica das crianças quando estas a questionam acerca da mesma. A mãe pensa que as crianças compreendem bem o processo de adoção e comenta que as meninas, por vezes, falam na família biológica, sobretudo a Tânia que admite sentir saudades da mãe biológica. O casal sente que as filhas ainda estão confusas em relação ao seu passado e a mãe demonstra-se receptiva à possibilidade de um dia as meninas quererem procurar as suas origens.

**Vivência da parentalidade:** A mãe sempre teve o sonho de adotar, portanto, a adoção foi a sua opção como forma de parentalidade. Embora admita sentir alguma dificuldade em se descrever como mãe, a mãe define-se como uma mãe carinhosa, 'fiel' à sua palavra, exigente e que apoia incondicionalmente as filhas. O pai considera que é um pai brincalhão, mais descontraído do que a mãe. Relativamente ao papel de mãe, esta considera que ser mãe é ser uma fonte de segurança e confiança para as filhas. Por sua vez, o pai considera que ser pai é cuidar e educar. A experiência de serem pais tem correspondido a algumas expectativas criadas e tem superadas outras, como a ligação tão natural e fácil que se formou entre si e as meninas. Justifica alguns comportamentos desafiantes da Tânia como um efeito das suas vivências passadas. A mãe considera que ver as filhas desenvolverem-se é a maior conquista desta experiência.

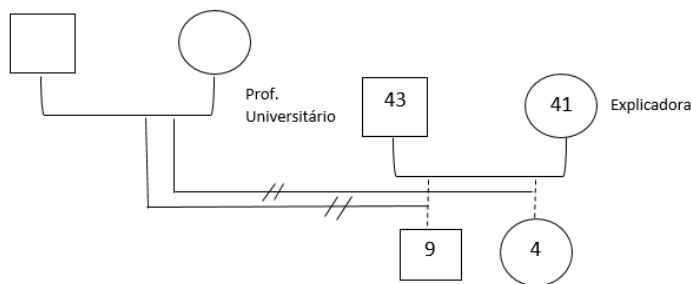
**Ideia acerca da adoção tardia:** a mãe revela que só aconselharia a adoção de crianças mais velhas a quem queira muito adotar, embora reconheça que existam aspetos positivos nesta modalidade de adoção como não ter de se revelar à criança que é adotada, pois esta conhece a sua história.

---

#### NARRATIVA – Família 4

A família 4 é composta pelo pai (43 anos), a mãe (41 anos), e os dois irmãos biológicos, Lourenço, de 9 anos, e Andreia, de 4 anos, que o casal adotou há 6 meses. As crianças viveram durante um ano numa família de

acolhimento e foram posteriormente integradas numa instituição, onde estiveram durante um ano e meio. Quando chegaram à sua nova família, a Andreia ainda tinha 3 anos e o Lourenço já tinha 9 anos.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** participação igualitária; complementaridade do discurso.

**Adaptação e integração:** as crianças manifestaram alguma estranheza face ao novo ambiente, mas também entusiasmo e aderiram positivamente às regras e rotinas familiares. Os pais apontam a desorganização em casa e a existência de novos horários e rotinas como as principais mudanças na vida familiar. Gerir o tempo e as rotinas foram as maiores dificuldades sentidas pelo casal no período de adaptação. Por outro lado, o comportamento das crianças (e.g., não terem problemas de sono) e a complementaridade na gestão das tarefas domésticas facilitou este período. O casal divide as tarefas parentais e recorre à família alargada e amigos para cuidar da criança e a profissionais de psicologia (para acompanhar o Lourenço nesta fase de transição) como rede de apoio. Os pais consideram que as crianças começam a manifestar sinais de se sentirem integradas na família, como expressarem abertamente as suas necessidades e a Andreia, inclusive, assume orgulhosamente o seu novo apelido.

**Relações afetivas:** a Andreia ligou-se de forma imediata ao pai e rejeitava aproximar-se da figura materna, no entanto, este comportamento parece ter-se extinguido e a aproximação à mãe ocorreu gradualmente e incentivada pelo pai, que contrariava a vontade da criança em estar só consigo. O Lourenço, por sua vez, ainda se sente inseguro. Os pais admitem ter dificuldade em conquistar a sua confiança, pois a criança age de forma a ser a criança perfeita e ainda tem muito medo de ser novamente abandonado. Preocupa-se com as asneiras feitas pela Andreia, temendo que, por causa destas, sejam devolvidos à instituição e, devido a isso, procura controlar o comportamento da irmã. A criança até já manifestou a sua vontade em ter sido adotado sozinha. Os pais parecem focar-se mais na Andreia, que descrevem como sendo mais espontânea e natural, enquanto o Lourenço é associado aos aspetos mais desafiantes da adoção e descrito como mais contido e muito esforçado para que tudo corra bem. No entanto, admitem reconhecer as crianças como suas e sentir que estas também os reconhecem como pais. Vários fatores facilitadores da relação são indicados como o gosto por crianças e a experiência prévia com estas, as próprias características de personalidade dos pais, ambos terem usufruído de licença de maternidade e paternidade e ainda a disponibilidade de horário para passarem tempo com as crianças. A família alargada reagiu bem à opção do casal em adotar e este revela que as crianças também estão integradas no grupo de amigos dos pais, gostando de conhecer pessoas novas. No entanto, o pai revela que a família alargada nutre uma preferência por Andreia, a criança mais nova.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** os pais referem várias dificuldades sentidas no decorrer deste processo como incutir regras às crianças, lidar com os protestos/birras da Andreia, lidar com a bagagem emocional do Lourenço, assim como construir uma relação de vinculação consigo. Sentem dificuldade em lidar com a insegurança de Lourenço, que faz com a criança não expresse as suas emoções e tente agradar para ser a criança perfeita. Por último focam a falta de preparação para lidar com todos os desafios da adoção.

**Abertura da comunicação sobre a adoção:** embora considere que é importante falar sobre a adoção para que este não se transforme num assunto tabu, o casal não fala do assunto com as crianças, sendo reativos às questões colocadas pelas crianças. Assumem ter dificuldade em saber como comunicar da melhor forma com os filhos sobre a adoção, optando por explicar o processo de adoção em si (e.g., explicar o período de pré-adoção) e transmitir segurança às crianças. A Andreia, no início, falava bastante da casa de acolhimento, enquanto o Lourenço, por vezes, faz algumas referências à família biológica. No início, a Andreia manifesta vontade em regressar à casa de acolhimento, algo que os pais contrariaram, dizendo que não era possível. Atualmente, a criança já não pede para regressar, mas expressa vontade, assim como o Lourenço, de ir visitar os colegas que deixaram no acolhimento. Os pais consideram que tanto um como outro estão bastante confusos em relação às suas memórias passadas, assim como em relação a alguns aspetos do processo de adoção (e.g., a Andreia pensa que os pais adotivos não quiseram adotar o seu outro irmão biológico).

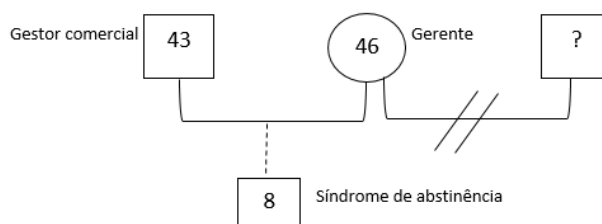
**Vivência da parentalidade:** O casal optou pela adoção depois de a mãe ter vivido uma doença oncológica, cujos tratamentos provocaram infertilidade. Enquanto mãe, a mãe descreve-se como sendo uma mãe

brincalhona, aberta e tolerante, escutante, carinhosa, reativa, persistente, preocupada e rígida/dura. O pai, por sua vez, considera ser um pai brincalhão. Admitem ainda esta a aprender como desempenhar este papel. A mãe considera que ser mãe é ajudar os filhos a crescer e serem felizes, enquanto o pai considera que ser pai é, essencialmente, ser um modelo. Os pais descrevem a parentalidade como uma experiência muito boa, mesmo não estando a corresponder às suas expectativas, pois pensavam que conseguiriam lidar melhor com as dificuldades encontradas. Descrevem-se como um casal unido, que comunica abertamente sobre tudo e que valorizam o tempo a dois. Nas práticas parentais, o casal define os limites através da punição, da definição de regras, do uso de estratégias de negociação, bem como sendo consistente nas suas atitudes e dizendo e mantendo o 'não'. Procuram também dialogar com as crianças, permitir a exploração mantendo-se vigilantes e distraíndo as crianças, nomeadamente a Andreia. Os pais interpretam alguns comportamentos das crianças à luz das suas vivências na casa de acolhimento (e.g., hábitos que as crianças demonstram ter) e na família biológica (e.g., rejeição inicial da Andreia à figura materna é associada, pelos pais, como uma resposta da criança à figura mãe). Assinalam várias vitórias no decorrer deste processo como terem transmitido os seus valores às crianças, ver os filhos felizes, testemunharem o desenvolvimento das crianças, sentir que estas estão integradas nos contextos sociais da família e que começam a sentir-se seguras e a confiar.

**Ideias acerca da adoção tardia:** os pais aconselham os futuros pais adotivos a procurar informação sobre o tema, investindo na autopreparação, a terem em consideração o passado da criança e a sua idade (i.e., compreenderem o que implica adotar uma criança mais velha) e a comunicarem abertamente com a criança.

### NARRATIVA – Família 5

A família 5 é constituída pelo Rodrigo, de 8 anos, o pai (43 anos) e a mãe (46 anos), que adotaram há 5 anos, quando o Rodrigo tinha 3 anos. A criança esteve institucionalizada desde que nasceu e é fruto de uma gravidez de risco, durante a qual a mãe consumiu drogas. Como consequência, quando nasceu, o Rodrigo apresentava síndrome de abstinência e esteve internado para fazer a terapêutica de substituição.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** participação igualitária; complementaridade do discurso

**Adaptação e integração:** o Rodrigo estranhou a mudança de ambiente na chegada à família, no entanto aderiu muito bem às regras e rotinas familiares. Como principal mudança na vida familiar, os pais destacam os novos horários e rotinas e apontam como dificuldade inicial o lidar com os desafios e protestos da de Rodrigo. A complementaridade na gestão das tarefas domésticas e o comportamento “desformatado” da criança facilitaram o período de adaptação. O casal divide as tarefas parentais e a sua rede de apoio é constituída pela família alargada (que cuida do Rodrigo quando os pais não estão presentes), profissionais da área de pediatria e acompanhamento no estudo. Já recorreram também a profissionais da área de psicologia, para saberem como lidar com algumas questões relacionadas com o processo de adoção. Os pais consideram que o Rodrigo está integrado na família, tendo interiorizado as regras e hábitos do sistema familiar.

**Relações afetivas:** o Rodrigo estabeleceu uma ligação emocional imediata com o pai e, por sua vez, provocava e desafiava a figura materna. No entanto, estes comportamentos esbateram-se e atualmente o Rodrigo até está emocionalmente mais próximo da mãe, competindo com o pai pela sua atenção. A mãe acrescenta que o Rodrigo apenas se sente seguro para falar de alguns assuntos consigo. A criança reconhece os pais como seus, chegando a considerar que estes foram uma prenda que recebeu na sua vida. Os pais já conhecem bem o Rodrigo e sabem que quando algo o preocupa, ele necessita de um tempo até voltar a referir o assunto. Referem que no início foi necessário transmitir-lhe segurança, assegurando-lhe que não seria devolvido. Descrevem-no como um menino teimoso, que se relaciona muito bem com os colegas e outras crianças da mesma idade. Definem a relação com a criança como sendo forte, aberta e positiva. Os pais consideram que as características de personalidade de Rodrigo facilitaram a ligação emocional que sentem em relação ao filho, assim como o facto de este ter sido muito bem preparado, na casa de acolhimento, para a adoção. Destacam ainda a sua própria preparação para o papel parental e a mãe, a única a usufruir da licença de maternidade, considera que este tempo foi importante para se aproximar do Rodrigo. A família alargada reagiu muito bem à decisão do casal em adotar e o Rodrigo adaptou-se muito bem e facilmente à família, com quem passa bastante tempo. A criança também convive com os amigos dos pais frequentemente.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** os pais indicam o estabelecimento da relação inicial entre a criança e a mãe, a falta de tempo e energia para a criança e gerir os diferentes papéis sociais

como as principais dificuldades sentidas neste processo. Como receios apontam o não saberem se a criança está integrada na família e lidar com a possibilidade de a criança querer procurar e conhecer as suas origens.

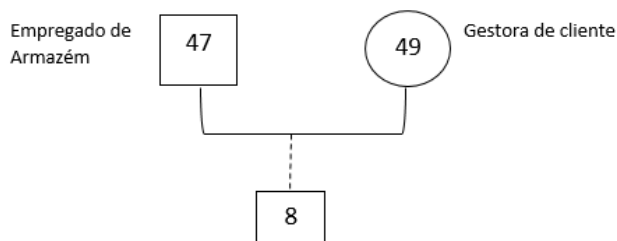
**Abertura da comunicação sobre a adoção:** embora considerem que falar de adoção é necessário para se construir uma relação de confiança com a criança, a iniciativa para falar de adoção parte do Rodrigo, que sente muita curiosidade sobre a sua história. O pai revela ter dificuldade em falar sobre a adoção com o filho, sentindo que ao fazê-lo está a lembrar-se de que o filho é adotado. Deste modo, a mãe é a responsável por falar com a criança sobre o assunto e admite ter algum receio que o Rodrigo, um dia mais tarde, queira procurar e conhecer as suas origens e se esqueça da família adotiva. Admite, no entanto, que é difícil gerir a informação que deve contar a Rodrigo, sobretudo os motivos que levaram a que ele tivesse sido entregue para a adoção. A criança já se começou a aperceber que falar de adoção provoca alguma tristeza na mãe, mas esta reforça a importância de falar do assunto, independentemente dos sentimentos suscitados e procura falar naturalmente do assunto. Os pais notam que o Rodrigo ainda está a compreender o processo de adoção e que faz um esforço para integrar a informação que vai recebendo.

**Vivência da parentalidade:** O casal optou pela adoção devido a dificuldade em engravidar. Consideram que o papel parental implica muita responsabilidade, mas é gratificante e um dos melhores papéis que se pode desempenhar. A mãe descreve-se a si própria como uma mãe carinhosa e exigente, enquanto o pai se define como um pai também exigente e preocupado. Admitem, por vezes, questionar-se face ao desempenho do papel parental, sentido dúvidas se o estão a desempenhar da melhor forma. Sentem que as expectativas criadas foram superadas, essencialmente pela relação positiva que conseguiram criar com o Rodrigo. As práticas parentais do casal assentam essencialmente na definição de regras para estabelecer os limites. Os pais justificam alguns comportamentos desajustados do Rodrigo devido ao facto de este ser rapaz, à sua idade e às suas vivências passadas, nomeadamente o facto de ter sido abandonado. No entanto, também se responsabilizam por alguns comportamentos, atribuindo a responsabilidade às próprias práticas parentais.

**Ideias acerca da adoção tardia:** como conselhos a futuros pais adotivos, os pais indicam ter em consideração o passado da criança, conhecer outros casos e histórias para que possam aprender com o exemplo de outros, incentivando todas as famílias a abraçar esta experiência. O facto de compreenderem melhor as necessidades da criança por esta ser capaz de as expressar verbalmente é sugerido como uma vantagem da idade mais avançada da criança.

#### NARRATIVA – Família 6

A família 6 é constituída pelo Ricardo, de 8 anos, o pai (47 anos) e mãe (49 anos) adotivos. O Ricardo viveu com uma família de acolhimento durante 2 anos, tendo depois sido institucionalizado, também durante 2 anos. Está integrado na sua nova família há um ano e meio e tinha 7 anos quando foi adotado.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** participação igualitária; os pais demonstram estar de acordo na maioria dos assuntos abordados.

**Adaptação e integração:** o Ricardo estranhou o novo ambiente familiar, mas aderiu às regras e rotinas da nova família. Os pais admitem ter sentido felicidade, mas também medo, ansiedade e receio na chegada da criança à família. A família alargada também reagiu à chegada do Ricardo, mostrando muito entusiasmo. Os pais indicam a mudança de horários e rotinas como a principal mudança da vida da família e consideram que vários fatores facilitaram o período de adaptação como as características da criança, a semelhança entre as rotinas da criança na instituição e na família adotiva e ainda a complementaridade da gestão das tarefas domésticas. O casal divide as tarefas parentais e a rede de apoio à qual recorrem é constituída pela família alargada (e.g., cuidar da criança quando os pais não estão presentes, apoio emocional durante todo o processo) e por profissionais na área da psicologia, devido a dificuldades escolares, e da terapia da fala, que a criança já frequentava antes de ser adotada.

**Relações afetivas:** os pais admitem ter sentido uma ligação emocional imediata com o Ricardo, acrescentando que não foram eles que o adotaram, mas sim o Ricardo que os adotou a eles. Contudo, este imediatismo não se verifica na criança que, de acordo com os pais, ainda evidencia alguma insegurança. A mãe admite que ainda estão a conquistar a sua confiança, mas que o Ricardo já apresenta alguns progressos como ser capaz de manifestar abertamente as suas emoções, algo que antes não acontecia. Os pais começam a conseguir



compreender melhor os estados emocionais de Ricardo como as saudades que este, por vezes, sente dos irmãos biológicos, e a sua necessidade de atenção e afeto. Descrevem o Ricardo como uma criança muito sociável, que se integra com muito facilidade em todos os contextos. Relaciona-se muito bem com todos os amigos e colegas, com quem convive frequentemente. A mãe define a relação que os pais têm com o filho como afetuosa, forte, tranquila, colorida e boa. Os pais consideram que a personalidade da criança facilitou a construção da relação afetiva e a mãe acrescenta que a sua experiência com crianças também contribuiu. A família alargada reagiu muito bem à opção de adoção, referindo que até já tinham pensado que era uma boa opção para o casal. O Ricardo adaptou-se muito facilmente à família alargada, especialmente ao primo Rui, com quem passa muito tempo. Ambos os pais referem ter usufruído da licença de maternidade e paternidade.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** os pais apontam como principais dificuldades lidar com a resistência da criança na adaptação às regras familiares, incutir regras, compreender os comportamentos e reações da criança devido à ausência de um passado partilhado com esta, a relação entre a criança e os contextos sociais em que está inserida e falar abertamente com o Ricardo sobre o seu passado. O casal receia não saber desempenhar o papel parental e a possibilidade de o Ricardo querer procurar e conhecer as suas origens.

**Abertura da comunicação sobre a adoção:** os pais tomam a iniciativa de explorar o assunto com a criança, defendendo que este deve ser falado naturalmente, para não ser encarado como um problema. Deste modo, encorajam a criança a falar, no entanto, o Ricardo retrai-se e corta qualquer tipo de conversa mais profunda sobre o seu passado. A mãe interpreta este comportamento como um sinal de alguma insegurança que a criança ainda sente. Esporadicamente, a criança fala da casa de acolhimento e da família biológica, manifestando sentir saudades dos irmãos biológicos, mas os pais consideram que o Ricardo está confuso, misturando as memórias umas com as outras. No entanto, referem que a criança compreende bem o processo de adoção. Na tentativa de falarem com a criança sobre este assunto, os pais procuram respeitar o espaço e tempo de Rodrigo, transmitindo-lhe segurança e abertura para explorar o assunto que desejar. Revelam-se ainda recetivos à possibilidade de um dia o Rodrigo manifestar vontade em reencontrar as suas origens.

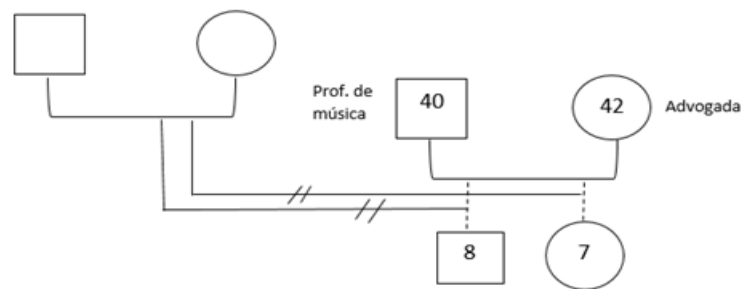
**Vivência da parentalidade:** os pais indicam vários motivos que os levaram a optar pela adoção como o facto de considerarem desde cedo, quando ainda namoravam, a adoção como uma boa oportunidade para serem pais, o facto de se terem casado tarde e a posterior vivência de uma gravidez malsucedida. A mãe descreve-se a si própria como uma mãe carinhosa, preocupada e que coloca o filho como a sua prioridade. Acrescenta que ainda se questiona face ao seu desempenho como mãe, duvidando, por vezes, se está a fazer o mais correto. O pai sente alguma dificuldade em se descrever neste papel, mas acaba por se definir como um pai presente, afetuoso, preocupado com a educação do filho e, por vezes, chato. A mãe considera que ser mãe é ser uma fonte de segurança e confiança para Ricardo, enquanto o pai revela que ser pai é dedicar tempo e amor à criança, fazendo-a feliz. Os pais descrevem o papel parental como gratificante e a experiência de adoção está a corresponder, em parte, ao esperado, mas também os surpreendeu em alguns aspetos como cansaço envolvido, que não esperavam que fosse tanto. Consideram que a relação conjugal melhorou após a entrada de Ricardo nas suas vidas, pois permitiu-lhes realizar o seu sonho de serem pais. As suas práticas parentais passam por manter a calma e dialogar com Ricardo para estabelecer os limites. Justificam alguns comportamentos desajustados da criança devido à vivência na casa de acolhimento (e.g., hábitos que a criança revela). O facto de o Ricardo começar a sentir-se seguro e a confiar é indicado pelo casal como a maior conquista no decorrer do processo de adoção.

**Ideias acerca da adoção tardia:** os pais aconselham futuros pais adotivos a dar muito amor à criança, a equilibrar a dose de afeto e de educação que se dá à criança e a conhecer outros casos e histórias que possam servir de exemplo. Consideram que não ter de revelar à criança que é adotada, por esta conhecer a sua história, e a idade avançada da criança coincidir com a idade avançada dos pais são vantagens desta modalidade de adoção.

---

## NARRATIVA – Família 7

A família 7 é constituída pelos dois irmãos biológicos, Gonçalo, de 8 anos, e Juliana, de 7 anos, o pai (40 anos) e a mãe (42 anos) adotivos. O Gonçalo foi institucionalizado primeiro que a Juliana, tendo estado 5 anos e meio na instituição, enquanto a Juliana esteve 3 anos e meio. Foram adotados há um ano e cinco meses, altura em que o Gonçalo tinha 7 anos e a Juliana tinha 5 anos.



**Comunicação entre o casal e a entrevistadora:** a mãe é o elemento mais participativo; o pai participa, mas com menor envolvimento; o discurso caracteriza-se por uma certa picardia entre o casal, que parece competir entre si em relação ao papel e práticas parentais.

**Adaptação e integração:** a Juliana estranhou a mudança da instituição para a família adotiva e a mãe admite ter sentido ansiedade aquando da chegada das crianças, principalmente pelo Gonçalo, que estava muito ansioso para sair da instituição. Como principais dificuldades vividas no período de adaptação a mãe destaca a divisão de tarefas domésticas entre o casal e a imposição de regras e rotinas às crianças. De acordo com o casal, a falta de preparação motivada pela rapidez da fase de transição da criança e a falta de apoios também dificultaram a adaptação. Os pais partilham as tarefas parentais e como principais recursos destacam a família alargada (que cuida das crianças quando os pais não estão presentes), a empregada doméstica e o serviço de psicologia, ao qual recorreram para que as crianças fossem apoiadas na fase de transição. Quanto à integração, a mãe indica que o Gonçalo já sente a casa como sua.

**Relações afetivas:** os pais evidenciam uma ligação emocional imediata em relação às crianças, admitindo sentir que as crianças fazem parte da família desde sempre. Contudo, a mãe surge como a figura que mimar e acarinha, a quem os filhos estão emocionalmente mais próximos. Por sua vez, o pai assume a figura de autoridade e é o responsável pelo ditar e cumprir das regras. Enquanto as crianças procuram a mãe, na relação com o pai predomina o respeito e uma certa distância emocional. O Gonçalo estava ansioso para ser adotado e apresenta alguns comportamentos desafiadores como ameaçar querer voltar à instituição ou à família biológica quando se zanga e/ou quando é contrariado. A Juliana, apesar de ter estranhado a mudança de ambiente entre a instituição e nova família, não desafia o sistema familiar. A mãe naturaliza os comportamentos desafiadores, colocando-se no lugar das crianças e demonstra ser capaz de reconhecer as necessidades de atenção e afeto dos filhos. Os pais descrevem a Juliana como uma menina que tem muita paciência para crianças mais pequenas, sendo muito protetora. Por sua vez, com os mais velhos, os pais consideram que é mais “arisca”, assumindo uma postura de líder. O Gonçalo é descrito com um menino tranquilo, que apenas se zanga quando é provocado por outras crianças. A mãe considera que a disponibilidade de horário ajuda a fomentar a ligação emocional entre as crianças e a família, pois passam muito tempo juntos. Destaca também a motivação e força de vontade como um fator que permite ultrapassar todas as dificuldades que possam surgir. A família alargada recebeu muito bem a notícia da adoção e as crianças adaptaram-se muito naturalmente à mesma. As crianças também convivem frequentemente com o grupo de amigos dos pais, onde têm contacto com outras crianças.

**Dificuldades e receios sentidos pelos pais neste processo:** os pais indicam que lidar com a resistência da criança na adaptação às regras familiares, incutir regras, falta de consistência nas práticas parentais, lidar com os protestos/birras da criança e lidar com os sentimentos da criança face ao seu passado são as principais dificuldades que encontraram neste processo.

**Abertura da comunicação sobre a adoção:** os pais consideram ser importante falar de adoção para que este não seja um assunto tabu, mas reforçam que não deve ser um assunto constantemente referido. Deste modo, os pais não falam do assunto com as crianças, referindo que estas sabem que são adotadas. Quando o assunto surge é por iniciativa das crianças, embora seja raro. Face ao passado, as crianças falam tanto da casa de acolhimento como das suas vivências na família biológica, no entanto os pais consideram que estas estão confusas e algumas memórias não correspondem sequer à realidade. A Juliana manifesta saudades da casa de acolhimento e tanto ela como o Gonçalo já pediram para ir visitar os colegas e auxiliares da casa. Quando é contrariado e se zanga, o Gonçalo ameaça querer regressar à casa de acolhimento e à família biológica, algo que os pais desvalorizam e desdramatizam, procurando ser empáticos com a criança. A mãe acrescenta que o Gonçalo sente uma mágoa muito grande pela família biológica por ter sido abandonado.

**Vivência da parentalidade:** a dificuldade em engravidar e a ausência do desejo da gravidez foram as motivações que levaram o casal a adotar. O pai descreve-se a si próprio como um pai rígido, focado nas regras. Por sua vez, a mãe admite ter dificuldade em se descrever neste papel, considerando apenas que é uma mãe carinhosa. A mãe considera que a parentalidade implica muita responsabilidade, mas está a corresponder às expectativas que construiu, no entanto, para o pai não está a corresponder ao esperado no que diz respeito à

proximidade emocional que esperava estabelecer com as crianças. Por um lado, o casal diz estar de acordo nas questões essenciais e o pai admite que enquanto um se dedica às tarefas domésticas, outro fica encarregue das tarefas parentais, conseguindo gerir o sistema familiar desta forma. No entanto, a mãe sente que o marido a apoia pouco nas tarefas domésticas. O pai admite que a relação conjugal se agravou após a adoção, porque as discussões são mais frequentes. Relativamente às práticas parentais, o pai revela que às vezes recorre à punição como forma de estabelecer os limites. O casal justifica alguns comportamentos desajustados das crianças devido à sua vivência institucional e outros consideram que são próprios da idade das crianças.

**Ideias acerca da adoção tardia:** o casal aconselha os futuros pais a terem em consideração as potencialidades da criança e a considerar que também existem casos de insucesso com crianças mais novas. Os pais encontram várias vantagens na idade mais avançada da criança como não ter de revelar a adoção, o valor que a criança atribui à adoção, o facto do desejo da criança em ter uma família facilitar o processo de vinculação e por ser mais crescida, a criança compreende melhor as regras.

---

Após a leitura de cada uma das narrativas, identificaram-se as principais comunalidades encontradas nas setes famílias. A partir da articulação dos diversos aspetos de cada família, dedicamo-nos à construção da teoria, que consiste numa narrativa padrão do fenómeno em estudo, apresentada em seguida.

#### 4. Narrativa padrão

##### Narrativa

---

Quando a criança veio para casa, aderiu rapidamente às nossas rotinas, mas notamos que estranhou a mudança de ambiente. Nós também sentimos algumas mudanças nos nossos horários e rotinas, que alteraram por completo. Facilitou o facto de estarmos habituados a partilhar as tarefas domésticas e de conseguirmos dividir, entre os dois, as tarefas relacionadas com a criança. Recorremos também à ajuda de familiares e de profissionais na área da psicologia.

A criança ligou-se logo a mim, pai, e não deixava mais ninguém aproximar-se. Eu, mãe, era rejeitada e alvo das provocações e desafios dela. A nossa aproximação foi gradual e atualmente está tão próxima de mim como do pai. Aliás, sentimos que a criança nos vê como seus pais, da mesma forma que olhamos para ela e sentimos que é nossa filha. Ela é muito meiga, tem uma personalidade de líder e é bastante teimosa. Já conseguimos perceber quando está triste ou se alguma coisa a preocupa.

A nossa família reagiu muito bem à nossa decisão de adotar e a criança adaptou-se muito facilmente a eles. Passa bastante tempo na sua companhia, assim como na companhia de amigos nossos. Relaciona-se bem com todos eles.

As principais dificuldades que sentimos durante este processo foram incutir regras à criança, pois ela era muito resistente às mesmas, e lidar com as suas birras e protestos.

Em relação a falarmos com ela sobre a adoção, por norma não falamos do assunto. Quando falamos, a iniciativa parte da criança, que se demonstra curiosa sobre a sua história. Parece-nos que ela compreende o processo de adoção, mas achamos que está confusa em relação ao seu passado. No entanto, ela fala-nos várias vezes do acolhimento institucional e da família biológica.

A nossa principal motivação para adotar foi termos tido dificuldade em engravidar. Como mãe considero que sou carinhosa e meiga, embora, já passados dois anos, ainda sinta alguma dificuldade em descrever-me neste papel. Eu vejo-me como um pai presente e brincalhão, mas também preocupado com as regras. Nas nossas práticas parentais procuramos ser consistentes, dialogar com a nossa filha e estabelecer os limites através da definição de regras. Compreendemos que alguns dos seus comportamentos desajustados como determinados hábitos (e.g., a criança não se levantar da cama a não ser que seja autorizada a fazê-lo) e atitudes de oposição e birras se devem às suas vivências passadas, tanto no seio da família biológica (e.g., a negligência) como no acolhimento institucional.

Ao longo deste processo, algumas das expectativas que criamos corresponderam à realidade que encontramos, como a exigência de todo o processo, e outras foram, inclusive, superadas pela positiva como a relação que conseguimos construir com a criança. Contudo, algumas destas expectativas também foram defraudadas. Pensávamos, por exemplo, que iríamos conseguir lidar melhor com algumas situações, nomeadamente birras e comportamentos de desafio da criança. A nossa maior conquista é ver e acompanhar o desenvolvimento da criança e, no geral, sentimo-nos muito bem no nosso papel de pais.

Às famílias que estejam a pensar adotar crianças mais velhas, nós sugerimos que o façam, que arrisquem na adoção, porque também existem aspetos positivos nesta modalidade de adoção como não terem de revelar à criança que é adotada, uma vez que ela conhece a sua história; por ser mais crescida, a criança

atribuí mais valor à adoção e compreende melhor as regras; o seu desejo em ter uma família facilita a forma como se liga emocionalmente a nós, pais; consegue expressar as suas necessidades verbalmente, o que nos permite compreendê-la melhor e a sua idade acaba por coincidir com a nossa, que somos também mais velhos.

---

Passemos a uma reflexão sobre o conteúdo da narrativa padrão acerca do processo de construção da família na modalidade de adoção tardia, abordando alguns aspetos relevantes deste processo.

Começaremos por abordar a motivação para a adoção, as dificuldades que os pais adotivos encontram no processo de adoção, nomeadamente após a chegada da criança à família, e alguns fatores protetores e facilitadores face a estas dificuldades. Seguidamente, abordamos a relação entre as expectativas construídas e a realidade encontrada pelos pais adotivos, terminando com uma reflexão acerca da perspetiva dos pais sobre a adoção de crianças mais velhas. Os conteúdos associados às relações afetivas e à abertura da comunicação serão apenas brevemente abordados, uma vez que já foram discutidos em detalhe na secção dois do presente capítulo.

A narrativa revela que a infertilidade e dificuldades associadas à gravidez foram as motivações principais que conduziram os casais a optar pela adoção como forma de parentalidade. Este resultado é suportado pela literatura, que indica que a impossibilidade ou dificuldade em conceber um filho biológico é a principal causa que leva o casal a explorar outras estratégias para realizar o seu desejo de serem pais, onde emerge a adoção como uma opção alternativa (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Os obstáculos relacionados com a parentalidade em si mesma (e.g., definir regras) e na relação com a criança (e.g., lidar com as birras e protestos) constituem as principais dificuldades referidas pelos pais adotivos durante o período de adaptação. Tais resultados vêm corroborar alguns estudos empíricos em que as exigências da parentalidade foram identificadas como um dos desafios com que os pais adotivos se confrontam no processo de transição para a parentalidade adotiva (Mckay & Ross, 2010), assim como a desobediência e o testar dos limites por parte da criança (McGlone et al., 2002).

A forma como os pais interpretam estas dificuldades assume um papel importante na forma como lidam com as mesmas (Pinderhughes, 1996). A narrativa revela que estes interpretam os comportamentos desajustados da criança, como alguns hábitos, a dificuldade de cumprir as regras e comportamentos de oposição e birras, à luz das vivências passadas, nomeadamente no seio da família biológica e na casa de acolhimento. Compreendem que os comportamentos desajustados são uma forma da criança comunicar os sentimentos e emoções negativas decorrentes do seu passado e do grande medo de voltar a ser mal tratada e abandonada (Katz, 1986). Neste sentido, os pais demonstram ser capazes de investir em comportamentos de aproximação, transmitindo à criança a segurança que esta tanto anseia.

A maioria das famílias adotivas revela ter recorrido e/ou recorrer ao apoio de profissionais da área de psicologia após a chegada da criança à família. Alguns pais admitem ter recorrido a este serviço por sentirem que a criança necessitava de algum apoio durante a fase de adaptação e integração na família, enquanto outros recorreram motivados por dúvidas relacionadas com o processo de adoção e possíveis consequências no desenvolvimento da criança (e.g., ter contacto com elementos da família biológica) e ainda por dificuldades escolares apresentadas pela criança. O apoio da família alargada (seja a cuidar da criança, seja a fornecer apoio emocional aos pais) também é indicado pelas famílias, bem como a reação positiva dos familiares à decisão do casal em adotar.

Deste modo, a ajuda da família alargada e o apoio profissional, mais especificamente a ajuda de psicólogos, parecem compor a rede de recursos que socorre os pais em momentos de maior tensão. O suporte de outros é considerado na literatura um fator facilitador na superação dos desafios e eventos *stressores* com que a família se confronta (Bejenaru & Roth, 2012; McKay & Ross, 2010; Pinderhughes, 1996), devendo assim continuar a ser valorizada a rede de recursos sociais e afetivos dos candidatos à adoção, aquando da sua avaliação. Por sua vez, a falta de apoio da família alargada na decisão de adotar está associada a maiores níveis de *stress* sentidos pelos pais adotivos (Bird et al., 2002), pelo que a reação positiva dos familiares à decisão de adoção parece contribuir para uma adaptação bem-sucedida das famílias adotivas.

A complementaridade na gestão das tarefas domésticas antecedente à adoção, aliada à partilha das tarefas parentais entre o casal, surge como um facilitador do processo de adaptação. Pinderhughes (1996) considera que a coesão familiar e a qualidade das relações constituem recursos internos que facilitam o reajustamento familiar, sendo a convergência entre o casal um recurso que a família pode mobilizar de modo a lidar com as exigências encontradas na fase de adaptação (Nogueira, 2015).

Quanto às expectativas criadas pelos pais acerca da experiência de adoção, verifica-se que algumas foram correspondidas, umas foram superadas pela positiva e outras defraudadas. Kirk (1960, citado em Mateus & Relvas, 2002) alertou para o facto de que as expectativas irrealistas podem funcionar como uma armadilha, que dificulta o processo de adaptação e de ligação emocional entre os pais e a criança. Por sua vez, tal ligação, de acordo com Brodzinsky e Pinderhughes (2002), tende a ser facilitada quando a criança vai ao encontro das expectativas criadas pelos pais. Pinderhughes (1996) descreve que a integração positiva da criança no sistema familiar tende a ocorrer quando se verifica um ajustamento das expectativas à realidade. Os casais expressaram, de uma forma geral, sentir-se bem no seu papel de pais, o que parece indicar que, embora algumas das expectativas não se tenham cumprido, a totalidade da experiência traduz um saldo positivo.

Ver a criança desenvolver-se é assinalado, pelos pais, como a maior conquista do processo adotivo. Este é um aspeto que surge na literatura como um dos fatores que facilita a superação dos desafios da fase de pós-adoção e estimula a construção da ligação afetiva, permitindo que a criança e os pais se adaptem mutuamente e formem entre si um vínculo seguro (Hoksbergen, 1996; McKay & Ross, 2010).

A maioria dos pais aconselharia uma família que estivesse a ponderar adotar uma criança mais velha a arriscar na adoção, destacando como aspeto positivo o facto de não terem de revelar à criança que é adotada, uma vez que esta conhece a sua história. Esta vantagem que os pais adotivos associam à idade tardia da criança reforça os resultados obtidos no estudo de Dias e colaboradores (2008), onde os autores procuraram compreender a perceção dos pais adotivos de crianças mais velhas sobre a adoção tardia e concluíram que estes identificavam vários aspetos positivos, sendo um deles o não ter de revelar à criança a adoção.

Como referido anteriormente, apenas numa família se verifica que a iniciativa para falar sobre adoção parte dos pais. Nas restantes, a iniciativa parte da criança ou o assunto não é abordado, justificando-se a ausência de comunicação precisamente pelo facto de a criança já ser conhecedora da adoção. Trata-se de uma vantagem que permite evidenciar a insegurança sentida pelos pais adotivos em comunicar com a criança acerca da adoção, uma vez que, por a criança ter conhecimento acerca da sua história, estes consideram-se libertos da tarefa de abordar o assunto com a mesma.

A perspetiva positiva evidenciada pelos pais adotivos, que aconselhariam a arriscar na adoção, sugere que, contrariamente ao que a literatura indica (Marinho, 2012; McDonald et al., 2001; Palacios, 1998), a idade da criança não constitui necessariamente um fator de risco ao sucesso do processo de adoção. As famílias estudadas apresentam processos de adoção bem-sucedidos, tendo sido capazes, como sugere Pinderhughes (1996), de integrar a criança no sistema familiar e investir no seu funcionamento individual saudável.

Globalmente, a narrativa é convergente com a literatura, no sentido de uma vivência e perspetiva facilitadora da integração bem-sucedida de crianças mais velhas. Contudo, destacam-se dois conteúdos que, do ponto de vista teórico, não devem constituir uma orientação para futuras famílias: a questão da comunicação aberta com a criança, corroborada pela vantagem encontrada no final acerca da adoção de crianças mais velhas, pois a não iniciativa dos pais a manter este tema presente e em diálogo aberto com a criança representa uma lacuna e a identificação das regras como dificuldade exclusiva, enfatizando apenas as preocupações disciplinares e conduzindo à interpretação de que essa será a área a requerer intervenção direta.

### **Conclusão**

Considerando os objetivos da investigação, foi possível construir uma narrativa descritiva do fenómeno em estudo e compreender como são construídas as relações familiares

na adoção de crianças mais velhas, o grau de abertura da comunicação sobre a adoção e as estratégias utilizadas pelos pais na comunicação.

A narrativa acerca da construção da família na modalidade de adoção tardia foi construída com base nas categorias emergentes na entrevista aos pais adotivos. O facto de ambos os pais (i.e., pai e mãe) serem entrevistados ao mesmo tempo permitiu obter ainda mais informação acerca da dinâmica familiar, não só pelo conteúdo diretamente expressado pelos entrevistados, mas também pela interação estabelecida entre estes. Entrevistar o casal em conjunto, permitiu também dar voz à figura paterna, elemento menos frequente em estudos acerca desta temática. Permitiu ainda contactar com uma descrição da dinâmica familiar negociada entre os pais, constituindo assim um produto sistémico, podendo, assim, considerar-se um ponto forte do presente estudo.

As principais dificuldades no período pós-adoção referidas pelos pais adotivos centram-se nos desafios inerentes à parentalidade e na relação com a criança, em que o apoio da família alargada e de profissionais da área de psicologia, bem como a presença de complementaridade do casal na gestão das tarefas domésticas, antecedente à adoção, surgem como respostas centrais neste período e facilitadoras do processo. A infertilidade e dificuldade em engravidar surgem como a principal motivação para adotar e a congruência entre as expectativas criadas e a realidade encontrada associa-se a uma experiência de parentalidade positiva.

Algumas implicações práticas podem ser retiradas a partir destes resultados presentes na narrativa obtida, nomeadamente no que concerne à preparação do casal para a chegada da criança. Deste modo, trabalhar fatores facilitadores como a comunicação entre o casal e a sua coesão, bem como a rede de apoio e recursos que a família tem disponível pode ser uma estratégia de empoderamento do casal, de modo a que este consiga superar com sucesso as dificuldades inerentes ao período de adaptação (Nogueira, 2015). Deverão ser trabalhadas também as expectativas do casal face à criança e ao processo de adoção, para que estas sejam ajustadas à realidade (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Tal pode ser feito através da partilha de exemplos de casos de adoção, do testemunho de famílias adotivas acerca da sua experiência e da criação de grupos de apoio constituídos por pais adotivos, onde estes podem partilhar dúvidas, receios e obter suporte emocional.

A construção da relação afetiva entre a criança e os pais não é um processo linear, mas antes um processo marcado por movimentos de aproximação e distanciamento de ambas as partes. O sistema familiar procura reajustar-se para integrar a criança, experiencia diferentes estratégias e dinâmicas até atingir novamente o equilíbrio, enquanto a criança também luta para sentir a família como sua (Pinderhughes, 1996). Neste jogo relacional dinâmico podem surgir triângulos no seio da família nuclear que, por sua vez, se podem interligar a outros elementos externos, formando diversos triângulos, que partilham o objetivo único de aliviar a tensão do

sistema familiar após a introdução de um novo elemento (Bowen, 1976; Brown, 1998; Titelman, 2012). Assim, recursos externos como família alargada, amigos, profissionais, grupos de apoio, entre outros, aos quais a família pode pedir ajuda e apoio em momentos de maior tensão, podem determinar o sucesso do processo de adoção (Dias, 2004, citado em Dias et al., 2008; Katz, 1986). Através de triângulos interligados, os problemas vividos pela família nuclear, que destabilizam o seu equilíbrio, podem ser resolvidos e controlados por elementos externos, instaurando um estado de acalmia na família (Bowen, 1976), o que espelha a importância de apoiar as famílias no período de pós-adoção e de assegurar que estas têm redes de apoio e recursos disponíveis.

Na conquista do seu espaço na família, a criança manifesta a sua insegurança através de diferentes tipos de comportamento e a forma como os pais os interpretam parece ser um fator preponderante na forma como lidam com os mesmos. Consequentemente, a sua resposta parece influenciar a leitura da criança sobre a família e o seu comportamento posterior. Deste modo, orientar os futuros e atuais pais adotivos a lerem os comportamentos da criança através de uma perspetiva sistémica pode ter um impacto positivo no processo de adoção (Katz, 1977), bem como reduzir o número de adoções falhadas, em que a criança retorna à instituição, ou as situações em que a criança permanece na família adotiva, mas nunca se sente verdadeiramente integrada. Quando os pais compreendem que “o comportamento de um membro da família é indissociável do comportamento dos restantes e aquilo que lhe acontece afeta a família no seu conjunto” (Alarcão, 2002, p.40), abandonam a ideia de que a criança é a fonte de todos os problemas, dividindo a responsabilidade pela família, e despertam para outros possíveis significados que o comportamento manifestado pela criança possa ter, para além daquele que, num primeiro momento, parece mais óbvio (e.g., provocação, má educação, desrespeito).

Esta é uma das características que Katz (1986) associa aos adotantes bem-sucedidos de crianças mais velhas e que Pinderhughes (1996) assinala como determinante na superação da fase de resistência instalada no sistema familiar. Deste modo, o olhar sistémico é uma “ferramenta” que deverá ser trabalhada pelos profissionais nas formações de preparação para a adoção, de modo a ser compreendido como um recurso que pode ser mobilizado em momentos de maior tensão. O objetivo consiste em que os pais sejam capazes de compreender que quando a criança é contrariada ou lhe são impostos limites, estes são vivenciados como uma rejeição por parte dos pais, reacendendo o seu medo de ser abandonada novamente o que, consequentemente, aumenta a ansiedade que conduzirá a birras e oposição. Deste modo, os pais focam-se em ajudar a criança a superar os seus medos, investindo mais em comportamentos de aproximação, em vez de ficarem envolvidos num clima de ambivalência motivado pelos comportamentos de rejeição, desafio ou insegurança da criança.



Face à comunicação sobre adoção, os resultados obtidos reforçam a ideia de que esta é transversal a todas as famílias adotivas, independentemente da idade de integração da criança, e ilustram que se trata de um processo dinâmico e não de um momento único no tempo (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016). Contudo, as famílias ainda não tomam a iniciativa de comunicar sobre adoção, seja pela dificuldade em fazê-lo, seja pela crença de que a comunicação se restringe à revelação da adoção ou pela convicção de que deve ser a criança a manifestar vontade em explorar o assunto. Tal demonstra a necessidade de maior investimento em práticas que ajudem os pais adotivos a lidar com as dificuldades encontradas no processo comunicacional e a encontrar estratégias eficazes, sobretudo focadas nos casos de adoções de crianças mais velhas. Investe-se muito na informação sobre o momento da revelação da adoção, esquecendo-se de que a comunicação sobre a adoção envolve também a partilha, a expressão emocional dos elementos envolvidos (i.e., criança, pais adotivos, irmãos, entre outros) e a construção conjunta de significados (Brodzinsky, 2006). Promover práticas orientadas para o processo, e não centradas num único momento, permite ainda desmistificar a ideia de que pela criança ter conhecimento de que é adotada, os pais adotivos estão libertos da tarefa de falar com esta sobre adoção.

Os resultados levantam ainda a questão sobre qual o *timing* adequado para comunicar sobre adoção. A comunicação deverá ocorrer imediatamente à chegada da criança à família ou quando a criança já manifesta sinais de se sentir segura e confortável para abordar o assunto? Embora a literatura dê maior relevo à primeira opção (Barbosa-Ducharme & Soares, 2016; Brodzinsky et al., 1984), a experiência dos pais adotivos não está em concordância com a ideia de que a comunicação sobre adoção se deve iniciar após a chegada da criança. Apesar de os resultados obtidos não permitirem chegar a uma resposta conclusiva, abrem caminho para futuras investigações neste domínio, tendo implicações práticas, nomeadamente ao nível do plano de formação para a adoção.

Face ao universo de ideias dos pais adotivos acerca da adoção tardia, os resultados demonstram que estes associam vários aspetos positivos à idade avançada da criança e que aconselham a experiência de adoção tardia a famílias que estejam a ponderar adotar. Estes resultados podem traduzir-se em várias implicações a nível teórico e social no que concerne a esta modalidade de adoção. Existe um forte preconceito em relação à adoção tardia (Weber & Kossobudzki, 1996, citado em Dias et al., 2008), marcado por crenças e expectativas negativas face à idade da criança que levam a que crianças mais velhas sejam frequentemente colocadas no final da lista de preferências dos solicitantes à adoção (Camargo, 2005).

O termo “tardia” parece transmitir uma conotação negativa, na medida em que sugere que as crianças adotadas nesta modalidade têm uma idade que não é a ideal para serem adotadas. Como tal, sugere-se a diminuição do uso do termo “adoção tardia”, considerando-se

que a sua utilização pode constituir um rótulo pejorativo para a criança. Ao invés, sugere-se o termo “adoção de crianças mais velhas”, alteração pode ainda ter um impacto ao nível das representações sociais face a esta modalidade de adoção, levando a uma maior procura de crianças mais velhas, por parte dos solicitantes à adoção,

Como principais limitações, relaciona-se com a diversidade da amostra do estudo. Esta é constituída por famílias com crianças que foram adotadas em diferentes idades, cujo tempo de integração na família é bastante diferente de família para família, mas também por famílias que adotaram apenas uma criança, outras que adotaram fratrias e uma que já tinha filhos biológicos. Deste modo, alguns fenómenos específicos da adoção de fratrias de irmãos e da experiência de parentalidade adotiva em famílias com filhos biológicos não foram explorados, devido ao foco no fenómeno da adoção tardia e à dificuldade em conjugar a complexidade de cada um destes fenómenos num único estudo.

Relativamente a futuras investigações, seria interessante metodologicamente proceder à validação da narrativa construída, junto de profissionais com experiência no acompanhamento de famílias na pré e na pós-adoção e junto de outras famílias com experiências de sucesso, à semelhança das entrevistas. Seria também da maior pertinência continuar a conhecer e recolher a experiência de famílias adotivas na modalidade de adoção tardia, de modo a enriquecer a narrativa o conhecimento nesta área, nomeadamente da parte de famílias com um balanço menos positivo e que se confronto com mais dúvidas e dificuldades, de modo a contrastar com as estudadas. Seria ainda relevante estudar a adoção tardia, mais especificamente a construção das relações familiares, contrastando com famílias adotantes de fratrias e com famílias com filhos biológicos, de forma a compreender se o processo é congruente com os resultados obtidos no presente estudo ou, no caso de não ser, que especificidades apresenta e como é que estas podem ser utilizadas de forma a auxiliar as famílias e ampliar os casos de adoções bem-sucedidas. De igual forma, seria pertinente confrontar o discurso de famílias adotivas de crianças mais velhas com o discurso de famílias adotantes de bebés, de modo a compreender se existem diferenças substanciais justificadas pela idade da criança ou se o processo de construção de família e os desafios associados são semelhantes nos dois casos, representando estes desafios uma transição normativa do ciclo de vida da família adotiva. Uma vez que a maioria das famílias admite ter recorrido e/ou recorrer a profissionais da área da psicologia, levanta-se a questão se todas as crianças adotadas tardiamente precisam de intervenção psicológica especializada. Neste sentido, seria relevante investigar esta questão e se uma maior preparação da criança para a adoção, a torna capaz de fazer uma transição com maior flexibilidade e confiança no sistema familiar, a par de um acompanhamento dos pais (mãe e pai) informado com os resultados da investigação.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *Famílias adotivas*. Coimbra: Quarteto.
- Barbosa-Ducharne, M. A., & Soares, J. (2016). Process of adoption communication openness in adoptive families: adopters' perspective. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(1), 9.
- Bejenaru, A., & Roth, M. (2012). Romanian adoptive families: Stressors, coping strategies and resources. *Children and Youth Services Review*. doi:10.1016/j.childyouth.2012.03.011
- Bird, G. W., Peterson, R., & Miller, S. H. (2002). Factors Associated With Distress Among Support-Seeking Adoptive Parents. *Family Relations*, 51(3), 215-220.
- Bowen, M. (1976). Theory in the practice of psychotherapy. *Family therapy: Theory and practice*, 4, 2-90.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Loss, Sadness and Depression*. (Vol. 3). New York: Basic Books.
- Brodzinsky, D. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(4), 1-18
- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and Child Development in Adoptive Families. Em M. H. Bornstein, *Handbook of Parenting - Children and Parenting* (2ª ed., Vol. 1, pp. 278-304). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Brodzinsky, D., & Palacios, J. (2010). Adoption research: Trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 1-15. doi:10.1177/0165025410362837
- Brodzinsky, D. M., Singer, L. M., & Braff, A. M. (1984). Children's understanding of adoption. *Child development*, 869-878.
- Brown, J. (1999). Bowen family systems theory and practice: Illustration and critique. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 20(2), 94-103.
- Camargo, M. L. (2005). Adoção Tardia: Representações Sociais de Famílias Adotivas e Postulantes à Adoção (Mitos, Medos e Expectativas). Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Brasil.
- Dias, C. M., Silva, R. V., & Fonseca, C. M. (2008). A adoção de crianças maiores na perspectiva dos pais adotivos. *Contextos Clínicos*, 28-35.
- Haugaard, J. J., Wojslawowicz, J. C., & Palmer, M. (1999). Outcomes in Adolescent and Older-Child Adoptions. *Adoption Quarterly*, 61-69. doi:10.1300/J145v03n01\_05
- Henriques, M. R. (2000). *Narrativas e Agorafobia: Construção e Validação de uma Narrativa Protótipo*. (Tese de Doutorado, Instituto de Educação e Psicologia - Departamento de Psicologia). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Hodges, J., Steele, M., Hillman, S., Henderson, K., & Kaniuk, J. (2003). Changes in Attachment Representations Over the First Year of Adoptive Placement: Narratives of Maltreated Children. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 8, 351-367.

- Hoksbergen, R. (1995). *Child adoption : a guidebook for adoptive parents and their advisers*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Jones, C., & Hackett, S. (2007). Communicative openness within adoptive families: Adoptive parents' narrative accounts of the challenges of adoption talk and the approaches used to manage these challenges. *Adoption Quarterly*, 10(3-4), 157-178
- Katz, L. (1977). Older Child Adoptive Placement: A Time of Family Crisis. *Child Welfare League of America*, 165-171.
- Katz, L. (1986). Parental Stress and Factors for Success In Older-Child Adoption. *Child Welfare League of America*, 569-578.
- Marinho, S. (2012). Do risco e proteção à disrupção ou sucesso da adoção: vivências dos filhos e dos pais e práticas profissionais. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação – Universidade do Porto, Portugal.
- Mateus, G., & Relvas, A. (2002). Adopção e Parentalidade. Em M. Alarcão, & A. Relvas, *Novas Formas de Família* (pp. 121-176). Coimbra: Quarteto.
- McDonald, T. P., Propp, J. R., & Murphy, K. C. (2001). The Postadoption Experience: Child, Parent, and Family Predictors of Family Adjustment to Adoption. *Child Welfare League of America*, 71-94.
- McGlone, K., Santos, L., Kazama, L., Fong, R., & Mueller, C. (2002). Psychological Stress in Adoptive Parents of Special-Needs Children. *Child Welfare League of America*, LXXXI, 151-171.
- McKay, C., & Ross, L. E. (2010). The transition to adoptive parenthood: A pilot study of parents adopting in Ontario, Canada. *Children and Youth Services Review*, 604-610.
- Nogueira, F. A. (2015). Processo de Adaptação nas Famílias Adotivas – A Perceção Parental sobre Exigências e Potencialidades. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa, Portugal
- Palacios, J. (1998). Familias adoptivas. Em M. J. Rodrigo, & J. Palacios, *Familia y desarrollo humano* (pp. 353-371). Madrid: Alianza Editorial.
- Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. Em E. A. Freijo, & A. O. Delgado, *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares*. (pp. 51-66). Madrid: Pirámide.
- Pinderhughes, E. E. (1996). Toward Understanding Family Readjustment Following Older Child Adoptions: The Interplay Between Theory Generation and Empirical Research. *Children and Youth Services Review*, 115-138.
- Rennie, D., Phillips, J., & Quartaro, G. (1988). Grounded Theory: A promising approach to conceptualization in psychology? *Canadian Psychology*, 139-150.
- Rushton, A. (2003). *The adoption of looked after children: A scoping review of research*. London: Social Care Institute for Excellence.
- Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adopção: O Direito e os afectos. Caracterização das famílias adoptivas do Distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 501-517.

- Smith, J. (1997). Entitlement: An Essential Dynamic in the Adoptive Family. Em J. Smith, *The realities of adoption*. (pp. 15-18). Lanham, Maryland: Madison Books.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research techniques*. Sage publications.
- Titelman, P. (2012). *Triangles: Bowen family systems theory perspectives*. Routledge
- Vargas, M. M. (s.d.). *Adoção Tardia*. Obtido de Grupo de Apoio à Adoção de São Paulo: [http://www.gaasp.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=277%3Aadocao-tardia&catid=47%3Aadocao-tardia&Itemid=67](http://www.gaasp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=277%3Aadocao-tardia&catid=47%3Aadocao-tardia&Itemid=67)
- Willig, C. (2012). Perspectives on the epistemological bases for qualitative research.
- Winek, J. L. (2009). *Systemic family therapy: From theory to practice*. Sage.

## **Anexos**

---

**Anexo I:**  
**Dados relativos à criança e aos pais**

---

Tabela 1. Dados referentes às crianças.

Criança	Idade	Tempo de institucionalização	Idade de integração	Tempo de adoção	Existência de irmãos adotivos	Adotado em fratria	Nº de elementos da família nuclear
Mário	7 Anos	6 Anos	6 Anos	1 Ano e 3 meses	Uma irmã adotiva	Não	4
Edgar	4 Anos	3 Anos	3 Anos	8 Meses	Não	Não	3
Tânia	9 Anos	2 Anos	8 Anos	1 Ano e 7 meses	Não	Sim (irmã: Luana)	4
Luana	7 Anos	2 Anos	6 Anos	1 Ano e 7 meses	Não	Sim (irmã: Tânia)	4
Andreia	4 Anos	1 Ano e 6 meses (+ 1 ano em família de acolhimento)	3 Anos	6 Meses	Não	Sim (irmão: Lourenço)	4
Lourenço	9 Anos	1 Ano e 6 meses (+ 1 ano em família de acolhimento)	9 Anos	6 Meses	Não	Sim (irmã: Andreia)	4
Rodrigo	8 Anos	3 Anos	3 Anos	5 Anos	Não	Não	3
Ricardo	8 Anos	2 Anos (+ 2 anos em família de acolhimento)	7 Anos	1 Ano e 6 meses	Não	Não	3
Juliana	7 Anos	3 Anos e meio	5 Anos	1 Ano e 5 meses	Não	Sim (irmão: Gonçalo)	4
Gonçalo	8 Anos	5 Anos e meio	7 Anos	1 Ano e 5 meses	Não	Sim (irmão: Juliana)	4

Tabela 2. Dados sociodemográficos dos pais.

Famílias		Idade	Escolaridade	Profissão
Família 1	Pai	35 Anos	Licenciatura	Engenheiro
	Mãe	37 Anos	Mestrado	Engenheira
Família 2	Pai	42 Anos	Ensino universitário incompleto	Desenhador
	Mãe	39 Anos	Ensino secundário	Administrativa
Família 3	Pai	39 Anos	Ensino secundário	Administrativo
	Mãe	43 Anos	Bacharelato	Oficial de Justiça
Família 4	Pai	43 Anos	Doutoramento	Professor Universitário
	Mãe	41 Anos	Licenciatura	Explicadora
Família 5	Pai	43 Anos	Ensino secundário	Gestor comercial
	Mãe	46 Anos	Licenciatura	Gerente
Família 6	Pai	47 Anos	Ensino universitário incompleto	Empregado de armazém
	Mãe	49 Anos	Ensino universitário incompleto	Gestora de cliente
Família 7	Pai	40 Anos	Licenciatura	Professor de música
	Mãe	42 Anos	Licenciatura	Advogada



**Anexo II:**  
**Árvore de Categorias**

---

**Anexo II-A:** Esquema geral das categorias

**Anexo II-B:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Adaptação e Integração’

**Anexo II-C:** Subcategorias constituintes da categoria ‘Construção da relação afetiva com a criança’ e ‘Fatores facilitadores da relação’

**Anexo II-D:** Subcategorias constituintes da categoria ‘Família alargada e amigos’

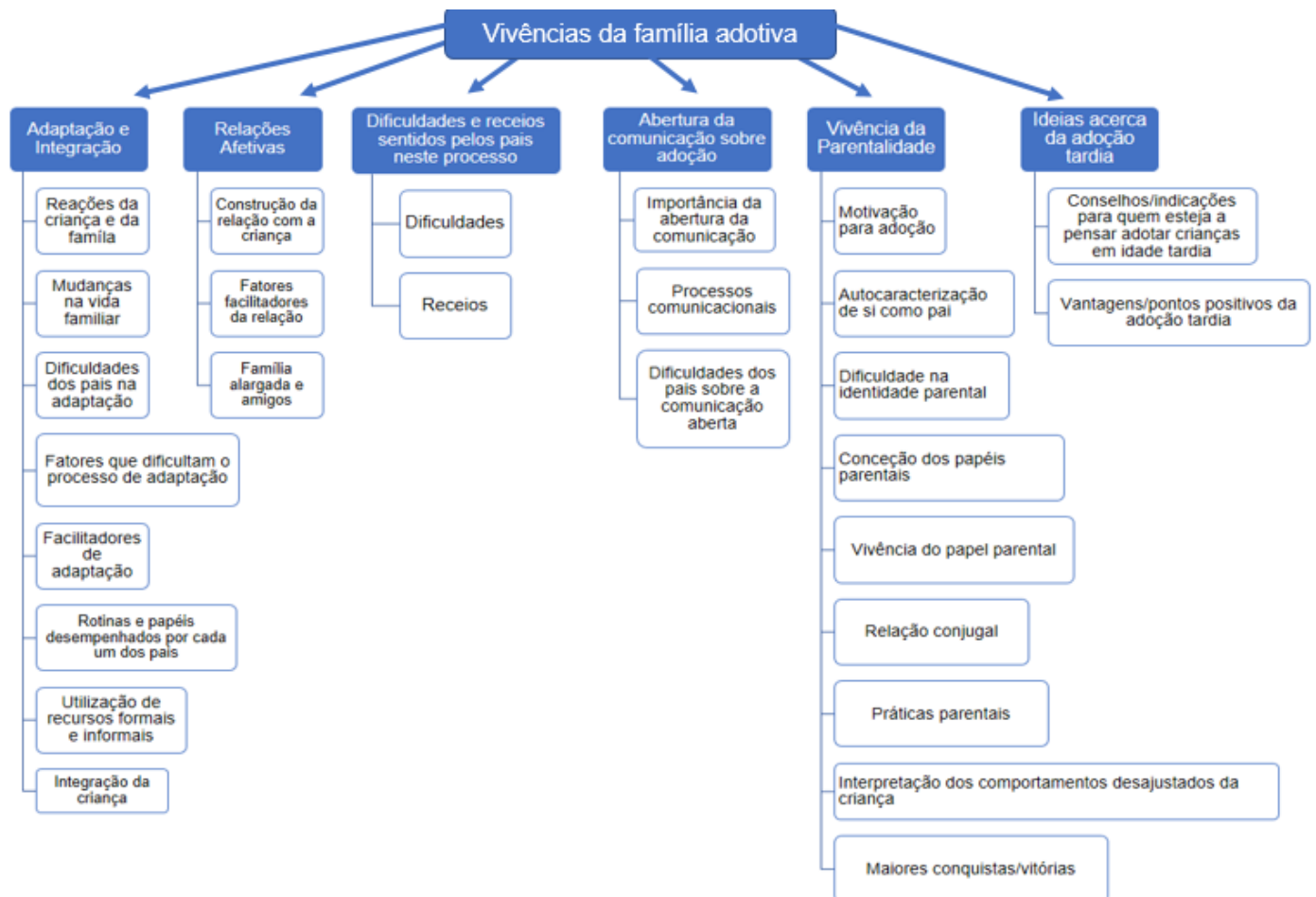
**Anexo II-E:** Subcategorias constituintes das categorias ‘Dificuldades’ e ‘Receios’

**Anexo II-F:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Abertura da comunicação sobre adoção’

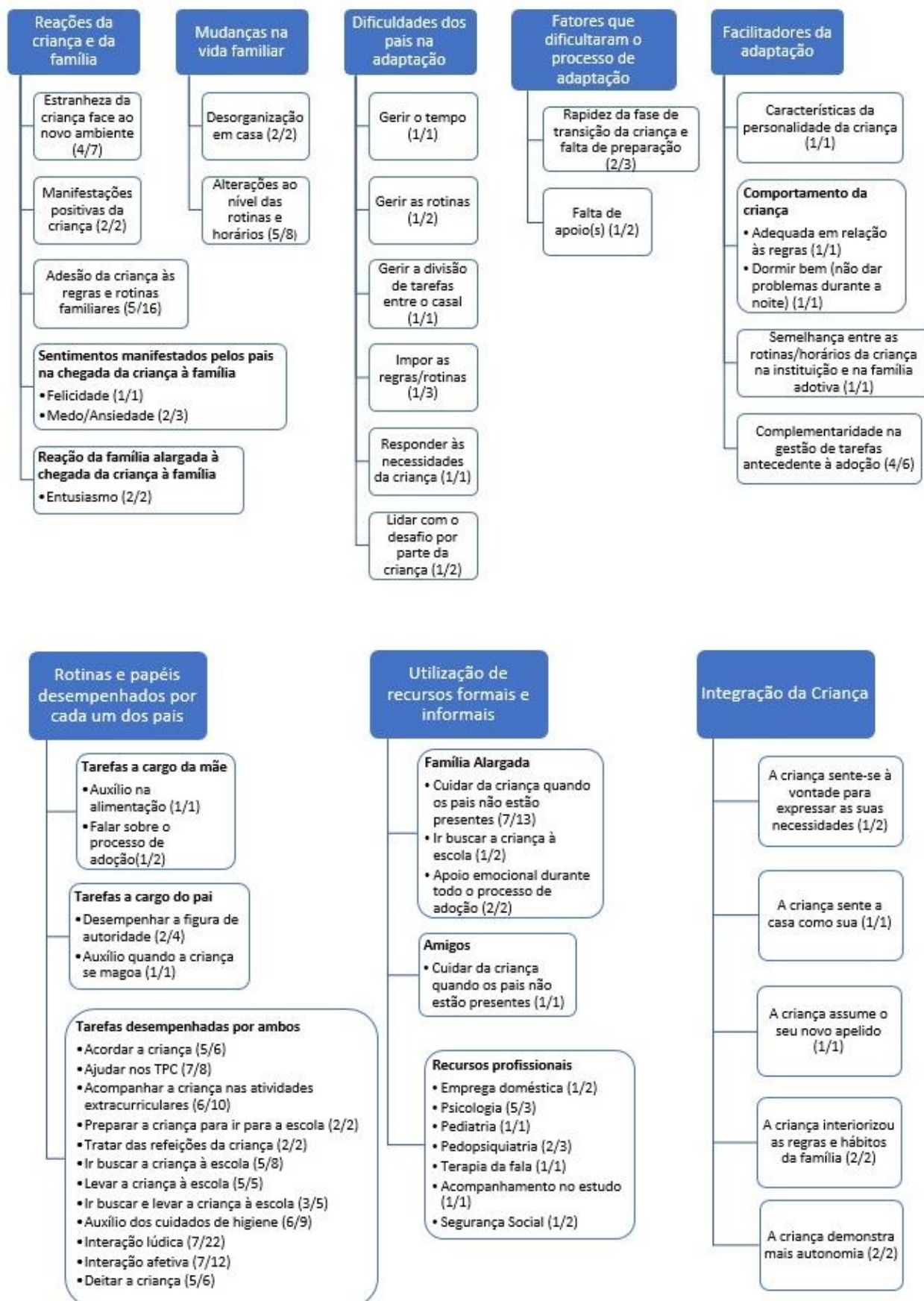
**Anexo II-G:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Vivência da Parentalidade’

**Anexo II-H:** Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Ideias acerca da adoção tardia’

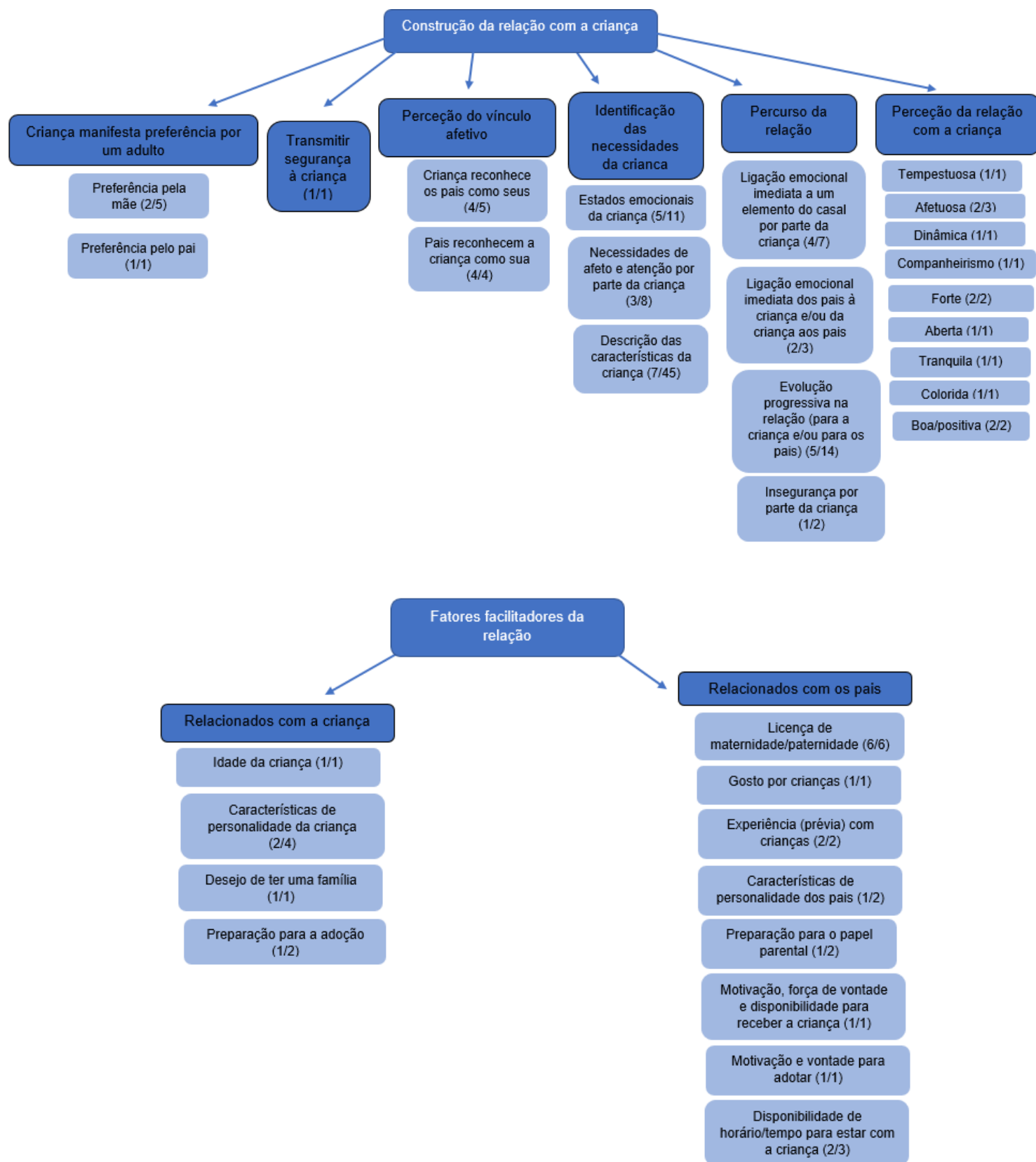
## Anexo II-A: Esquema geral das categorias



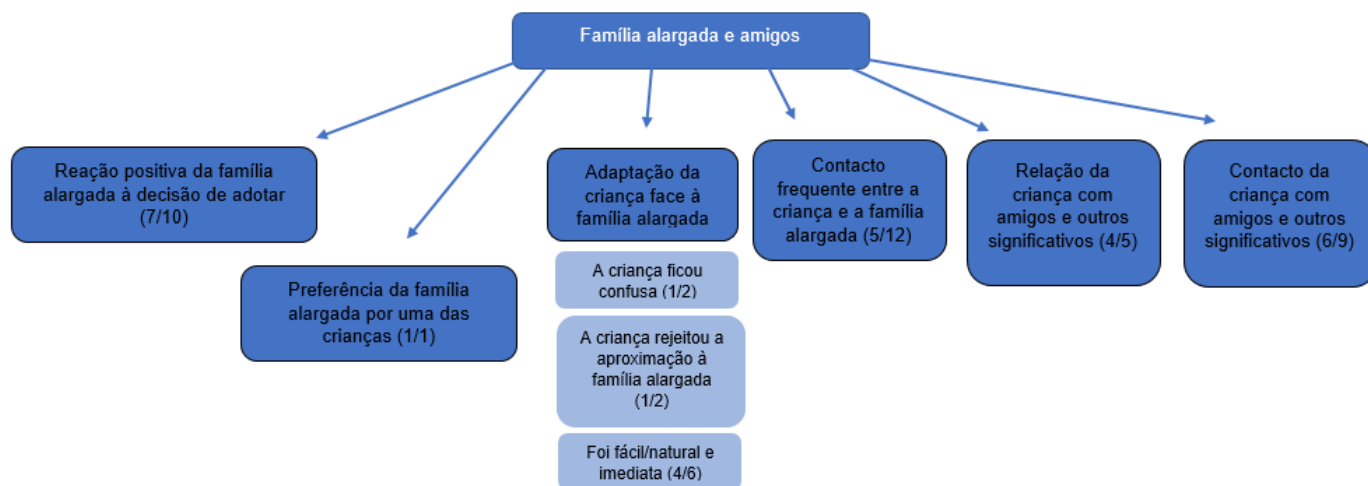
## Anexo II-B: Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Adaptação e Integração’



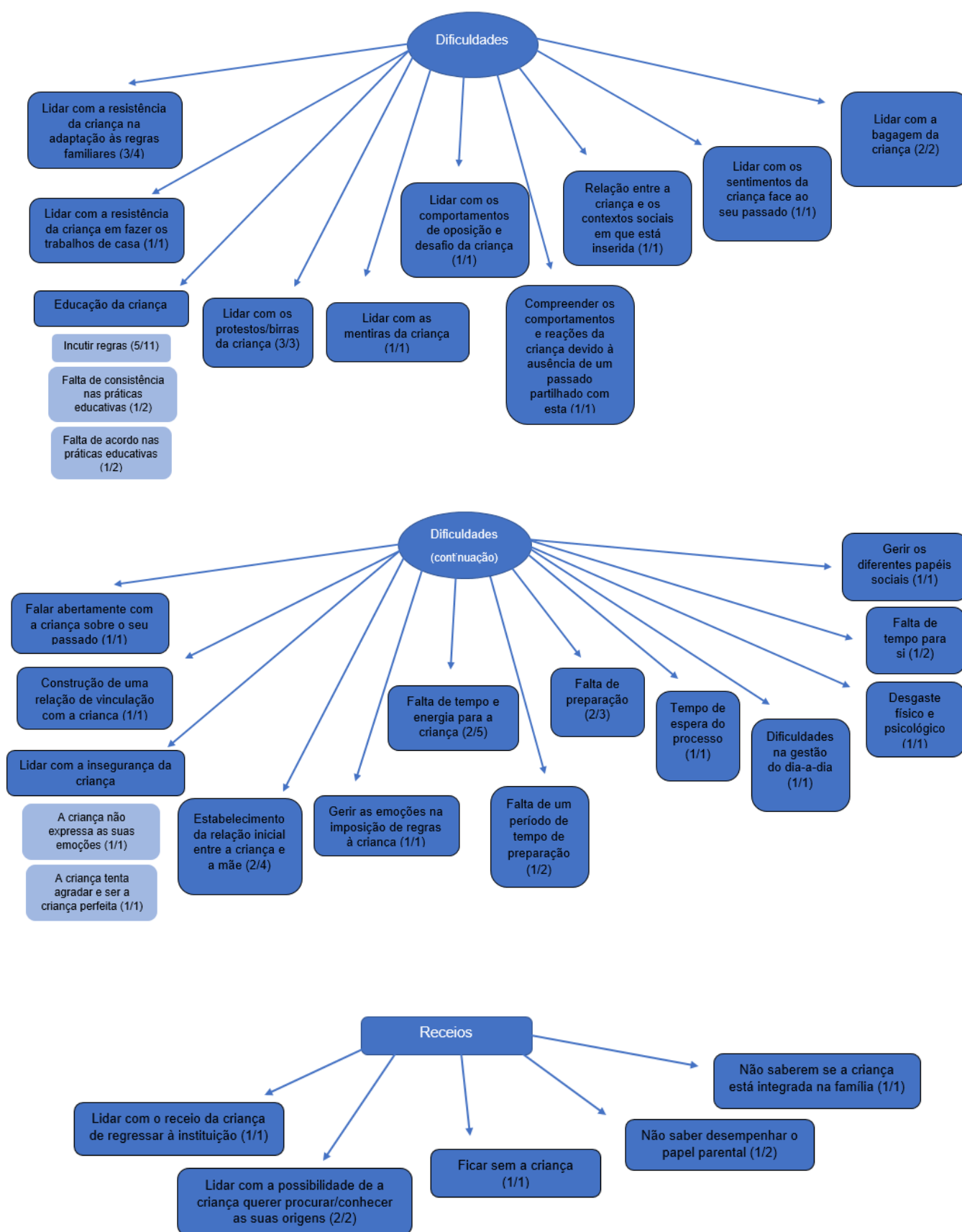
**Anexo II-C: Subcategorias constituintes da categoria ‘Construção da relação afetiva com a criança’ e ‘Fatores facilitadores da relação’**



## Anexo II-D: Subcategorias constituintes da categoria ‘Família alargada e amigos’

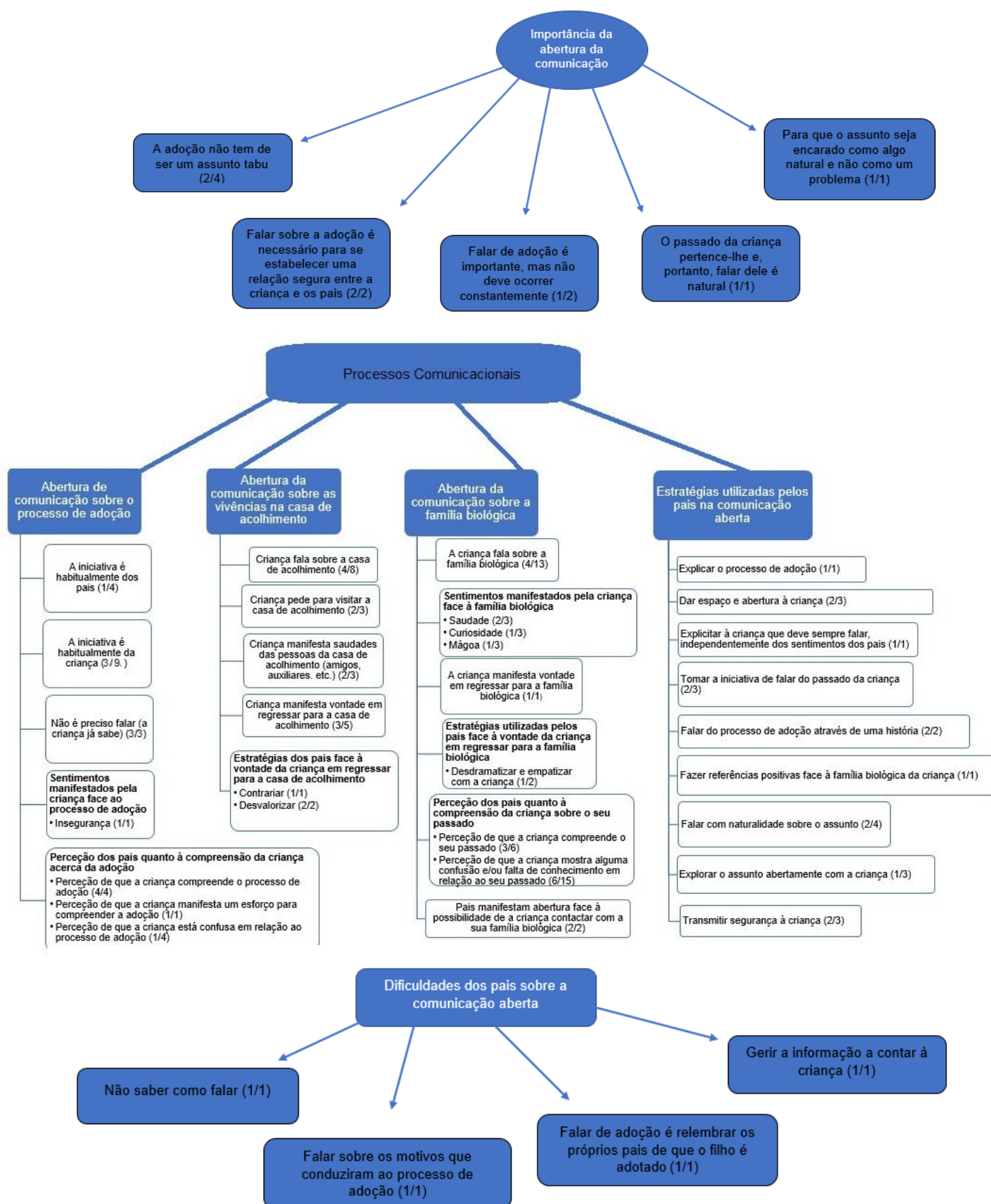


## Anexo II-E: Subcategorias constituintes das categorias ‘Dificuldades’ e ‘Receios’

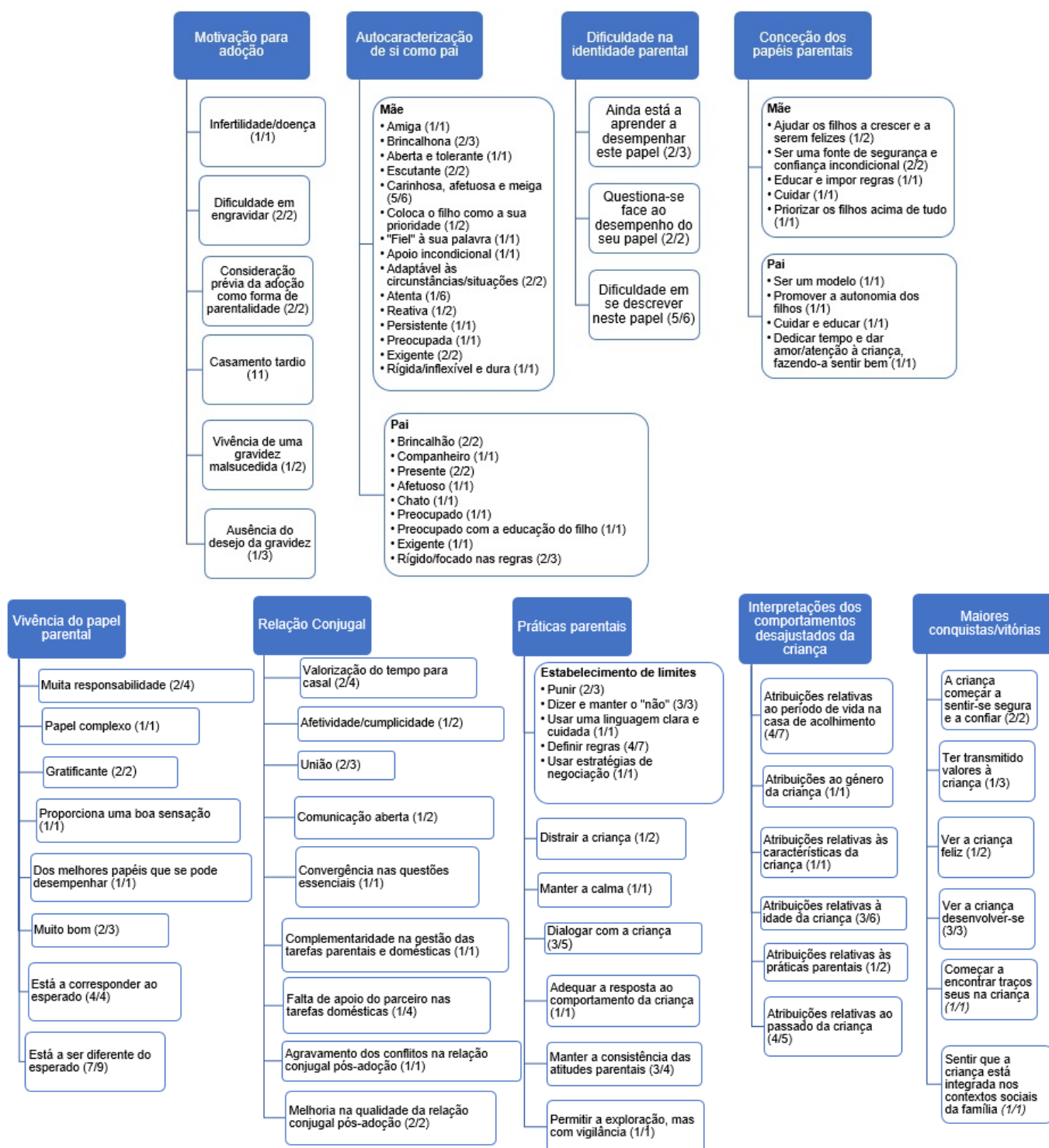




## Anexo II-F: Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Abertura da comunicação sobre adoção’



## Anexo II-G: Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Vivência da Parentalidade’





## Anexo II-H: Categorias e subcategorias constituintes da macro-categoria ‘Ideias acerca da adoção tardia’



**Anexo III:**  
**Quadro relativo à dimensão de análise – Adaptação e Integração**

---

### Anexo III: Quadro relativo à dimensão de análise - Adaptação e Integração (nº de casos/nº de referências)

Adaptação e Integração			Exemplos
Reações da criança e da família	Estranheza da criança face ao novo ambiente (4/7)		<b>Família 5 (mãe):</b> “O Rodrigo ... é assim ... sim, pequenas coisas que não têm propriamente a ver com rotina, que eram coisas que ele não estava habituado, pronto. Ele não estava habituado a dormir num quarto sozinho, por isso, nos primeiros tempos, no primeiro mês pra aí ele até adormecia sozinho, mas acordava a meio da noite e desatava a chorar, pronto. E, por isso, eu fiquei a dormir, pra aí no primeiro mês, no quarto dele. Depois não estava habituado a ter alguém deitado na cama com ele, que era uma coisa que ninguém fazia, não é? Não estava habituado a isso. E ele não se sentia bem quando, no início, eu me deitava. É mais nesse tipo de coisas que não são propriamente rotinas do dia-a-dia, mas são/ [E: #Pequenas coisas#] #Pequenos pormenores# que é normal em qualquer outra pessoa, que notamos que é normal em qualquer outra pessoa e que ele não estava habituado.”
	Manifestações positivas da criança (2/2)		<b>Família 4 (mãe e pai):</b> M4: “O Lourenço estava numa excitação completa! P4: Nós até tínhamos medo que ele tivesse hiperatividade ou outra coisa qualquer M4: É, ele queria viver tudo. Eu acho que foi tipo ‘eu realizei o meu sonho, tenho de viver, porque isto pode acabar’ (...) Fazia uma brincadeira passado um minuto ‘o que é que eu vou fazer a seguir?’, sempre assim”;
	Adesão da criança às regras e rotinas familiares (6/16)		<b>Família 2 (pai e mãe):</b> P2: “Mesmo, ele agora ... está muito mais obediente. Mas ele já naquela altura não era mais desobediente do que os meus sobrinhos. [E: Hum-hum, exato] Ele é que agora acho que está... nota-se bastante [E: Hum] M2: Mas sabes que ele também ao início estava-nos a testar por tudo que era lado P2: Sim mas, mas não era muito/ é aquilo que eu digo, não era muito diferente dos meus sobrinhos, acabava por ser igual”
	Sentimentos manifestados pelos pais na chegada da criança à família	Felicidade (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> “É assim, nós tentamos controlar a nossa ansiedade, o nosso medo, não é? Um bocadinho, mas também estávamos muito felizes e ... (...) Pronto e ... eu lembro-me perfeitamente e nós tiramos essa foto e nós estávamos assim com um bocadinho de ... de receio e pronto, muito atentos a todos os pormenores, à comida que íamos fazer ...”
		Medo/Ansiedade (2/3)	<b>Família 6 (mãe e pai):</b>

Reações da criança e da família (continuação)			<p>P6: “Estávamos-nos a conhecer uns aos outros. M6: Estávamos, era eu também ... sabíamos que íamos ter também um período de adaptação também para nós, não era só para ele. P6: Muita ansiedade como é óbvio M6: Embora nós somos adultos, mas há aquele medo de não conseguir, não é? Que é normal”</p>
	Reação da família alargada à chegada da criança à família	Entusiasmo (2/2)	<p><b>Família 3 (mãe):</b> “(...) o meu lado, pronto, para já nós somos muito afetivos e muito ligados uns aos outros, portanto foi uma loucura a chegada delas, não é? Pronto, e já não haviam crianças há muito tempo e mesmo os primos já estavam naquela idade de, de acharem fantástico elas virem, com outros olhos que uma criança da idade delas podia ficar contente, mas era mais para brincar, não era, mas não, eles têm uma paciência enorme com elas, pronto. Os tios [??] e neste momento, o meu pai e a minha mãe que já não está, que estavam, mas já não estão, hum, também.”</p>
Mudanças na vida familiar	Desorganização em casa (2/2)		<p><b>Família 4 (mãe):</b> “Porque realmente foi assobertoante ... Mesmo em termos de casa, em termos de roupas, mudou tudo! A roupa em si é ... tudo!”</p>
	Alteração ao nível das rotinas e horários (5/8)		<p><b>Família 4 (mãe e pai):</b> M4: “(...) novos horários. Lá está, passamos de ... passamos todos os dias a ter a mesma hora de acordar. Nós não tínhamos”;  P4: “E também não tínhamos horas fixas para o jantar, por exemplo. Portanto, isso mudou.”</p>
Dificuldades dos pais na adaptação	Gerir o tempo (1/1)		<p><b>Família 4 (pai):</b> “Overwhelming. Foi assim uma coisa ... E no início, por exemplo, a rotina só se começou a fazer, começou-se a conseguir ao fim-de-semana. Ao início o tempo não chegava. Não tínhamos a máquina oleada, era complicado. Mas ... foi mais uma questão de gestão do tempo do que de gestão de emoções. Acho que foi mesmo mais uma gestão de ... [E: organização] De como é que a gente consegue organizar isto. De ‘ok, estamos a demorar tempo demais, temos de fazer alguma coisa de forma diferente’. Foi um bocado de stress em questão de gestão de tempo e de nos habituarmos a esta diferença de gestão de tempo.”</p>
	Gerir as rotinas (1/2)		<p><b>Família 4 (mãe):</b> “E realmente isto nos primeiros tempos, adaptar esta rotina toda, roupas e não sei quê e não sei quantas foi complicado.”</p>
	Gerir a divisão de tarefas entre o casal (1/1)		<p><b>Família 7 (mãe):</b> “Não, essa parte correu um bocado mal. Foi um bocado mal, mas pronto (...) éramos só dois e de repente estamos num T4, com três andares e ... e é os nossos problemas. Como casal, é mesmo esse, é. [E: Gerir as rotinas.] É dividir as tarefas.”</p>
	Impor as regras/rotinas (1/3)		<p><b>Família 7 (mãe):</b> “As dificuldades foi mesmo as regras, os comportamentos, isso é que foi o pior.”;</p>

Dificuldades dos pais na adaptação (continuação)			<i>“Estar numa mesa a fazer uma refeição sossegados do princípio ao fim ... [E: Pois.] Era ... era de fugir mesmo. Era o terror. Então eu optei, inicialmente, por fazermos as refeições na sala e depois como aquilo era desesperante, depois há um dia em que eu estou sozinha, que é à segunda-feira, quando ele está a dar, quando começam as aulas ...era, era, era de fugir mesmo. Uma vez tive de me fechar no escritório porque eu estava, estava, estava a explodir quase. E ... então optei por começar a fazer as refeições na cozinha (...)”;</i>
	Responder às necessidades da criança (1/1)		<b>Família 3 (mãe):</b> <i>“(...) A confusão foi depois o conseguir encontrar aqui uma escola em função delas, não é? Foi nesse aspeto mais complicado que eu falei na confusão. [E. Confusão também de responder às necessidades/]. Delas. Obviamente, não é? Ir ter de comprar os livros, que tinha medo que esgotassem e, não é?, essas coisas todas”</i>
	Lidar com o desafio/protesto por parte da criança (1/2)		<b>Família 5 (mãe):</b> <i>“Sim, sim, em que ele me estava constantemente a por à prova, a desobedecer e a ver até que ponto é que eu ia e isso e a dizer-me coisas que me magoavam e que ele sabia perfeitamente que magoavam, mas depois acabou por se entrar, foi aquele período e depois entrou-se numa fase de ... acalmia e rapidamente as coisas ...”</i>
Fatores que dificultaram o processo de adaptação	Rapidez da fase de transição da criança	Falta de preparação (2/3)	<b>Família 7 (mãe e pai):</b> M7: <i>“E isso também prejudicou um bocadinho porque nós não estávamos minimamente à espera que passado um mês já íamos começar com o processo. Que eles não vieram logo para casa, não é? Começaram por vir/ [E: Gradualmente.] Gradualmente e pronto, essa fase menos mal, porque não é diário, não é? Não estávamos preparados para ter o parecer em fevereiro e eles vieram em abril! Portanto, definitivamente, em abril. Foi tudo muito rápido!”</i>
	Falta de apoio(s) (1/2)		<b>Família 7 (mãe):</b> <i>“É assim, se eu não tivesse mais ninguém é que dizia ‘olha, agora fica-me aqui’, porque a família dele é toda de Vale de Cambra. Portanto, não podemos contar com a dele. Com a minha mãe, ela está em casa. O meu pai também está, têm condições para os ter lá, mas com a idade que eles têm e o meu pai assim com o estado de saúde, não posso deixar aquelas duas crianças com aquela vida, aquela energia toda. (...). Os avós estão presentes, mas nós temos de estar, também estamos, não é?”</i>
Facilitadores da adaptação	Características da personalidade da criança (1/1)		<b>Família 6 (mãe):</b> <i>“Eu acho que o Ricardo arranjou aqui, como ele é um miúdo positivo, como eu disse, aberto. Ele tentou desfrutar ao máximo das coisas dele, da casa, de tudo que ele pôde. Portanto, nunca perdeu muito tempo a falar do que estava para trás. E às vezes falava porque dizia ‘ah eu, olha mãe, eu tinha uma coisa destas no CAT, lá eu também tinha isto!’, mas era assim ... esporádico (...) Muito naturalmente, muito naturalmente mesmo. Nunca sentimos a menor dificuldade em gerir uma situação qualquer que ele dissesse ‘eu fazia isto no CAT, quero fazer assim’ ou que comparasse”</i>
	Comportamento da	Desformatada/	<b>Família 5 (pai):</b> <i>“#Sim e ele como vinha também tão desformatado, adequado# do que nós</i>

Facilitadores de adaptação (continuação)	criança	adequada em relação às regras (1/1)	<i>entendíamos”</i>
		Dormir bem (não dar problemas durante a noite) (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “ <i>também teve coisas muito boas como por exemplo eles nunca tiveram uma má noite. Eu não sei o que é ter uma má noite, eles nunca tiveram.</i> ”
	Semelhança entre as rotinas/horários da criança na instituição e na família adotiva (1/1)		<b>Família 6 (mãe):</b> “ <i>Eu acho que também foi a coincidência. Porque nós, se ele não se deitasse às 21.30h, se calhar, passaria a deitar-se. Porque eu acho que era a hora mais conveniente. Portanto, também já fazia muita coisa que</i> ”
	Desejo da criança em ter uma família (1/1)		<b>Família 3 (mãe):</b> “[E: Também como elas desejavam tanto, não é?] <i>Eu acho que sim.</i> [E: Foi aqui um facilitador.] <i>Foi.</i> ”
	Complementaridade na gestão de tarefas domésticas antecedente à adoção (4/6)		<b>Família 4 (mãe):</b> “ <i>Outras coisas já eram normais em nós tipo ora cozinhar um, ora cozinhar outro ou até irmos os dois. Era muito normal, muito normal</i> ”;
Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais	Tarefas a cargo da mãe	Auxílio na alimentação (1/1)	<b>Família 4 (pai e mãe):</b> M4: “ <i>é indiferente</i> P4: <i>Mas é mais a Laura.</i> ”
		Falar sobre o processo de adoção (1/2)	<b>Família 5 (mãe e pai):</b> M5: “ <i>(...) Eu estou a achar piada porque o Paulo está aqui a ... ‘nós dizemos a verdade’</i> P5: <i>A mãe [[risos]]</i> M5: <i>Ele fala comigo. Por exemplo, olhe, quando está no banho.</i> [E: Hum-hum.] <i>Está no banho e então, de repente ... estamos os dois sozinhos, ele está a tomar banho, eu estou ali sentada e ele resolve perguntar qualquer coisa, assim acerca da situação.</i> ”
	Tarefas a cargo do pai	Auxílio quando a criança se magoa (1/1)	<b>Família 7 (pai e mãe):</b> P7: “ <i>Quando é isso sou eu que resolvo e já sabem que quando é isso</i> M7: <i>Isso é com o pai</i> ”
		Desempenhar a figura da autoridade (2/4)	<b>Família 7 (pai):</b> “ <i>Então não é? Eles já sabem que é para ir embora, eu não sou muito de conversas, é logo ‘vamos para o carro’</i> ”; “ <i>Basta contar até 3. Eles têm mais respeito por mim do que pela minha mulher. Eu basta</i>

Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais (continuação)	Tarefas desempenhadas por ambos		<i>contar até 3 e ... resulta."</i>
		Acordar a criança (5/6)	<b>Família 4 (pai):</b> "Mas há vezes que sou eu, outras que é a Laura, não há uma pessoa que vá sempre lá acordar."
		Ajudar nos trabalhos de casa (7/8)	<b>Família 1 (mãe):</b> "hum, normalmente o que nós, agora não sei como é que vamos fazer, mas o que nós fazíamos é o Mário, eu via, ou eu ou o pai, depende, ou um ou outro #hum, hum#, víamos se o Mário tinha os trabalhos feitos"
		Acompanhar a criança nas atividades extracurriculares (6/10)	<b>Família 5 (mãe):</b> "Sim, às vezes vamos os dois. Ele às vezes pede para irmos os dois e vamos os dois. Outras vezes, vou sou eu, depende"
		Preparar a criança para ir para a escola (2/2)	<b>Família 1 (pai):</b> "hum, à segunda sou eu, à terça também posso ser eu, mas à quarta provavelmente já é a mãe #claro#, à quinta já sou eu outra vez, à sexta já é, é, é como calha"
		Tratar das refeições da criança (2/2)	<b>Família 1 (pai):</b> "é igual, é misto... hoje fui eu que preparei. Não, não está a dizer preparar, fazer a comida..."
		Ir buscar a criança à escola (5/8)	<b>Família 2 (mãe):</b> "Leva a mãe, traz o pai"
		Levar a criança à escola (5/5)	<b>Família 7 (pai e mãe):</b> P7: "E eu de manhã ia levá-los. M7: E eu às vezes também ia. Aproveitava e ia, os pais leva-los à escola (...). Os outros três dias era eu que os levava."
		Ir buscar e levar a criança à escola (3/5)	<b>Família 4 (mãe):</b> "Portanto normalmente vamos, depende se um de nós tem alguma coisa, por exemplo, se o Rafael tem que ir dar aulas, vai o outro. Se temos disponibilidade, normalmente até vamos os dois à escola. Deixamos o Lourenço às 9h e depois vimos e deixamos a Andreia no infantário";
		Auxílio nos cuidados de higiene (6/9)	<b>Família 5 (pai):</b> "Se a mãe liga a dizer que vem muito cedo, deixo o banho para a mãe [[risos]] Se não, vou adiantando o banho"
		Interação lúdica (7/22)	<b>Família 6 (pai):</b> "Claro que se ele estiver por casa, mesmo em casa, às vezes, estamos a fazer jogos. Ainda ... foi domingo, por acaso estava bom tempo, mas não saímos, estivemos a tarde toda ali a jogar os 3. Com um jogo de tabuleiro estivemos ali entretidos a jogar os 3, depois estivemos a jogar o uno os 3, ele gosta muito de jogar o uno. Estivemos os 3 ali entretidos na varanda a tarde toda. Pronto, descansamos e estamos todos juntos. [E: Exato.] Às vezes apetece e pronto, vamos passear até ao parque, até Matosinhos, andar de bicicleta também"
		Interação afetiva	<b>Família 1 (pai):</b> "No final disso têm sempre direito a um bocado de mimo, que eu chamo o

Utilização de recursos formais e informais		(7/12)	<i>período de relaxe, vão para o sofá e depois vão com o pai para a cama e têm direito cada um a 5 minutos de conversa e de mimo.”</i>
		Deitar a criança (5/6)	<b>Família 7 (mãe e pai):</b> M7: “Pronto, o Gonçalo ... o Gonçalo quer que eu vá deitá-lo (...) passado nem 5 minutos, está a dormir” P7: “A Juliana, ela fica na cama comigo, está sempre a adormecer, eu pego nela ao colo e levo-a para o quarto dela”
	Família alargada	Cuidar da criança quando os pais não estão presentes (7/13)	<b>Família 6 (mãe):</b> “Quando ... se houver um dia ... por exemplo, agora nas férias, fica com os meus sogros. Fica com os avós. Se houver um dia que, por exemplo, não tenha aulas, por qualquer motivo, fica lá. [E: Ok.] Ou nos meus pais também”
		Ir buscar a criança à escola (1/2)	<b>Família 2 (mãe):</b> “(...) senão são os avós, é o meu pai que o vai buscar e ele fica na casa dos meus pais com os outros primos até, neste caso o Vasco o ir buscar que eu saio às 19h.”;
		Apoio emocional durante todo o processo de adoção (2/2)	<b>Família 2 (mãe):</b> “(...) a minha mãe e o meu pai são as duas as principais pessoas que eu sei que se precisar de alguma coisa eu sei que eles estão lá ... quer possam quer não possam eles estão lá... e isso para mim é muito importante. Eu quando... quando recebi o Edgar eu tive aquele tempo de licença de maternidade () “oh mãe eu sei que vai ser chato, mas o pai vai ter que ir buscar o Edgar ao infantário...senão vou ter que mudar o horário ou o Vasco vai ter que sair mais cedo ou assim” e diz ela assim “e porque é que não vai? Então ele não vai buscar os outros?” ... eu nem me lembrei que ele ia buscar os outros, porque o meu objetivo/eu só estava a pensar no Edgar, não estava a pensar se ele estava /se ele ia buscar os filhos da minha irmã e lhe estava a fazer um favor também tinha que fazer a mim/ não ... pronto é aquela coisa eu também não quero... e eu disse para a minha mãe “também não quero não quero estorvar” e diz assim a minha mãe “os meus filhos nunca me estorvaram e nunca me irão estorvar. Eu só quero que saibas que sempre que precisares vens aqui... ligas que nós vamos lá”. E é verdade os meus pais estão sempre disponíveis para tudo, sempre, sempre estiveram e continuam a estar/eu gosto muito dos meus pais, tenho muito orgulho neles”
	Amigos	Cuidar da criança quando os pais não estão presentes (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “também, por exemplo, já houve uma vez que tiveram com a que vai ser a madrinha da Andreia, que é uma amiga minha, em que os filhos também eram, não eram são muito ligados a nós os dois. Ah e então passaram o dia em casa deles, pronto”
	Recursos profissionais	Emprega doméstica (1/2)	<b>Família 7 (pai e mãe):</b> P7: “Às vezes, é a funcionária, a empregada que nós temos que ... [E: Fica com eles.] No caso de ela ter uma reunião, atrasar ou eu não poder estar, pronto, fica um bocadinho com eles e depois passamos por casa dela.



Utilização de recursos formais e informais (continuação)	Recursos profissionais (continuação)		M7: <i>Ainda ontem o Gonçalo quis, ela vem trabalhar de manhã e ele pediu para ir com ela e passou a tarde e depois quis ir lá dormir e veio só de manhã quando ela veio outra vez trabalhar, não é?</i> ”;
		Psicologia (5/9)	<b>Família 1 (pai):</b> <i>“A psicologia para aí um mês e meio. Hum, e depois o psicólogo entendeu que a partir daí o trabalho seria nosso, portanto, deu-nos as orientações e que, e efetivamente deu resultado.”</i>
		Pediatria (1/1)	<b>Família 5 (mãe):</b> <i>“a pediatra dele também, é a pediatra desde sempre por isso também vai conversando muito com ele e está sempre muito atenta a tudo.”</i>
		Pedopsiquiatria (2/3)	<b>Família 3 (mãe e pai):</b> M3: <i>“Elas são acompanhadas. [E: ???] Não, [???] porque a Tânia já o era, acho que já tinha falado nisso e, portanto, no meu entender não tinha, eu, conhecimentos para achar se ela deveria continuar ou não pronto. [E: E neste momento o acompanhamento permanece [???]]</i> P3: <i>Sim. [E: Das duas.]</i> M3: <i>Sim, das duas [???] [E: Da psiquiatria]”</i>
		Terapia da fala (1/1)	<b>Família 6 (pai):</b> <i>“Na terapia da fala já andava antes.”</i>
		Acompanhamento no estudo (1/1)	<b>Família 5 (mãe e pai):</b> M5: <i>“Não, acima de tudo, a verdade é esta, quer dizer, não temos propriamente uma vida profissional que nos permita todos os dias estar em tempo útil a ver com ele os trabalhos. [E: A monitorizar.] Exatamente.</i> P5: <i>E com calma. Porque ..., não é? Uma pessoa sai stressada do trânsito, vai busca-lo, “faz os trabalhos”, ele não faz, a professora depois chateia-se e o estudo foi a melhor coisa que aconteceu. [E: Exato.] Evita ali algum conflito que possa haver nesses dias de semana. [E: Exato.] Porque eu via que ele também era teimoso. [E: Era um desgaste acrescido.] Acrescido para ele, para nós. [E: Exato.] Mas principalmente para ele.”</i>
		Segurança Social (1/2)	<b>Família 2 (mãe):</b> <i>“mas pronto é normal... mas também devo dizer que o apoio da Anabela foi essencial para eu conseguir também contornar e ... eu disse-lhe a uma determinada altura logo no início eu disse-lhe que ele... tinha muita proximidade com o Vasco mas que a mim me... que eu podia tratar dele mas em termos afetivos ele não recebia o meu carinho nem me dava a mim... e pronto e ela estava atenta a isso e ligava-me, sugeria-me... foi impecável, impecável () ligava praticamente todos os dias foi impecável. [E: Foi bom nesse aspeto] Foi muito bom um acompanhamento excelente, foi excelente... doutra maneira... eu não sei se/ eu também falei é o facto eu acho que acima de tudo também tenho que pensar no bem estar dele e se eu tivesse uma atitude retraída... as coisas podiam sei lá/ descambar um</i>

			<i>bocadinho... eu acho que também senti/ eu tinha obrigação de falar e elas... uma equipa impecável a de Braga.”;</i>
Integração da criança	A criança interiorizou as regras e hábitos da família (2/2)		<b>Família 5 (mãe e pai):</b> M5: “É assim, ele vinha com muitas regras, certo? Ele vinha com muitas mais regras do que tem agora. P5: Vinha com mais regras do que qualquer miúdo do grupo de amigos [[risos]] M5: Por isso, o Rodrigo não se levantava, não saía da cama sem pedir se podia. Por isso, claramente o que tem acontecido é que ele tem perdido as regras por nossa culpa [[risos]] E nós costumamos dizer que ele se está a transformar numa criança normal [[risos]]”
	A criança sente a casa como sua (1/1)		<b>Família 7 (mãe):</b> “Ele, no início, ia até à nossa cama, mas agora pronto, já é a casa dele, já desce e vai ver televisão”
	A criança assume o seu novo apelido (1/1)		<b>Família 4 (mãe e pai):</b> M4: “Então hoje em dia quando se pergunta o nome à Andreia, a Andreia diz ‘Andreia Bárbara Sousa Moura’. P4: Exato. M4: Ela diz sempre. Sempre. Já não diz só ‘Andreia Barbara’. P4: Qualquer sítio que alguém lhe pergunte, ela diz.”
	A criança sente-se à vontade para expressar as suas necessidades (1/2)		<b>Família 4 (mãe):</b> “Se nós nos atrasássemos, eles não eram capazes de dizer ‘estamos cheios de fome’. Nunca. Agora já dizem.”
	A criança demonstra mais autonomia (2/2)		<b>Família 3 (mãe):</b> “Não é de uma forma geral, isso desapareceu completamente. A Tânia às vezes ainda diz, quando está, ultimamente até, ‘Mas a minha professora não me ensinou assim’ e a falar por cima de mim, que eu fico perdida. Hum, mas isso é uma coisa pontual e é mais relativamente às coisas da escola às vezes. [E: Hum, hum, exato.] Porque agora sente-se muito mais segura não é? [E: Claro, claro.] Antes precisava de mim, agora já não precisa tanto. Embora precise já é mais autónoma, e portanto # [E: # Vai impondo o seu ponto de vista não é?] Sim sim, nesse sentido não ao ponto de serem regras, não.”

**Anexo IV:**  
**Quadro relativo à dimensão de análise – Relações Afetivas**

---

**Anexo IV: Quadro relativo à dimensão de análise – Relações Afetivas (nº de casos/nº de referências)**

Relações Afetivas			Exemplos
Construção da relação com a criança	Criança manifesta preferência por um adulto	Preferência pela mãe (2/5)	<b>Família 5 (pai e mãe):</b> P5: “ <i>Competição pela atenção da mãe. Hum ...</i> M5: <i>Isso eu também acho que tem muito a ver com o facto de o Paulo ter estado 2 anos fora. Isso fez com que acontecesse isso. [E: Agora a recuperar [[risos]] ]</i> P5: <i>Exatamente. É, a mamã é minha [[risos]]</i> ”
		Preferência pelo pai (1/1)	<b>Família 1 (pai):</b> “(...) <i>hum, foi hoje, foi ontem?... ‘pai, vais-me proteger para a vida toda?’ e eu disse ‘claro, claro que sim’. E até desvalorizo..., portanto, ele na cabeça dele, o pai, no fundo, é o protetor, mais do que..., mais do que a mãe que terá as outras qualidades e as outras características, é muito mais afetuosa, muito mais meiga, não é tao agressiva, o que é bom, com o outro, sou muito mais agressivo com o outro nesse aspeto, mando dois murros na mesa parou e parou mesmo, mas mesmo assim ele acaba por vir muito mais ter com o pai do que vai com a mãe, e é engraçado.</i> ”
	Transmitir segurança à criança (1/1)		<b>Família 5 (pai e mãe):</b> P5: “ <i>Até começar a sentir aquela confiança, que isso foi necessário, atenção. Foi necessário. Convince-lo várias vezes no início #naqueles primeiros 4/6 meses#</i> M5: <i>#Ele não ia ??? sozinho# se fosse qualquer coisa que tivesse de entrar e nos perdesse de vista, ele não ia. Dizia ‘vens comigo?’</i> P5: <i>Frisar bastante.</i> M5: <i>‘Vamos estar sempre aqui’</i> P5: <i>‘Agora vamos ser sempre teus pais’ e pronto, houve li um trabalho muito, com muito foco nesse ponto que era para o tranquilizar.</i> ”
	Perceção do vínculo afetivo	Criança reconhece os pais como seus (4/5)	<b>Família 4 (pai e mãe):</b> P4: “ <i>Já nem sei quem é que nos falou disto, mas houve alguém que falou disto que foi: o Lourenço enquanto representava a sua família, ainda agora/</i> M4: <i>Foi na segurança social. Nessa tal ... em maio. Ele representou a família, nós os dois e ele.</i> ”
		Pais reconhecem a criança como sua (4/4)	<b>Família 2 (mãe):</b> “(...) <i>não sei costuma-se dizer que nada é por acaso e o Edgar não está na minha vida por acaso porque eu... eu não acredito no destino nem em nada disso... essas coisas para mim ultrapassam-me, mas eu acredito que... o Edgar tinha mesmo que ser meu pronto</i> ”
	Identificação das necessidades da	Estados emocionais da criança (5/11)	<b>Família 5 (pai):</b> “(...) <i>se aquilo o preocupa, nós percebemos porque ele volta a falar daquilo passado uma semana, passado</i> ”

Construção da relação com a criança (continuação)	criança	Necessidades de afeto e atenção por parte da criança (3/8)	<b>Família 6 (pai):</b> “Ele vinha mesmo a arrasar o pé ... ‘tenho aqui este dedo’ tinha o dedo todo vermelho, não sei como fez aquilo, se foi alguma pancada, mas tinha o dedo grande todo vermelho e vinha a arrastar o pé. Mas aquilo foi só para chamar a atenção porque quando não estávamos a olhar, ele andava perfeitamente normal. Embora tivesse o dedo vermelho, porque tinha, mas andava normal. Depois, ele depois ali a por a pomada, ele quase que berrava ‘é pomada’”, ele quase a berrar ‘ai que dói! Ai que dói!’. Mas eu mal virei costas, ele estava a jogar raquete e a correr [[risos]] Portanto, foi mais o chamar a atenção, que tinha ali uma coisa que lhe doía e ele precisava de sentir o carinho do pai.”
		Descrição das características da criança (7/45)	<b>Família 7 (mãe e pai):</b> M7: “A Juliana com os mais novinhos. P7: Ela é mais com os novos, é. M7: É, com idades inferiores à dela. Tem mais paciência e é mais protetora. Se for assim com os mais velhos, ela às vezes é um bocado arisca. P7: É, ela tem a mania que é mandona, pela maneira dela. [E: [[risos]]] M7: É muito líder, é. É uma característica dela, é líder.”
	Percurso da relação	Ligação emocional inicial a um elemento do casal por parte da criança (4/7)	<b>Família 1 (pai):</b> “Ele criou um vínculo muito grande comigo #foi, no início#. Aliás, chegou a ser assustador, passo a expressão, porque ele criou um vínculo muito mais depressa comigo do que aquele que eu crio com ele e é aquela situação. Para onde quer que eu vá, ele vai atrás #sempre#. E é por ser uma criança de 6 anos. Se fosse um adulto de 20 levava com (???), não havia (???). Era uma coisa quase sufocante. Ele estava permanentemente, eu não conseguia fazer nada sozinho. Portanto dá-se um vínculo logo muito forte, talvez pela ausência de uma figura masculina, que nunca a teve, e quando de repente ah, portanto na vida dele tem uma (...)”
		Ligação emocional imediata dos pais à criança e/ou da criança aos pais (2/3)	<b>Família 6 (pai):</b> “Não, foi isso que eu acabei de dizer. As coisas foram tão naturais. Aliás, eu tinha dito à minha esposa, mas também como ela estava muito ansiosa na altura, mas tinha dito à minha esposa, na altura, no primeiro dia que o Ricardo entrou em casa, para mim é como se estivesse estado lá desde sempre.”
		Evolução progressiva na relação (para a criança e/ou para os pais) (5/14)	<b>Família 1 (pai):</b> “Certo, mas mesmo no primeiro dia que foste lá, quando ele chegou, ele não te conhece de lado nenhum, e começa logo “mamã” e como se fosse, e pá, ele foi preparado para aquilo #claro#, mais uma vez porque nenhuma criança, um ser humano em condição normal, quer dizer, é um estranho e o assume como natural, não é? É impossível. Agora, nesse momento frio, mas tem que acontecer de alguma maneira, sem dúvida nenhuma, e depois veio, hum, e depois então aí começa a descoberta, mais até da nossa parte, porque não há regras, porque tudo sai ao contrário, não dá para programar, não dá para planear e vamos fazer isto ou vamos fazer aquilo ou vamos não sei quê. Porque a criança a qualquer momento pode rejeitar uma das

Construção da relação com a criança (continuação)	Percurso da relação (continuação)	Evolução progressiva na relação (para a criança e/ou para os pais) (5/14)	<i>nossas melhores intenções e nós temos de perceber que não é por ali que temos de ir. Portanto, nós temos que reprogramar tudo e portanto... foi daí que todo e qualquer plano que nós pudéssemos ter feito não vale a pena. Portanto cada dia é um dia, as coisas vão evoluindo, hum, só ao fim de 3 semanas, só ao fim de 3 semanas é que ele desbloqueou, não é? Ele não deixava tocar-lhe, por exemplo, e, portanto, só ao fim de 3 semanas é que ele deixou ser tocado, hum, fazer-lhe um mimo. Isto não começa, não começou logo no primeiro dia. Eu punha-lhe a mão na cabeça e ele rejeitava #pensava que lhe ias bater# eu fazia um mimo nas costas e ele fugia, hum, eu dava-lhe a mão e ele, a não ser que ele tivesse medo, então era ele que #ai dava# dava #se não, não dava#, porque eu a dar-lhe a mão a ele #nos fazíamos isto# ele não aceitava, desviava, hum, virava a cara, hum, portanto, havia muitas situações em que #quando percebeu que era mimo nunca mais parou de...#. É a partir daí desbloqueou e depois era “faz mais um bocadinho, faz mais um bocadinho”, mas, portanto, demorou 3 semanas, e 3 semanas para eles é muito tempo, para nós 3 semanas foi ontem, mas para as crianças #é muito# é um tempo muito prolongado, e portanto, com toda a descoberta que ele teve, hum, e ao fim das 3 semanas é que desbloqueou, percebeu que aquilo era bom e a partir daí, peço desculpa, é que começa efetivamente a haver o vínculo. Portanto, a partir do momento em que há o toque e em que nós nos tocamos uns aos outros é que passa a haver um vínculo formal, formal. E, portanto, a partir daí, passados 3 meses, ele virava cadeiras e mesas na escola #claro#, mas já havia ali um vínculo #uma ligação# uma ligação. E, portanto, aí já é completamente diferente. Agora, o primeiro contacto é, é uma coisa fria. Não é, não é uma coisa calorosa. Não é de todo. É o que é. Pegar numa criança e traze-la embora, hum [E: e depois a partir daí...] E tomar conta dela. Sendo certo que é uma criança e que no primeiro dia quase não nos diz nada, rigorosamente nada.”</i>
		Insegurança por parte da criança (1/2)	<b>Família 4 (pai):</b> “(...) porque até nós notamos uma contenção muito grande no Lourenço porque o Lourenço é mais velho e consegue gerir melhor estas coisas e a Andreia se fizer quatro asneiras seguidas, faz quatro asneiras seguidas enquanto o Lourenço não. E isto nota-se muito. A Andreia, isto é, de vez em quando tem estes medos de que vai embora, mas são esporádicos, são raros. Não é uma coisa frequente. Acho que ela acaba provavelmente por nos localizar mais do que ele. Ele não faz.”
	Perceção da relação com a criança	Tempestuosa (1/1)	<b>Entrevista 1 (pai):</b> “Tempestuosa”
		Afetuosa (2/3)	<b>Entrevista 6 (mãe):</b> “afetuosa ...”
		Dinâmica (1/1)	<b>Entrevista 1 (pai e mãe):</b> P1: “hum, eu acho que há um que, é dinâmica. M1: É dinâmica.

Construção da relação com a criança (continuação)	Percepção da relação com a criança (continuação)		<p>P1: <i>É uma relação dinâmica. Hum, isto, o Mário realmente não deixa de nos surpreender e cada vez nos surpreende menos, porque também à medida que o tempo vai passando e nos vamos conhecendo melhor, cada vez menos, mas mesmo assim, ele não deixa de nos surpreender. E surpreender mesmo de ficar boquiabertos, não é? Não é como o caso da irmã que às vezes nos surpreende, faz um brilhantismo ou uma coisa qualquer, não, hum, às vezes há comportamentos que nós pensávamos que já... (...)</i></p> <p>M1: <i>É uma relação dinâmica...</i></p>
		Companheirismo (1/1)	<p><b>Família 2 (mãe e pai):</b></p> <p>M2: <i>“(...) eu posso introduzir o companheirismo, porque, por exemplo, nós fazemos tudo com o Edgar não levamos o Edgar aqui ou acolá para irmos fazer nós, fazemos... nós fazemos com ele... não fazia sentido de outra maneira digo eu... [E: Exato]</i></p> <p>P2: <i>Normalmente até o vou buscar e depois é que faço as compras...</i>”</p>
		Forte (2/2)	<b>Família 5 (mãe):</b> <i>“(...) eu neste momento, acho que temos uma relação forte com ele”</i>
		Aberta (1/1)	<b>Família 5 (mãe):</b> <i>“E, ao mesmo tempo, uma relação aberta, em que toda a gente pode falar de tudo (...)”</i>
		Tranquila (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> <i>“Tranquila ... às vezes não tanto como ... pronto, mas sim. [E: Mas mais frequentemente é tranquila?] Tranquila ...”</i>
		Colorida (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> <i>“ah ... colorida [[risos]] colorida porque fazemos muitas coisas, tentamos fazer atividades diferentes ...”</i>
		Boa/positiva (2/2)	<b>Família 6 (mãe):</b> <i>“Não ... sei lá, e é boa, pronto. É compensadora [[risos]] Positiva”</i>
Fatores facilitadores da relação	Relacionados com a criança	Idade da criança (1/1)	<b>Família 7 (mãe):</b> <i>“Se estas duas crianças com estas idades veio alterar muito, eu acho que pior seria se tivéssemos um bebé. Se calhar, era mais difícil nós, em termos pessoais, começar com um bebé, embora tivesse sido muito difícil no primeiro ano com os dois ... Para nós, se calhar, era mais difícil, sabendo como nós somos os dois, ter um bebé, apesar de ser nosso, se calhar era mais difícil do que foi ter a Juliana e o Gonçalo.”</i>
		Características de personalidade da criança (2/4)	<b>Família 6 (pai):</b> <i>“Em termos de integração, ele facilitou a nossa tarefa. Toda aquela ansiedade que tínhamos de início, até o primeiro dia em que o fomos ver, nós íamos super ansiosos e ele chegou lá e tratou-nos logo por pai e mãe. Portanto, ele é que facilitou demasiado a integração. Ele é que nos adotou a nós. Ele facilitou de tal maneira a integração que nunca tivemos essa dificuldade”</i>
		Desejo de ter uma família (1/1)	<b>Família 3 (mãe):</b> <i>“Elas não faziam ideia do que era uma família. [E: Exatamente, que é interessante, porque tendo em consideração o tempo em que elas estão convosco.] E que não acontece só neste momento. Já vem acontecendo. [E. Exato.] Aliás, eu acho que isto começou,</i>

Fatores facilitadores da relação (continuação)	Relacionados com a criança (continuação)		<i>não havia segurança, obviamente, mas o espírito de família, o quererem muito a família, aliás, elas queriam muito, elas verbalizavam isso no lar. A Tânia era uma família e uma mãe (...). Pronto, e a Luana, muito uma família. Aliás, elas fizeram-nos um desenho, que vem nesse álbum que vem antes de nós conhecermos, quando fomos a uma reunião a Lisboa, já nos tinham feito um desenho de nós os 4. Antes de conhecerem. Portanto”</i>
		Preparação para a adoção (1/2)	<b>Família 5 (mãe):</b> “ <i>eu também acho que a forma como as pessoas da Santa Casa os preparam, eu vou dizer, eu penso muitas vezes, tenho muitas vezes na minha cabeça esta imagem, que é nós estivemos, por isso, 5 dias em Lisboa, os primeiros dois acompanhados dele e de uma pessoa da confiança dele lá da casa, que era a educadora, e com duas técnicas da Segurança Social. No terceiro estivemos só com a educadora dele, no quarto fomos os três sozinhos, foi quando fomos ao oceanário e no último dia pegamos numa criança, que não nos conhecia de lado nenhum e metemo-la num carro, fizemos 300km e ele veio no carro sem verter uma lágrima, sem nada, sem ... E eu digo, realmente, é assim ... eu acho que elas o prepararam muito bem”;</i>
	Relacionados com os pais	Licença de maternidade/paternidade (6/6)	<b>Família 5 (mãe):</b> “[E: E usufruíram de licença de maternidade?] <i>Sim, eu, 4 meses.”;</i> “ <i>Sim, está bem, porque depois ... depois estava ali o dia todo comigo. [E: Passou os 4 meses.] Os 4 meses e isso realmente fez toda a diferença”</i>
		Gosto por crianças (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “ <i>por experiência que fui tendo ao longo da minha vida, eu gosto muito de crianças”</i>
		Experiência (prévia) com crianças (2/2)	<b>Família 6 (mãe):</b> “ <i>É ... pronto ... é assim, também já tinha muito contacto com, com o meu sobrinho. Ele desde pequenino que vem para cá ... e, embora seja diferente, não é?”</i>
		Características de personalidade dos pais (1/2)	<b>Família 4 (pai):</b> “ <i>Tento brincar muito com os miúdos porque eu sempre fui assim. Com os miúdos, sempre fui assim. [E: tem a ver com a sua forma de ser e de estar.]”</i>
		Preparação para o papel parental (1/2)	<b>Família 5 (pai):</b> “ <i>Acho que nós já tínhamos tudo muito bem estruturado, como lhe disse os nossos amigos tinham filhos, tínhamos bons e maus exemplos e péssimos do que nós entendíamos que era o nosso processo de educação. Já tínhamos isso formatado na cabeça.”;</i>
		Motivação, força de vontade e disponibilidade para receber a criança (1/1)	<b>Família 7 (mãe):</b> “ <i>As pessoas achar ‘ah, porque já vêm assim, depois não se consegue’. Tudo se consegue, não é? Haja muito amor, consegue-se tudo. Isso é que eu acho.”</i>
		Motivação e vontade para adotar (1/1)	<b>Família 1 (pai e mãe):</b> P1: “ <i>Já, já. Já esta nos planos.</i> M1: “ <i>Quando houver mais tempo.</i>



			P1: Não, para já não, acabámos de nos meter numa, não é, mas sim, daqui a 4/5 anos vamos avançar para uma adoção internacional até para ver como é, experimentar...”
		Disponibilidade de horário/tempo para estar com a criança (2/3)	<b>Família 7 (mãe):</b> “Nesta adaptação, muito tempo com eles, não é? Estas férias grandes, que ainda não começaram a escola, tem sido mesmo muito tempo com eles. Quer dizer, ainda agora almoçamos todos juntos ... muitos pais não podem fazer isso, não é?”
Família alargada e amigos	Reação positiva da família alargada à decisão de adotar (7/10)		<b>Família 6 (mãe e pai):</b> M6: “Bem. Disseram ‘ah, boa ideia!’, ‘fazem bem!’ P6: Desde o início, desde o início que nós decidimos avançar que toda a gente foi posta à corrente. Pronto, não foi dizer ‘olha, já passamos pelo processo, estamos à espera’. Não, foi desde o início ??? Eu lembro-me uma altura a minha mãe dizer ‘oh, já tinha falado com a Júlia sobre isso’, lembraste? Quando comunicamos que íamos entregar o processo, a Júlia é a minha irmã e madrinha, a minha mãe ‘já tinha falado com a Júlia sobre isso, que vocês podiam adotar, vocês gostam tanto de crianças’. Portanto, a família esteve à corrente desde o início, apoiaram-nos sempre desde o início. Sempre ??? muito grande, que tínhamos o apoio deles.”
	Preferência da família alargada por uma das crianças (1/1)		<b>Família 4 (pai e mãe):</b> P4: “E o problema era muito simples: é que tanto o meu pai como os meus sogros ... ‘a Andreia é tão bonita!’ M4: ‘A Andreia é que tem piadinha’”
	Adaptação da criança face à família alargada	A criança ficou confusa (1/2)	<b>Família 1 (mãe):</b> “Primeiro foi confusa. Não sabia o que é que havia de... tinha uma avó, um avó, um tio, ..., mas agora é uma festa, com os primos, com toda a gente, adaptou-se bem.”
		A criança rejeitou a aproximação à família alargada (1/2)	<b>Família 2 (mãe):</b> “por exemplo o Edgar ao início dizia-me assim ‘ó mãe não dê um beijinho à avó ... não dê um beijinho à avó’ ou porque ‘eu não gosto da avó’ ou porque ... ‘eu não quero ir para a casa da avó’ porque o Edgar estava a ficar muito possessivo... (...)”
		Foi fácil/natural e imediata (4/6)	<b>Família 3 (mãe):</b> “Foi fantástico. [E: hum-hum, também esta, com esta receptividade, também elas sentiram.] Sim, também, obviamente. Mas elas também, muito dadas. [E: Claro, muito dadas.] Efetivamente muito dadas. E também obviamente que sentiram esse acolhimento, não é? (...) Elas andavam na casa da minha irmã passado 15 dias de terem chegado. [E: Exato, como /] Como se lá tivessem andado sempre.”;
	Relação da criança com a família alargada (5/10)		<b>Família 2 (mãe):</b> “e para aí no início de Outubro ‘mãe vamos à avó que eu quero ir ver a avó’ (( risos)) e eu ‘ó filho mas não podemos!’ e não podia mesmo porque eu ia ao cabeleireiro tinha marcado/ e eu ‘não podemos temos que ir à Sónia’ e ele ‘ó mãe mas eu queria tanto ir à avó, queria tanto ir à avó’ e ele sabia que não estavam lá nenhum dos primos até porque eles ainda estavam no infantário... portanto ele queria ir para ver a minha mãe portanto quando nós estávamos de regresso ... de férias quando vínhamos de Lisboa para cá ele ‘ó mãe deixa-me

Família alargada e amigos (continuação)		<i>ligar à avó e ao avô para eu dizer-lhes que tenho saudades deles' ... lembrou-se assim do nada ligou à minha mãe... ligou ao meu pai disse 'estou a caminho mas eu estou cheio de saudades vossas' ...pronto de resto é assim eu... ele ligou-se tão bem às pessoas que eu...eu não consigo diferenciar...a origem do Edgar... não consigo diferenciar de onde ele veio e diferenciar ... e diferenciar de onde veio o Edgar para mim eles vieram os dois do mesmo sítio... porque eles estão mesmo bem integrados aqui...”;</i>
	Contacto frequente entre a criança e a família alargada (5/12)	<b>Família 1 (mãe e pai):</b> P1: “Todas as semanas. Sim. M1: Com os tios... P1: Com todos os tios, todas as semanas. Todos. [E: E ele faz visitas regulares a familiares?] M1: Ui, todas as semanas. P1: sim.”
	Relação da criança com amigos e outros significativos (4/5)	<b>Família 3 (mãe):</b> “[E: E como é que é, como é que consideram que é a interação delas com as crianças da mesma faixa etária?] Segundo o que me dizem na escola, é ótima”; “[E: Brinca com as crianças da sua faixa etária?] Sim, completamente integrada”
	Contacto da criança com amigos e outros significativos (6/9)	<b>Família 1 (mãe e pai):</b> M1: “Recebemos os vizinhos, os amigos, e os filhos dos nossos amigos. P1: Mas brinca muito com #e com que frequência é que?#. é todas as semanas. Uma vez por semana. Ou vem um vizinho para cá brincar ou vão eles para casa do vizinho... [E: e nesse aspeto também foi...] M1: Sim, vai para casa de amigos, foi para casa do almeida... P1: Vai para casa do almeida. No outro dia já veio, que é da escola dele, para cá para casa... M1: e depois nós temos amigos que também têm filhos da idade dele”

**Anexo V:**

**Quadro relativo à dimensão de análise – Dificuldades e Receios dos pais neste processo**

---

**Anexo V: Quadro relativo à dimensão de análise – Dificuldades e Receios dos pais neste processo (nº de casos/nº de referências)**

Dificuldades e receios dos pais neste processo			Exemplos
Dificuldades	Lidar com a resistência da criança na adaptação às regras familiares (3/4)		<p><b>Família 6 (pai e mãe):</b>  P6: “<i>Essa é a tal teimosia que nós falamos muitas vezes.</i>  M6: <i>Ele é teimoso.</i>  P6: <i>A tal teimosia que nós ... por exemplo, acaba de comer ‘oh Ricardo, vai lavar a boca e as mãos’, ‘eh, lá vou eu ter de lavar a boca e as mãos!’</i>, ‘claro! Oh Ricardo, tu não acabaste de comer? Não estás sujo?’’, ‘estou’, ‘olha para as tuas mãos, estão sujas?’’, ‘estão’, ‘então não tens de ir lavar?’’, ‘tenho’. Mas primeiro diz logo que não <i>[[risos]]</i> Depois vai. Mas como é teimoso, é capaz de ir e não as lavar. Passa-as por água e vem. ‘Oh Ricardo, mostra lá as mãos. Não estão lavadas ??? Vai outra vez lavar as mãos’, ‘tenho que ir outra vez lavar com sabão?!’, ‘claro! Com sabão para limpar!’’. É um bocadinho isso, só, mais nada,  M6: <i>É.</i>  P6: <i>Não faz as coisas naturalmente, temos de ser nós a mandar fazer e a tomar conta se ele faz, porque ele não faz as coisas naturalmente. Mas é só isso, mesmo.”</i></p>
	Lidar com a resistência da criança em fazer os trabalhos de casa (1/1)		<p><b>Família 3 (mãe):</b> “<i>Ela tem que os fazer e pronto, é uma guerra. É uma guerra porque tem que os fazer e é um castigo [???]. Hum, e já apanhou algumas palmadas (...)</i>”</p>
	Educação da criança	Incute regras (5/11)	<p><b>Família 1 (pai):</b> “<i>são os vícios, claro. Hum, e as regras... é que elas, eu costumo dizer, se viessem militarizadas, era capaz de ser mais fácil, mas o problema é que elas não vêm militarizadas, porque elas realmente cumprem as regras das instituições, pelo menos da experiência que nós tivemos. Hum, o Mário cumpria as regras das instituições, mas nunca as compreendeu e do que observamos nunca concordou com elas e esse é que foi o grande problema. Para além de trazer um conjunto de, pois, para além de trazer um conjunto de regras que não se adaptavam claramente a uma família, hum, ele próprio, as únicas que conhecia eram aquelas, e isto houve imensas dificuldades em ajustar aqui as coisas. À parte disso, não vejo grandes #desafios# é assim, somos todos seres humanos... (...) Agora, o problema foi, foi só esse de regras #de regras# de regras. Tudo o resto, ...</i>”</p>
		Falta de consistências	<p><b>Família 7 (pai):</b> “<i>a minha mulher não, quebra-as todas. Basicamente é isso. [E: Então um cria as regras e o outro ...] E eu educo de uma maneira e a minha mulher educa de outra maneira. Não há</i></p>

Dificuldades (continuação)	Educação da criança (continuação)	nas práticas educativas (1/2)	<i>aquele meio termo.”</i>
		Falta de acordo nas práticas educativas (1/1)	<p><b>Família 3 (mãe e pai):</b>  M3: “Em relação à comida, por exemplo, não. Porque é uma coisa que transcende, que transcende completamente.  P3: Sim , em relação à comida #. E pronto, há coisas que discordamos um do outro, mas relativamente à comida sou rigoroso. Se elas pedem para pôr no prato, seja água seja comida, comem até ao fim ..., pronto, é uma regra . [E: Exato, é uma regra, exato.]  M3: Minha não. [E: [[riso]] ok, para si também é natural haver coisas que, que também não têm de concordar em tudo, não é? Algumas coisas são importantes concordar, outras [[riso]].]  P3: Há coisas que discordamos. Eu discordo, por exemplo, a nível escolar. Acho que é rigorosa, muito rigorosa, coisa que se calhar eu não seria com certeza, mas a mãe é que trabalha com elas, ..., e há situações que eu não concordo, mas pronto.”</p>
	Lidar com os protestos/birras da criança (3/3)		<p><b>Família 2 (mãe):</b> “eu reajo... eu ainda não sei lidar muito bem com as birras (...) eu agora já lido melhor, mas eu lidava muito mal com as birras (...) eu era capaz de fazer birra também (...) mas eu ficava muito ofendida (...) era o que eu dizia à Anabela eu não sabia/não sei /continuo ainda a não saber muito bem a lidar com as birras [E: Claro ... mas é menos agora portanto] mas estou muito melhor... eu ficava muito nervosa com as birras”</p>
	Lidar com as mentiras da criança (1/1)		<p><b>Família 1 (mãe e pai):</b>  P1: “Agora, um dos maiores defeitos é esse, a mentira, porque nós realmente nunca falhamos.. não é nunca falhamos, claro que uma pessoa olhando vai vendo os sinais e #começa a# e pronto, isto é mentira #e ele também diz que é mentira# e depois acaba por reconhecer. Agora, cria-nos algumas dificuldades porque para quem está a tentar perceber o que é que vai na cabeça dele, é muito complicado às vezes #claro#. Ele mente, hum, já é, já quase que é inato. Não, não é premeditado, é inato. Ele... “eh pá, o que é que estavas a fazer?”, digo-lhe só, “o que é que estavas a fazer?”, e ele parte do princípio que eu já #que vai para o castigo#, que vai para o castigo, e então mente, automaticamente. E eu digo-lhe...  M1: Mas ele não liga nenhuma aos castigos.”</p>
	Lidar com os comportamentos de oposição e desafio da criança (1/1)		<p><b>Família 3 (mãe):</b> “Não, com a Tânia, com muito desgaste inicial. [E: Com muito desgaste.] Muito mesmo. Imenso. Uma coisa demais, porque não era um dia, não era um minuto por dia, eram, era a fio. Eram horas se fosse preciso, a fio, a testar-me. [E: Exato.] Era o desgaste total. (...) Não, o desgaste foi porque eu já, porque não sei se foi em questão das regras, aqui nem era tanto das regras, porque ela estava a trabalhar comigo e /[E: Era oposição.] Era, pura, pura e dura, sem,</p>

Dificuldades (continuação)	Lidar com os comportamentos de oposição e desafio da criança (continuação) (1/1)	<i>sem, sem limites, sem tudo em tudo, oposição em tudo, principalmente nos trabalhos, mas também ‘vou tomar banho ou não’, ‘vou tomar banho ou não’, ‘e não, não’, ‘então, não’, ‘e não, não’ [[riso]] [E: Até ao fim. Até onde pudesse # [riso] # Exato, exato.] Era um desgaste muito grande. Eu trabalhava com ela e estava de licença de maternidade porque eu # por 8 meses em casa. [E: E sentiram esse desgaste. Sentiram, hum, tiveram algum sentimento assim de, de desgaste tal que é “Não sei o que fazer, estou no meu limite, num /] Não, mas [???] muitas vezes o meu limite. ... O limite emocional se calhar sim [???] muitas vezes, porque não é fácil. [E: Claro, obviamente.] Obviamente não é fácil estar-se a ser testado diariamente, não porque eu não percebesse que ela me testasse e não achasse super natural que ela me testasse, não é? Agora isso / [E: O que emocionalmente isto implica.] O que depois provoca em nós é outra coisa, não que eu alguma vez não tenha entendido o porquê dela me testar. (...) Agora que causou em mim um desgaste brutal, causou, isso não, não/ [E: Hum-hum, exato.] Obviamente que causou”</i>
	Compreender os comportamentos e reações da criança devido à ausência de um passado partilhado com esta (1/1)	<b>Família 6 (pai):</b> “E tentar, se calhar, perceber e muitas vezes nós não conseguimos, também não temos essa informação, porque é que a criança reage de determinada maneira, em determinada situação. Tem a ver com o passado, tem tudo a ver com o passado. E o nosso desconhecimento do passado também muitas vezes não nos deixa entender as reações delas. Enquanto um filho biológico ou por adoção de uma criança bebé, nós sabemos o passado todo dela, numa criança de 7 anos não sabemos. Não sabemos porque é que ele reage daquela maneira. [E: Exato.] E muitas vezes é essa dureza, muitas vezes “porquê?”. Não sabemos, não temos essa informação, muitas vezes não temos, muitas vezes, normalmente não há. E acho que esse é o maior desafio. Tentar perceber que a criança está a reagir daquela maneira por causa do passado dela. E tentar fazer que, ensiná-la que não é assim que se reage. E não é fácil, não é fácil. Acho que essa é a maior dificuldade, sem dúvida”
	Relação entre a criança e os contextos sociais em que está inserida (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> “As maiores dificuldades foram a escola. Foi na escola, com a professora foi (...) É assim, as maiores dificuldades foi mais em sociedade, na escola e também/ [E: Noutros contextos] Na catequese, com a falta de sensibilidade de algumas pessoas em relação a ele, que não acho que seja preciso muito para lidar com ele e que, no entanto, ‘ah e tal, não consegue estar quieto’ e não sei quê, pronto, um bocado a insensibilidade ...[E: Exato.] Algum preconceito também ... é, algum preconceito.”
	Lidar com os sentimentos da criança face ao seu passado (1/1)	<b>Família 7 (mãe):</b> “A reação de falar dos pais e terem esse desgosto”
	Lidar com a bagagem da criança (2/2)	<b>Família 3 (mãe):</b> “Obviamente que é muito mais difícil no sentido de trazerem vícios, entre aspas, vícios, não vícios, não é?, vícios e hum, e pronto, toda esta mochila que a Tânia e também a Luana como obviamente traziam e que é preciso /. Eu acho que é muito difícil saber lidar e que por vezes

Dificuldades (continuação)	Lidar com a bagagem da criança (continuação) (2/2)		<i>tenho dúvidas, não é? Claro, tenho dúvidas. Saber lidar de forma a que / [E: Que tipo de dúvidas é que surgem?] Hum, da melhor forma de agir de forma a respeitar sempre o passado delas, mas a conseguir que elas o ultrapassem da melhor forma, de forma a não o esquecendo, eu não pretendo de todo que elas se esqueçam do passado delas, jamais. Hum, pronto, acho que aí é muito mais difícil, e lá está, esta fase do teste, de testar não é?, que depois um bebé mais tarde também faz isso, não faz ideia sabendo que é adotado ou não, isso não sei, mas esta fase inicial é muito mais complicada do que se, do que um bebé, não é? Pronto, tem uma parte que será talvez mais fácil e outra / [E: E outra mais desafiante.]</i>
	Falar abertamente com a criança sobre o seu passado (1/1)		<b>Família 6 (mãe):</b> “Os maiores desafios é encarar com ele, com a criança ... de forma natural o passado dela e aberta, não é? O passado e falar abertamente sobre isso.”
	Construção de uma relação de vinculação com a criança (1/1)		<b>Família 4 (pai):</b> “Sim, este vínculo, esta construção que racionalmente a gente sabe que demora muito tempo, mas que emocionalmente é relativamente complicado.”
	Estabelecimento da relação inicial entre a criança e a mãe (2/4)		<b>Família 2 (mãe):</b> “A aceitação... o meu maior desafio... o Edgar quando... quando nos conheceu, o Edgar teve uma ligação com o Vasco/com o pai... muito forte mesmo tipo ...uma atração fatal, assim uma coisa que nem se consegue explicar.... Não vou dizer que tive ciúmes, não... nunca tive ciúmes da relação do meu filho com o meu marido ou vice-versa, mas tinha um bocadinho de inveja (...) eu sentia um bocadinho de inveja em relação à relação que eles tinham, porque o Edgar inicialmente via-me como uma cuidadora nada mais do que isso. E isso a mim magoava-me muito, porque eu tinha tanto para lhe dar e queria-lhe dar tanto só que não conseguia... e aí mais uma vez vou... e não me canso de dizer que a Anabela foi incansável... em todo o apoio que me prestou, porque eu no primeiro mês... eu estava contente por ter sido mãe, mas estava triste porque ele não me dava atenção... foi um mês bastante doloroso em termos de experiência foi um ... foi penoso. Ele, por exemplo, o pai é que tinha de fazer tudo com ele /tinham-nos dito a nós que para dormirmos intercaladamente uma noite sim, uma noite não, cada um de nós com ele. A primeira noite dormiu o Vasco, a segunda noite dormi eu e o Vasco depois... e assim sucessivamente e o Vasco dizia-me assim “ele pediu-me para lhe fazer um cafuné”, “ele encostou-se a mim” e não sei o quê, não sei que mais. Eu chegava à cama e ele dizia-me “ficas aí, não me tocas e eu fico aqui” ... e eu “está bem” ..., mas eu fazia o que ele me pedia, se ele dizia para não lhe tocar eu não tocava, se ele dizia para não lhe mexer eu não lhe mexia... custava-me eu andava triste como a noite... ”;
	Lidar com a insegurança da criança	A criança não expressa as suas emoções (1/1)	<b>Família 4 (pai):</b> “a dificuldade que ele tem de confiar e de ter um diálogo franco e aberto connosco”

Dificuldades (continuação)		A criança tenta agradar e ser a criança perfeita (1/1)	<b>Família 4 (pai):</b> “O ele construir a sua persona, representar uma pessoa para nós, que não é o Lourenço, que é aquilo que ele acha que nós queremos.”
	Gerir as emoções na imposição de regras à criança (1/1)		<b>Família 1 (pai):</b> “É mais difícil a nível emocional do que a nível racional. (...) A nível emocional, às vezes não é tão fácil porque, e eu que o diga, ninguém gosta de dar uma palmada, e eles às vezes levam-nos a que isso tenha que acontecer, o que é uma pena. Eles são crianças, e pronto, as coisas são como são, e quando chega a esse, a essa parte, cria-se (???) familiar, porque não haja dúvidas, uma palmada é uma palmada e a criança fica mais sensível, porque o próprio pai ou a mãe ficam mais nervosos e, portanto, toda a rede familiar, não é destabilita-se, mas fica mais tensa e, portanto, a nível emocional é mais complicado de gerir.”
	Falta de tempo e energia para a criança (2/5)		<b>Família 3 (mãe):</b> “É fazer contas, é muito pouco, é o fim, são as horas do fim de semana e é a pouca qualidade que temos durante a semana, porque elas quase não brincam e nós estamos a trabalhar. [E: # Exato. Porque elas também passam muito tempo na escola.] Considero que passamos muito pouco tempo com elas, infelizmente”
	Falta de um período de tempo de preparação (1/2)		<b>Família 1 (pai):</b> “Recebo um telefonema, ela recebe um telefonema e depois telefona-me a mim a dizer ‘olha, para a semana vamos busca-lo’ (...) Pois é, vamos a braga para eles mostrarem o processo dele e ver se queríamos ou se não queríamos, sendo que para nós nunca estaria em causa a rejeição. E, portanto, apanhamos ali um choque ‘eh pá, então para a semana somos 4’, deixamos de ser 3 e passamos a ser 4, e é um bocado isto. O quarto, não é? De última hora. Ainda não tinha tudo, toca a desmontar armários, toca a montar armários, toca a (???), toca a por a cama direita, até porque o quarto tinha uma configuração não diferente, mas estava ainda adaptado a uma criança. Sabemos nós que no dia que ele vier rapidamente também o faríamos, mas não estava adaptado. E faz-se isto tudo numa semana. Tudo a correr, não sabíamos, quase como um bebé, nós temos sempre a noção que veio com 2 kilos e meio ou 3 kilos, ou 3 e meio e, portanto, a roupa compra-se e adapta-se. Aqui não fazia a mínima ideia de quanto é que ele pesava, #não# quando é que ele media #fomos comprar, quando ele veio, fomos comprar roupa# ou seja, deixas tudo para o dia.”
	Falta de preparação (2/3)		<b>Família 4 (pai):</b> “Os desafios também são por falta de preparação. (...) A nossa falta de preparação. Muitas vezes não ser fácil de aprender a lidar com isto e descobrir a melhor estratégia para lidar com isto.”
	Tempo de espera do processo (1/1)		<b>Família 1 (pai e mãe):</b> P1: “É que eu já não me lembrava. Eu já não me lembrava que alguma vez (???). passou tanto tempo, ...



Dificuldades (continuação)		<p>M1: <i>Ah, isso sim, mas a nível de...</i></p> <p>P1: <i>‘Eu estou a falar com quem?’</i></p> <p>M1: <i>Mas a nível de afinidade...</i></p> <p>P1: <i>‘Com a segurança social? Mas que, eu devo alguma coisa? Paguei tudo...’ é um bocado isto...</i></p> <p>[E: (???) <i>É, mas é um bocado isto. E depois ‘não, do vosso processo de adoção, ...’, ‘ah, ...’. Isto porque era uma coisa que eu já nem lembrava que eu estava metido em processo. Já tinha #claro# passado tanto tempo...</i>”</p>
	Dificuldades na gestão do dia-a-dia (1/1)	<p><b>Família 3 (mãe):</b> <i>“é muito complicado o dia. Porquê? Porque é sempre um contra relógio para elas se tentarem deitar cedo e dormir as horas que têm de dormir, porque se levantam às 7 da manhã e não dormem muitas vezes as horas que têm que dormir.”;</i></p> <p><i>“Se elas se deitassem às 10 todos os dias eu dava-me por contente. Dormiam, dormiam 9 horas, não era? 10,12, 7, sim. Hum, o que é muito difícil, digo-lhe já. Por incrível que lhe parece, é muito difícil. [E: Não é incrível, porque elas têm, são duas, trazem todos os trabalhos, não é #.] E depois é o banho, é o cabelo, é o secar o cabelo, porque não vão com a cabeça molhada para a cama, porque não podem ir, não é, é o jantar, é uma que é mais lenta, normalmente a Tânia, / [E: Exato, é os ritmos individuais, exato.] É muito complicado. [E: Exato. É uma gestão] É muito complicado. Muito complicado, não é muito complicado. Complicado é uma forma de falar #, não sei se está a compreender”</i></p>
	Desgaste físico e psicológico (1/1)	<p><b>Família 3 (mãe):</b> <i>“E é uma luta ao fim do dia, é uma luta. Eu tenho [???) de me deitar à 1 da manhã, de me levantar às 6. Muitos dias, muitos dias, muitos, muitos, muitos. É uma luta constante. Pronto, depois elas vão dormir e eu [???) e pronto, é uma luta. Pode ser que isto, daqui a uns tempos melhore, entre mais na norma, mas foi realmente uma mudança total e radical.”</i></p>
	Falta de tempo para si (1/2)	<p><b>Família 3 (mãe):</b> <i>“Deixei de ler um livro em casa. Leio livros se vou, se por acaso venho de comboio leio no comboio, um bocadinho quando estou à espera delas à porta da escola. [E: Uma gestão de tempo completamente diferente.] O livro está no carro, o livro nem sobe. O livro está na garagem dentro do carro”</i></p>
	Gerir os diferentes papéis sociais (1/1)	<p><b>Família 5 (mãe):</b> <i>“Sim, porque vivemos numa altura em que a própria sociedade exige que os pais estejam sempre muito presentes em tudo e eu sinto-me muito culpada. Por exemplo, passo muitas horas no trabalho e depois chego preocupada com o trabalho, que devia estar ainda mais horas do que o que estou e andamos ... pronto, acho que é difícil hoje em dia. [E: Há uma série de papéis para gerir.] Sim, sim (...)”</i></p>
Receios	Lidar com o receio da criança de regressar à instituição (1/1)	<p><b>Família 1 (pai e mãe):</b></p> <p>P1: <i>“Não, nós nunca fizemos isso. Mas a irmã, sacana como é, de vez em quando, “porta-te bem que se não vais voltar para o centro”</i></p>

Receios (continuação)	Lidar com o receio da criança de regressar à instituição (continuação) (1/1)	<p>M1: não, não é nada assim. Não é nada assim. Não é nada assim.</p> <p>P1: E ele deve ficar...</p> <p>M1: Ela diz isso, ela diz assim, porque eu disse-lhe para arrumar o prato, ir por a loiça na banca no início, e a Juliana dizia assim, “porta-te mal, porta, olha, depois, pões a loiça ali na banca como no centro” é assim que ela lhe diz. Mas eu lembro-me que...</p> <p>P1: Eu admito que eles entre eles também falem sobre isso, admito, pá, não sei, nunca observei, nuca vi, hum, mas é possível que...</p> <p>M1: Mas mesmo assim (???). Nós estávamos não sei onde, não me lembro, nós tínhamos jantado na minha mãe e a minha irmã mais velha que é madrinha dele, portanto, e eu “oh Márioinho, queres vir comigo à farmácia buscar uns medicamentos para a vovó?”, só que no primeiro mês ele ainda não conhecia, não é, a cidade, todo o lado... e então, fomos a um sítio que era onde estava a farmácia de serviço, e então tiveram que andar uma volta e ele de repente começa a ficar muito vermelho, muito vermelho, e vira-se para a minha irmã e diz assim “tu não me vais levar para o centro...” a tremer e ela “claro que não Márioinho, vamos já para casa da vovó”.</p> <p>P1: Como ele associou, dar uma volta, estava escuro, ela pelos vistos a estrada que tomou levava muitas curvas, (???) [E: ele fez a associação à imagem que tinha...] E aí entrou um bocado em pânico, mas mal identificou a chegada a casa, pronto, “já estou...”</p> <p>M1: Eu acho que foi a única vez.</p> <p>P1: Sim, sim.</p> <p>M1: Nunca mais o fez.</p> <p>P1: Ele tinha algum pavor. Hoje em dia não.”</p>
	Lidar com a possibilidade de a criança querer procurar/conhecer as suas origens (2/2)	<p><b>Família 5 (mãe):</b> “Mas eu entendo que, para ele, também seja difícil, ele ... porque obviamente, às vezes as coisas vêm do nada e uma pessoa fica ‘meu deus, mas será? O que é que vai acontecer?’. Nós como pais temos medo que ele, aos 15 anos, se vire para nós e diga ‘eu não quero saber de vocês para nada, que vocês ...’ quer dizer, é uma situação que pode acontecer e que nós vamos tentando ... fazer as coisas o mais bem feito possível, não é? Pelo menos na nossa ótica, para que isso não aconteça e para que ele valorize sempre os pais que tem, mas entendo e sei que pode vir a acontecer e que, se calhar, vai ser difícil de nós gerirmos isto tudo, não é? Mas pronto, com calma, um dia de cada vez.”</p>
	Ficar sem a criança (1/1)	<p><b>Família 1 (mãe e pai):</b></p> <p>P1: “Aliás nós estávamos no stress que é o vincular passado um mês, um mês e meio começa, portanto, a criar-se ali um vínculo, e ele só passa efetivamente para nós ao fim de 8 meses. Portanto até que o tribunal o decreta e nós vamos à conservatória regista-lo, passaram 8 meses.</p> <p>M1: Passaram mais.</p>

Receios (continuação)	Ficar sem a criança (continuação) (1/1)	P1: Certo, sim, mas os 6 meses é o tempo legal que demora a ir a tribunal e portanto 8, 9 meses. Desde que se dá o vínculo, faltava ali um mês e meio, em que já nem nós, hum, pensariamos que alguma vez sairia. Não é pensariamos, não concebíamos que ele alguma vez se fosse embora. Porque já tínhamos as rotinas estabilizadas, já eramos quatro, já as coisas estavam em plena direção feita, o nosso stress era se a segurança social o viria tirar. E, portanto, dá-se o processo inverso. Para todos os efeitos ele não era nosso, legalmente #claro#, mas emocionalmente ele já é nosso. E, portanto, há ali um período de 6 meses de autêntico sofrimento e sufoco até que vem a carta do tribunal e mesmo com a carta do tribunal nós ainda estamos naquela..., vamos à conservatória mas depois de estar registado plenamente direito. E, portanto, hoje é impensável...”
	Não saber desempenhar o papel parental (1/2)	<b>Família 6 (mãe):</b> “Às vezes a pessoa fica na dúvida, diz ‘vou tentar isto de outra maneira’. Em relação aos trabalhos de casa, já tentamos, por exemplo, eu disse ‘não, não pode ser, não nos vamos agora chatear à noite com ele, com o pouco tempo que estamos, vamos mudar de tática, vamos’. Procuramos assim ... não temos a certeza absoluta de usar as técnicas certas.”
	Não saberem se a criança está integrada na família (1/1)	<b>Família 5 (mãe):</b> “e nós preocupamo-nos muito com o ... nós achamos que ele está integrado, mas isso é o que nós achamos, que estamos todos os dias ali a viver com ele, não somos especialistas e não temos ninguém, não conhecemos assim tantas situações para ter a certeza de que está tudo bem, não é?”

**Anexo VI:**

**Quadro relativo à dimensão de análise – Abertura da comunicação sobre a adoção**

---

**Anexo VI: Quadro relativo à dimensão de análise – Abertura da comunicação sobre a adoção (nº de casos/nº de referências)**

Abertura da comunicação sobre a adoção				Exemplos
Importância da abertura da comunicação	A adoção não tem de ser um assunto tabu (2/4)			<b>Família 4 (mãe):</b> “ <i>Para nós eu acho que passamos essa imagem. Eu espero estarmos a passar essa mensagem de que não há assunto tabu e a adoção não é assunto tabu. Sempre que quiserem falar e não temos problemas em dizer ‘você foram adotados’ e a assumir mesmo perante as outras pessoas.</i> ”;
	Falar sobre a adoção é necessário para se estabelecer uma relação segura entre a criança e os pais (2/2)			<b>Família 5 (mãe):</b> “ <i>Sim, tinha que ser. Ele tem e ganhar a nossa confiança, senão nós nunca mais conseguimos tê-lo do nosso lado, quer dizer ...</i> ”
	Falar de adoção é importante, mas não deve ocorrer constantemente (1/2)			<b>Família 7 (mãe):</b> “[E:E, portanto, consideram que a comunicação aberta é algo ...] <i>Tem de ser. Importante. Agora não é sempre a falar sobre isto, a relembrar ‘tu és adotado’, ‘tu és adotado’.</i> ”
	O passado da criança pertence-lhe e, portanto, falar dele é natural (1/1)			<b>Família 3 (mãe):</b> “[E: Ou seja, elas valorizam esta questão da comunicação aberta sobre a adoção] <i>Ai, eu acho que valorizam completamente</i> [E: Hum-hum. E vocês também ... dão sempre ... foi sempre um princípio vosso comunicar e falar/] <i>Sim, foi, sempre. Jamais tirei o passado às minhas filhas como eu não gostava que me tirassem a mim, não é? É o passado delas, bom ou mau, é o delas.</i> ”
	Para que o assunto seja encarado como algo natural e não como um problema (1/1)			<b>Família 6 (mãe):</b> “ <i>É fundamental porque ... mais cedo ou mais tarde, não é? Ele vai ter que ... (...) Porque isto não vale a pena ...</i> #esconder# [E: #Esconder#] <i>Não vale a pena ... porque é uma coisa natural, não é? Aconteceu, quanto mais abertamente se encarar isto, menos será um problema na cabeça dele. Porque depois mais tarde ...</i> [E: Não será percecionado como um problema, exatamente.] <i>É, mais tarde, de repente ele lembra-se ‘eles estão</i>

				<i>aqui a tentar esconder, mas eu tenho ...'. Assim sabe ..."</i>
Processos comunicacionais	Abertura de comunicação sobre o processo de adoção	A iniciativa é habitualmente dos pais (1/4)		<p><b>Família 6 (mãe e pai):</b>  P6: “Tentamos, se ele falar, não reprimimos. Pelo contrário, encorajarmos. Ele acaba por calar logo e não alongar a conversa.  M6: Ele tem um bocado de medo, eu acho.  P6: Porque nós tentamos mesmo puxar, se ele falar. Às vezes até um comentário inocente ‘ah, com o meu pai fazia isto’, ‘com o meu outro pai’ como ele diz ‘fazia isto’ e nós ‘ah fazias? E quando é que fazias?’. Tentamos puxar. Não, não vamos falar disso. Não, não reprimimos, pelo contrário, tentamos puxar. Ele é que para e não fala mais [[risos]]”</p>
		A iniciativa é habitualmente da criança (4/10)		<p><b>Família 3 (mãe):</b> “[E: E alguma vez, quando falaram pela primeira vez, foi iniciativa delas?] É sempre. Eu nunca puxo o assunto. Não é, pai? Nós nunca puxamos o assunto. Elas às vezes falam e eu “foi? Então e depois?”, “ah foram?”, “então como é que foi?”. Sou capaz de ter este tipo de discurso e elas querem falar, falam, quando não quiserem, param.”;</p>
		Não é preciso falar (a criança já sabe) (2/2)		<p><b>Família 7 (mãe):</b> “Não, eles já vinham com a consciência da ...  [E: Sim, sim, já vinham com a consciência da ...] Da situação. Nem foi preciso ... [E: Abordar.] Abordar”</p>
		Sentimentos manifestados pela criança face ao processo de adoção	Insegurança (1/1)	<p><b>Família 6 (mãe):</b> “Ficava assim todo ... [[risos]] mimoquitas. Ficava assim contente, pronto. E via-se que lá no fundo tinha ainda algumas dúvidas, mas isso ainda há pouco tempo que eu lhe disse ‘estou a ficar, tu tens que, vens aqui à casa de banho tens de descarregar’, ‘porquê mãe? Vais-me devolver?’ e eu ‘claro que não! As mães não devolvem os filhos, tu és nosso filho para sempre’. Pronto e ele depois começa-se a rir, fica com aquela cara assim ... não é? De felicidade mesmo. Pronto e ... eu acho que ele já percebeu que pode confiar em nós também”</p>
		Perceção dos pais quanto à compreensão da criança acerca da adoção	Perceção de que a criança compreende o processo de adoção (4/4)	<p><b>Família 3 (mãe):</b> “[E: Elas reagem a essa temática? De forma diferente? Ou ...] A essa temática como? A da adoção? [E: À, à da história de serem adotadas, de ...] Não. Elas acham isso naturalíssimo. Como eu lhe disse, como disse ao colega, já tive outros pais, já tive outros pais, já estive num lar e agora tenho</p>

Processos comunicacionais (continuação)	Abertura de comunicação sobre o processo de adoção (continuação)	Percepção dos pais quanto à compreensão da criança acerca da adoção (continuação)		<i>pais, outros pais. Pais novos, como elas diziam no início. Agora temos pais novos. [E: Exato.] E ele ‘ah, isso é muito confuso!’ e ela ‘não sei o que é que ele achou confuso’ [E: Exato. Para ela é um processo naturalíssimo] É super normal, portanto, ela ‘ficou confuso?’.”;</i>
			Percepção de que a criança manifesta um esforço para compreender a adoção (1/1)	<b>Família 5 (mãe):</b> “(...) estava pra aí há 1 ano connosco. É, a Joaquinha até vai fazer 5 anos, por isso é. E então ela estava grávida e então ele foi muito engraçado, porque estávamos os dois à mesa e ele começou a falar dessa minha amiga, de um outro assunto qualquer e depois sai-se com esta, do ... de ‘ela tem um bebé na barriga, eu não nasci da tua barriga’. E nessa altura começou a perguntar ‘então eu nasci da barriga de quem?’. Eu disse ‘oh Rodrido, nasceste na barriga de uma senhora, mas tu não conheces’. E ... pronto, nesse momento, isso ficou por aqui. Porque ele depois, ele próprio diz ‘podemos não falar mais disto?’ ‘ok, não se fala mais nisso’. Depois, tipo passados 15 dias, 3 semanas, vindo do nada, não é?, diz ‘e então se eu nasci de uma barriga de outra senhora, porque é que essa senhora não ficou comigo?’, ‘provavelmente ela gostava muito de ti e por algum motivo não podia e queria muito que tu tivesses uma mamã e um papá que gostassem muito de ti’ e ... ‘então eu acho que já sei, ela devia trabalhar muito, não tinha tempo para ficar comigo e então deixou-me na colónia, para arranjar uns pais’, ‘pois, se calhar foi isso’. E isto ... ah ... e passaram uns tempos, torna a perguntar mais qualquer coisa. Por isso, ele, ele próprio vai tentando digerir a/ [E: Vai tentando integrar a informação.] Sim, sim. [E: Faz pausas de ...] Sim, sim. [E: Para integrar.]”
			Percepção de que a criança está confusa em relação ao processo de adoção (1/4)	<b>Família 4 (mãe):</b> “a Andreia, em maio, disse à psicóloga da segurança social ..., portanto, a Andreia não percebeu muito bem esta ... como é óbvio da situação da adoção, porque disse à psicóloga da segurança social que nós é que não tínhamos querido o irmão. Portanto anda ali uma grande confusão”;
	Abertura de comunicação sobre	Criança fala sobre a casa de		<b>Família 7 (mãe e pai):</b> M7: “Muito das funcionárias. A funcionária fazia isto, a

Processos comunicacionais (continuação)	as vivências na casa de acolhimento	acolhimento (4/8)		<i>funcionária fazia aquilo e assim.</i> P7: <i>De vez em quando lá se lembram.</i>
		Criança pede para visitar a casa de acolhimento (2/3)		<b>Família 4 (mãe):</b> <i>“Eles pediram para ir à instituição levar gomas, porque eles lembravam-se que os meninos que tinham sido adotados e depois tinham ido à instituição levar gomas.”</i>
		Criança manifesta saudades das pessoas da casa de acolhimento (amigos, auxiliares, etc.) (2/3)		<b>Família 2 (mãe):</b> <i>“Não, elas disseram que não aconselhavam, ele chegou a dizer, chegou a chorar. [E: Ele falava não é, exato] E chorava com saudades e porque é que nós não sabíamos ir para o centro, queria ... queria saber como é que eles estavam, queria lhes dizer que estava bem e queria vê-los, sendo que alguns também já foram adotados”</i>
		Criança manifesta vontade em regressar para a casa de acolhimento (3/5)		<b>Família 7 (mãe e pai):</b> <i>“[E: E no início eles alguma vez manifestaram vontade em regressar à instituição?] P7: Ele. [E: Definitivamente?] M7: Ele? Não. P7: Não? Então, sim, sim. M7: O quê? Isso era quando se zangava. P7: No início, pronto. M7: Que ia fazer a mala e ia embora para lá, mas isso era nas situações/ P7: Isso era no início. M7: Nas situações de tensão que ele dizia. (...) Que ele dizia que ia para lá, mas porque estava chateado e queria fazer a mala.”</i>
	Estratégias dos pais face à vontade da criança em regressar para a casa de acolhimento		Contrariar (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> <i>“(...) e eu disse ‘oh Andreia, neste momento não é possível’. ‘Tu estás aqui, neste momento; tu vieste, não é possível’ pronto.”;</i>
			Desvalorizar (2/2)	<b>Família 7 (mãe):</b> <i>“Dizia ‘pronto, queres que te ajude a fazer?’ ‘não!’. Eu dizia assim ‘olha, é assim, tu queres regressar, mas eu não te vou ajudar a fazer a mala, porque eu quero que fiques aqui, mas também não te vou prender aqui. Portanto, se queres ir, fazes tu sozinho a tua mala e olha, desenrasca-te e vai’. Depois, no dia seguinte, ‘então Gonçalo, ainda estás cá? Dormiste cá? Pensava que ias fazer a mala. Então?’ E ele ... depois admitia que quando dizia isso era porque estava zangado.”</i>



Processos comunicacionais (continuação)	Abertura de comunicação sobre a família biológica	A criança fala sobre a família biológica (4/13)		<b>Família 3 (mãe):</b> “Faz. Principalmente da avó, que é a única pessoa. [E: É a principal, a Luana refere-se, faz referência sobretudo à avó] ??? a Luana faz muito poucas referências. Faz ao pai às vezes, a mãe deve ter muito pouca, muito pouca memória. Ela já me chegou a dizer ‘a minha outra mãe eu já não me lembro da cara dela’, assim com esta naturalidade e continuo a conversa. Hum ... a avó sim, acho que também já falou da avó, sim. Que às vezes íamos, uma vez a avó foi-nos buscar e íamos a comer batatas fritas à noite, no carro. Sim, mas a Luana não ... faz, mas neste sentido, fazem referências. Habitualmente não, por vezes é estamos a conversar até à mesa ou qualquer coisa e surge qualquer coisa “ah olha” [E: Ou seja, uma associação mais] Sim, uma associação de ideias que fazem e falam naturalmente, falam, falam, continuam a conversa normalmente como se aquilo tivesse sido falado ‘olha no outro dia fomos ali, encontramos’”;
		Sentimentos e emoções manifestados pela criança face à família biológica	Saudade (2/3)	<b>Família 3 (mãe):</b> “A Tânia às vezes tem saudades da mãe [E: Ah ok. Ou seja, atualmente, ainda/] Sim. Ainda este ano civil, por exemplo, já acho que era este ano civil. Praí em janeiro ou assim, penso que já tenha sido, que sim, que ela me disse que teve saudades da mãe na escola e que chorou”;
			Curiosidade (1/3)	<b>Família 5 (mãe):</b> “A última vez que ele falou comigo sobre isso, o Paulo até não estava cá, até estava fora. A última vez que falou comigo, ele ... hum, disse-me que tinha curiosidade. E eu disse que era natural, mas que eu não tinha muita coisa para lhe dizer, porque eu própria não sabia muita coisa. E que, porque ele tinha curiosidade de saber como era as, as outras pessoas.”
			Mágoa (1/3)	<b>Família 7 (mãe):</b> “Ele tem, ele tem um desgosto muito grande. [E: Sentem isso? Sentem que ele ...] Ele tem. Ele tem muito, muito desgosto.”;
		A criança manifesta vontade em regressar para a família biológica		<b>Família 7 (pai e mãe):</b> P7: “Até acho que ela nunca disse que queria ficar com os pais biológicos do que com nós. Acho que ela nunca. Ele já referiu, quando, quando estava zangado dizia isso, dizia”

Processos comunicacionais (continuação)	Abertura de comunicação sobre a família biológica (continuação)	(1/1)		M7: “Estava era bem com os pais biológicos e não sei quê, pronto, essas coisas”
		Estratégias utilizadas dos pais face à vontade da criança em regressar para a família biológica	Desdramatizar e Empatizar com a criança (1/2)	<b>Família 7 (mãe):</b> “quando ele nos diz isso, há pais que se sentem tristes e desmotivados porque, quer dizer, estamos a fazer este sacrifício todo e ainda ouvimos isso e não sei quê e eu não encaro assim as coisas. Acho que, que é uma reação natural. Também sinto que não dou muita importância porque também ele diz nas situações de ... de que está ... ou que nós pedimos para fazer alguma coisa e ele não quer fazer e pronto, há uma zanga, há um momento de tensão e também não damos muita importância. Preocupa-nos mais é a criança do que aquilo que nós sentimos. Não é agradável, mas não é nada que não estivéssemos a contar.”;
		Perceção dos pais quanto à compreensão da criança sobre o seu passado	Perceção de que a criança compreende o seu passado (3/6)	<b>Família 6 (pai):</b> “Ele sabe, ele sabe que teve uma família, que foi retirado, que esteve numa instituição e que teve de esperar por outros pais, ele sabe perfeitamente. Ele não tem problemas nenhuns em assumir isso, fala abertamente”
			Perceção de que a criança demonstra alguma confusão e/ou falta de conhecimento em relação ao seu passado (6/15)	<b>Família 4 (mãe e pai):</b> M4: “Eu acho que ele confunde. Há episódios que são de uma e outra, mas ele ... para ele é tudo da mãe Maria.”;  P4: “Com a família de acolhimento não aconteceu nada. Está tudo misturado lá dentro, é tudo a mesma coisa”
		Pais manifestam abertura face à possibilidade de a criança contactar com a sua família biológica (2/2)		<b>Família 3 (mãe):</b> “Obviamente, obviamente. Nunca, nunca. E assim será sempre. E um dia mais tarde se quiserem vir a saber mais coisas e até conhecer, não agora porque me dizem que é completamente contraproducente. Um dia mais tarde estão perfeitamente à vontade, se quiserem.”
	Estratégias utilizadas pelos pais na comunicação aberta	Explicar à criança o processo de adoção em si (1/1)		<b>Família 4 (pai):</b> “ (...) hum, em certas coisas já houve, já explicamos o processo, aquele processo de adoção que primeiro existem estes 6 meses, depois há o juiz, depois pronto. Esse processo nós explicamos-lhe, mas basicamente é isso”

Processos comunicacionais (continuação)	Estratégias utilizadas pelos pais na comunicação aberta (continuação)	Dar espaço e abertura à criança (2/3)		<b>Família 6 (mãe):</b> “Mas pronto, acima de tudo, o que lhe queremos mostrar, a ele, é que ele pode falar as vezes que ele quiser e se não quiser falar também não precisa de falar”
		Explicitar à criança que deve sempre falar, independentemente dos sentimentos dos pais (1/1)		<b>Família 5 (mãe):</b> “(...) e às vezes ele vê que fala comigo sobre isto e que eu fico triste e diz ‘eu não vou falar mais sobre isto, porque eu não quero que fiques triste’. E eu digo ‘não, tu tens de falar mesmo que eu fique triste, tu tens de falar, porque também há coisas que eu te digo e eu sei que ficas triste, mas eu sou tua mãe e tenho de te dizer e tu tens de me dizer’.”
		Tomar a iniciativa de falar do passado a criança (2/3)		<b>Família 2 (mãe):</b> “Eu tento fazer com que ele não se esqueça de que realmente ele não nasceu da minha barriga e que realmente ele veio de uma instituição e que houve outra pessoa que o teve e que não pode cuidar dele por algum motivo e quando ele for mais velho poderei contar essa história e devo contar essa história, mas de uma maneira diferente. Neste momento eu acho que ele tem 4 anos eu acho que também pouco mais ele vai perceber daquilo que a gente lhe diz, mas eu tento... nós tentamos fazer com que ele não se esqueça até para depois ele não ter nenhum confronto de... identidade mais tarde, não é?”
		Falar do processo de adoção através de uma história (2/2)		<b>Família 2 (mãe):</b> “(...) eu inventei uma história/ eu inventei não, eu criei uma história à volta da ... à volta do processo de adoção não sei se será a melhor, mas foi a que eu inventei [E: Claro] e ele entende-a, eu inventei/ eu construí uma história que era eu e o Vasco conhecemo-nos e depois começamos a namorar e depois claro que vou inventando coisas, palavras... e depois, um dia, decidimos ter um filho e lembramo-nos que tínhamos umas amigas em Braga que era a Anabela e a Ana Maria e que achávamos que elas conseguiam arranjar assim uns filhos, giros e assim... então ligamos e elas disseram “ah, nós não conseguimos mas a Sandra... que era a diretora do centro consegue” e eu até acho que ela tem lá um menino muito giro e então elas ligaram para a Sandra e ela disse que sim e então a Sandra disse para a gente passar lá, que estava lá o Edgar à nossa espera que era o nosso filho, nós fomos lá buscar o Edgar () levá-lo para casa. é assim não é nada muito

Processos comunicacionais (continuação)	Estratégias utilizadas pelos pais na comunicação aberta (continuação)			<i>rebuscado para a idade dele, mas ele sabe que nós decidimos ter um filho... que optamos pela adoção e que o fomos buscar à instituição para ele vir para nossa casa e constituirmos família [E: Exato e ele deve adorar ouvir] Gosta, às vezes no carro vou-lhe a contar essa história (...)"</i>
		Fazer referências positivas face à família biológica da criança (1/1)		<b>Família 3 (mãe):</b> <i>"E nunca na vida disse 'a tua mãe é má' ou 'a tua mãe', 'não gostou', 'o teu pai'. Antes pelo contrário. Sempre lhes disse que a mãe gostava muito de vocês, só que não eram capazes de tomar conta de vocês e de, de pronto. Aliás, o Pedro até ??? há pessoas que têm dores nos braços, que não têm um braço, não têm uma perna, são coxas ou têm problemas na cabecinha, portanto, não conseguem às vezes. E pronto, olha estava inverno, vocês não conseguiam vestir as roupas, iam com roupa de verão, não podia ser! Constipavam-se! É por causa disso que vocês estão aqui ??? mas não é porque os pais não gostem de vocês. Mas eu sempre transmiti, foi sempre isto. Nunca, isso já basta o peso que elas já têm, não é? [E: Claro.] Porque agora sabem, sim porque eles não gostam delas, como é óbvio, se gostassem não faziam isso. Agora gostam à maneira deles, não é? Que para nós é verdadeiramente incompreensível, mas pronto."</i>
		Falar com naturalidade sobre o assunto (2/4)		<b>Família 5 (mãe):</b> <i>"E vai gerindo a informação ... pronto, sempre que falamos, tentamos falar, tento falar sempre naturalmente com ele";</i>
		Explorar o assunto abertamente com a criança (1/3)		<b>Família 6 (mãe):</b> <i>"Sempre, abertamente. E quando ele fala alguma coisa, nós tentamos mesmo puxar porque ... para ...";</i>
		Transmitir segurança à criança (2/3)		<b>Família 6 (pai):</b> <i>"#No início# porque temos de falar muito sobre isso. Explicar que ele não estava aqui por algum tempo, que estava aqui para sempre. Que era nosso filho e que ia ficar para sempre. Pronto, acho que foi mais no início que houve essa necessidade de falar mais."</i>

Dificuldades dos pais sobre a comunicação aberta	Não saber como falar (1/1)			<b>Família 4 (pai):</b> “Nós não nos ??? nem sabemos se o devemos fazer e como fazer, nós não falamos com eles sobre adoção”; “até porque não sabemos muito bem como fazer isto, acho que acabamos por ser sempre muito reativos”
	Falar sobre os motivos que conduziram ao processo de adoção (1/1)			<b>Família 5 (mãe):</b> “[E: Por exemplo, o que é que acha mais difícil de ...] <i>De falar com ele?</i> [E: De falar.] .... <i>Tudo, os motivos, não é? Os motivos, o que é que levou alguém a fazer isto ... eh pa, acho que é muito complicado</i> ”
	Falar de adoção é relembrar os próprios pais de que o filho é adotado (1/1)			<b>Família 5 (pai):</b> “[E: Mas porque é que preferia não ...? Qual é o desconforto que causa em si?] <i>Hum ... causa ...</i> [E: Eu acredito que, pelo facto de terem tido uma experiência também depois deste contacto com a avó, que não tenha facilitado.] <i>Não, porque a pessoa ... quer dizer, às vezes esqueço-me, é meu filho. Esqueço-me da adoção, quer dizer, isso é voltar outra vez</i> ”
	Gerir a informação a contar à criança (1/1)			<b>Família 5 (mãe):</b> “(...) <i>agora relativamente a isto, o único desconforto que eu sinto é, neste momento, eu não lhe poder contar a verdade toda, mas ao mesmo tempo, não lhe quero mentir. Por isso/</i> [E: Ambivalência] <i>Isto faz com que tenha de dar algumas voltas para responder.</i> ”

**Anexo VII:**

**Quadro relativo à dimensão de análise – Vivência da Parentalidade**

---

**Anexo VII: Quadro relativo à dimensão de análise – Vivência da Parentalidade (nº de casos/nº de referências)**

Vivência da Parentalidade		Exemplos
Motivação para adoção	Infertilidade/doença (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “Quando nós estávamos a pensar ser pais foi quando me foi diagnosticado o primeiro cancro. De repente, os sonhos mudaram, não é? Primeira coisa, não é? Ah, é-nos diagnosticado o cancro, vamos à primeira consulta de quimioterapia que foi um mês depois ou mês e meio, é quando nos dizem “vocês durante cinco anos não vão poder engravidar”. Segundo embate. A quimioterapia pode provocar a menopausa na mulher, portanto, tendes de ir para tratamentos de fertilização.”
	Dificuldade em engravidar (2/2)	<b>Família 5 (mãe):</b> “Porque nós os dois não conseguíamos engravidar e então ... para nós era importante ter filhos e foi o passo seguinte”
	Consideração prévia da adoção como uma forma de parentalidade (1/1)	<b>Família 6 (mãe e pai):</b> M6: “É assim, era uma coisa que eu tinha, tinha sempre ... presente. Não é ... não tinha sempre presente de forma ... de uma forma muito evidente, tipo uma obsessão, mas já tinha pensado nisso. #E já tínhamos falado# P6: #Já tínhamos falado#. Ainda namorávamos e já tínhamos falado nessa hipótese
	Escolha da adoção como forma de parentalidade (2/2)	<b>Família 3 (mãe):</b> “Isso a mim, isso a mim eu estava mais que preparada. Sempre quis isto para a minha vida, não é?, desde solteira. (...) Isto para mim foi uma opção de vida, não foi, não foi o eu não poder ter filhos e, portanto, ao fim de não sei quantos tratamentos (...)”
	Casamento tardio (1/1)	<b>Família 6 (mãe e pai):</b> P6: “Até porque já casamos bastante tarde, os dois e nós achávamos ... M6: Já. Casamos tarde. P6: Se calhar seria uma melhor solução adotar uma criança”
	Vivência de uma gravidez malsucedida (1/2)	<b>Família 6 (mãe):</b> “É e depois, eu depois ainda estive grávida, depois tive um aborto e nós decidimos não fazer nenhum tipo de tratamento nem nada disso e foi nessa altura, se calhar. #Nós dissemos “olha, vamos” #”
	Ausência do desejo da gravidez (1/3)	<b>Família 7 (mãe):</b> “E depois como eu não tinha o que a maioria das mulheres tem ... é que passar a fase da gravidez era uma coisa que elas sonham ou a maioria sonha, eu nunca sonhei com isso. (...). Pronto, podia ir e tenho uma amiga pessoal que recorreu a esses tratamentos e conseguiu e tem um casal de gémeos ... mas, para mim, isso ... porque ela tinha aquela vontade de ser mesmo mãe e o parto e ... Eu essas coisas, olhe, disse assim, como é que, há males que vêm por bem! Para mim foi um bocado um alívio não ter que passar até pela, pela gravidez. Portanto, essa hipótese para nós não foi a pior [[risos]]”

Auto caracterização de si como pai	Mãe	Amiga (1/1)	<b>Família 1:</b> “uma mãe amiga, muito amiga deles”
		Brincalhona (2/3)	<b>Família 4:</b> “é uma mãe que acho que sou uma mãe brincalhona, que gosta de brincar”;
		Aberta e tolerante (1/1)	<b>Família 4:</b> “muito aberta, portanto podem fazer o que quiserem: brincarem comigo, falar, não sei quê, não estou ali ... pronto, rígida o tempo todo. Quero que eles se comportem, mas pronto, tento ser tolerante, tento ser aberta ao que eles me vão dizendo, mesmo tudo que eles me dizem, mesmo aquelas situações em eles falam da vida dos pais, dos outros pais. Não entro, não armo uma barreira, não digo ‘não podem falar’. Não, estou aberta”
		Escutante (2/2)	<b>Família 1:</b> “Tento ouvi-los, ouço sempre”
		Carinhosa, afetuosa e meiga (5/6)	<b>Família 2:</b> “Sim e meiguinha, sou muito meiguinha com ele”
		Coloca o filho como a sua prioridade (1/2)	<b>Família 6:</b> “que ponho os interesses dele acima dos meus ... tentando não passar aquele limite que lhe vai permitir depois abusar, não é?”
		“Fiel” à sua palavra (1/1)	<b>Família 3:</b> “que se eu digo que vou, vou e se eu digo que não vou, não vou e se eu digo que faço, faço e se digo que não faço, não faço. Eu nisso sempre fui assim, não sou assim com elas, sempre fui assim e, portanto, com elas isso foi uma coisa que ficou vincada, muito vincada desde o início.”
		Apoio incondicional (1/1)	<b>Família 3:</b> “hum, sou uma pessoa que elas sabem que podem contar sempre e quando eu digo que é, é, seja para o bem ou seja para o mal. Para o mal no sentido de [[risos]] # a ideia do que eu digo, não é? E isso elas sabem perfeitamente, acho que estão perfeitamente cientes disso”
		Adaptável às circunstâncias /situações (2/2)	<b>Família 1:</b> “(...) como eu estava a dizer há um bocado ao Mário, duas mães, uma para quando é preciso assim e a outra para dar mimo.”
		Atenta (1/6)	<b>Família 4:</b> “Uma mãe muito atenta, muito alerta, muito atenta”
		Reativa (1/2)	<b>Família 4:</b> “Como diz o Rafael, se calhar às vezes com o gatilho demasiado rápido. Eles fazem qualquer coisa e eu já estou em cima. Reajo muito depressa.”;
		Persistente (1/1)	<b>Família 4:</b> “E pronto, porque não desistia, porque ele fechava-se, entrava em stress e eu deixava passar, mas, mais tarde, ‘Lourenço, porque é que disseste isto?’ e não sei quê. E ele não queria falar e eu puxava, puxava, puxava e conseguia.”
		Preocupada (1/1)	<b>Família 6:</b> “enquanto mãe ... sou uma mãe, sou uma pessoa muito preocupada”
		Exigente (2/2)	<b>Família 5:</b> “Como mãe acho que sou muito exigente”; “Hum, mas pronto, acho que sou muito exigente”
		Rígida, inflexível	<b>Família 4:</b> “Uma mãe que, às vezes, nesta aprendizagem se calhar é um bocadinho inflexível, um



Auto caracterização de si como pai (continuação)		e dura (1/1)	<i>bocadinho dura e, se calhar ...</i>
	Pai	Brincalhão (2/2)	<b>Família 4:</b> “E por isso tento brincar muito, persegui-os pela casa, do género, fazer coisas assim do género. Costumo meter-me muito com ele, portanto, tento ser um pai relativamente divertido”
		Companheiro (1/1)	<b>Família 2:</b> “Companheiro e () grande parte dos dias tenho paciência com ele ()”
		Presente (2/2)	<b>Família 1:</b> “(...) e fui um pai muito presente, isso sem dúvida nenhuma. Sempre. Vão à natação comigo, vão jogar futebol comigo, hum, no caso dele vai andar de bicicleta comigo, hum, tento participar em tudo e mais alguma coisa que eu possa, claro que depois as condições profissionais muitas vezes também não deixam ir para mais longe, mas tudo, tudo, tudo o que é possível, eu estou sempre presente na vida dele.”
		Afetuosos (1/1)	<b>Família 6:</b> “Tento mostrar que gosto dele”
		Chato (1/1)	<b>Família 6:</b> “por vezes sei que também sou um bocadinho chato para ele ... se calhar até beneficiando um bocadinho da imagem que ele tem do pai, não é? Às vezes sou um bocadinho chato por causa disso. Para beneficiar um bocadinho dessa imagem, para não estar também a prejudicar mais a mãe. Tem de ser ela a chata”
		Preocupado (1/1)	<b>Família 5:</b> “Acho que me vejo como um pai, um pai preocupado”
		Preocupado com a educação do filho (1/1)	<b>Família 6:</b> “tento sobretudo tentar educa-lo, tentar educa-lo da forma que eu acho que deve ser, chamando a atenção. Às vezes demais, mas chamar à atenção para o que ele não deve fazer, para ele fazer as coisas bem”
		Exigente (1/1)	<b>Família 5:</b> “sou exigente em matérias diferentes da mãe. A mãe é muito pela parte do estudo, do respeito que ele tem de ter pelos mais velhos, pelas outras pessoas. Eu sou mais ... sou mais exigente às vezes em termos comportamentais em casa, pronto [[risos]] Querer levar a minha medida, mas eles não são assim, portanto [[risos]]”
		Rígido/focado nas regras (2/3)	<b>Família 7:</b> “Não sou tanto, não sou tão afetuoso. [E: É mais as regras.] Eu é mais as regras. [E: Exato.] Estou habituado às regras.”
Dificuldade na identidade parental	Ainda está a aprender como desempenhar este papel (2/3)		<b>Família 2 (mãe):</b> “eu tento fazer o melhor que sei e que posso, mas sei que falho muitas vezes e ... penalizo-me por isso porque eu acho que o meu filho merece melhor e eu tanto dar o melhor às vezes por... por desconhecimento outras vezes porque também é muito recente é ... eu acho que para tudo a experiência é uma mais valia ...”
	Questiona-se face ao desempenho do seu papel (2/2)		<b>Família 5 (mãe):</b> “às vezes acho que ... ponho sempre, eu ponho muito em causa se aquilo que estou a fazer está certo ou está errado”
	Dificuldade em se descrever neste papel (5/6)		<b>Família 2 (mãe):</b> “Eu continuo/ eu vou-lhe dizer o que lhe disse há bocado eu não sei o que é ser mãe. Eu sei que gosto de ser mãe do Edgar... É só isto que lhe posso responder”

Conceção dos papéis parentais	Mãe	Ajudar os filhos a crescer e a serem felizes (1/2)	<b>Família 4:</b> “Ser mãe, para mim, é poder ajudar duas crianças a tornarem-se adultos, tentando fazer com que elas sejam felizes e tentando passar-lhes os meus valores de maneira a serem uns adultos felizes e com, pronto, certos valores que, na minha opinião, são importantes, são relevantes para o futuro. Mas, acima de tudo, é conseguir fazer deles os dois adultos felizes, centrados, pronto ... de bem consigo, acima de tudo.”;
		Ser uma fonte de segurança e confiança incondicional (2/2)	<b>Família 6:</b> “Ser mãe é uma coisa ... muito importante ... para qualquer um, não é? Porque é ... é fazer sentir alguém ou uma criança ou um filho que, independentemente da agressividade que existe fora de casa, que tem sempre um porto de abrigo, tem sempre ali alguém com quem possa recorrer. Pronto, para mim, basicamente é isso. É dar a confiança, dar a segurança para que, qualquer coisa que se passe lá fora, que possa contar com ... ali com a mãe, neste caso, com a mãe.”
		Educar e impor regras (1/1)	<b>Família 1:</b> “E, mas muitas vezes, é o que estava a dizer o Duarte, (???) eles são idades muito próximas, são terríveis, terríveis. E também acho, ainda estes dias estava a comentar, para fora, quem os vê de fora, dizem que tanto a Jéssica como o Mário são miúdos excelentes, são, que se portam muito bem, são meninos educados, o Mário com a dificuldade dele com as regras é um menino muito educado... se calhar, mas não me arrependo disto, se calhar nós somos muito exigentes, mas nós temos de ser exigentes nesta fase e não ignorar contudo esta fase e ser rigorosos para eles terem um futuro melhor, não é, para terem um futuro,..., para perceberem as coisas... se vamos andar aqui a facilitar, eles um dia não sabem o que devem, não sabem o que é que é o mundo, não sabem os valores... ora, e isso é ser mãe, nisso... custa dizer que não, é mais fácil dizer que sim...”
		Cuidar (1/1)	<b>Família 2:</b> “Eu acho que ser mãe é cuidar é () pronto é essas coisas todas e eu gosto de fazer isso pelo Edgar e com o Edgar.”
		Priorizar os filhos acima de tudo (1/1)	<b>Família 1:</b> “(...) e é ser dedicada a... (...) e ser, tentar que eles são a minha primeira prioridade, não é? Tem que ser, posso ter muito trabalho, mas se eles estiverem doentes é com, não é, tenho que deixar e deixo, e não me custa, não me custa fazer isso.”
	Pai	Ser um modelo (1/1)	<b>Família 4:</b> “é ser um role model. É ser alguém que tenta controlá-los um bocado, explicar-lhes o que é que eles devem fazer, o que não devem fazer. Que ensina, que tenta ensinar o exemplo e que tenta passar os valores”
		Promover a autonomia dos filhos (1/1)	<b>Família 1:</b> “(...) é complexa na medida em que eu tento a todo o custo duas coisas. Hum, uma é que eles sejam felizes enquanto indivíduos e outra é que sejam autónomos também enquanto indivíduos. Fundamentalmente isso. Acho que depois tudo o resto vem por acréscimo. (...) E ser pai, no fundo é, na minha visão é exatamente isso. É transmitir-lhes um conjunto de regras, transmitir-lhes confiança sem estar sempre em cima deles, portanto, eles sabem que o pai está, e a mãe, está sempre presente, sempre, ainda que muitas vezes, não, eles não estejam a ver, porque a ideia também é essa. É eles

Conceção dos papéis parentais (continuação)	Pai (continuação)	Promover a autonomia dos filhos (continuação) (1/1)	<i>irem descobrindo o mundo por eles próprios, mas sempre que necessitam, sabem que o pai ou a mãe estão presentes, e estão próximos, estão sempre muito próximos. Aliás, eles sabem que o pai e a mãe estão sempre a observa-los, mas com um distanciamento possível para que eles possam constituir a sua própria individualidade e a sua própria personalidade. E ser pai, acho que, mais do que tudo é isso. Porque eu tenho plena consciência que hoje eles estão numa idade ainda muito tenra, mas isto passa num ápice e dentro em breve eles vão ter que seguir o caminho deles sem nós, e, portanto, quanto mais rapidamente nós lhes ensinarmos as ferramentas para eu isso aconteça melhor será. Portanto temos...”</i>
		Cuidar e educar (1/1)	<b>Família 3:</b> “É cuidar, é ... tratar, é educar, ...”
		Dedicar tempo e dar amor/atenção à criança, fazendo-a sentir bem (1/1)	<b>Família 6:</b> “Eu acho que sobretudo é o dar o nosso tempo ao nosso filho. Porque ele precisa de nós, precisa do nosso tempo. Aliás, na vida atual, o tempo é tão pouco juntos que ele precisa mesmo do nosso tempo. Dar-lhe muito amor e carinho, tentar ensiná-lo a fazer as coisas bem ... e basicamente é isso. Faze-lo sentir que realmente existe muito amor da nossa parte e que sabemos que ele também gosta muito de nós. Faze-lo sentir muito bem junto, junto de nós. Pronto, basicamente é isso”
Vivência do papel parental	Muita responsabilidade (2/4)		<b>Família 7 (mãe):</b> “É, é a maior responsabilidade sem dúvida que alguém pode ter”
	Papel complexo (1/1)		<b>Família 1 (pai):</b> “(risos) Isso é complicado. O que é ser professor é mais fácil, o que é ser engenheiro é mais fácil. Ser pai é uma coisa muito complexa, não é que seja complicado, é uma coisa natural, mas é complexa (...)”
	Gratificante (2/2)		<b>Família 5 (pai):</b> “É ..., mas pronto, é a coisa mais gratificante, ao fim e ao cabo, acho que se pode ter.”
	Proporciona uma boa sensação (1/1)		<b>Família 2 (pai):</b> “É uma/ uma boa sensação... na altura não fazia a mínima ideia de como aquilo ia ser... não foi a ansiedade de ser pai, mas mais a ansiedade de saber como é que iria correr ... depois de o ter recebido foi aquele primeiro começo () de adaptação e é uma boa experiência. [E: Está a ser uma boa experiência e vai continuar a ser] Nunca, nunca... nunca foi um objetivo nem de não ser nem de ser pai... as coisas foram acontecendo naturalmente, mas estou a gostar bastante.”
	Dos melhores papéis que se pode desempenhar (1/1)		<b>Família 5 (mãe):</b> “Ao mesmo tempo, realmente, acho que é dos melhores papéis que pode haver no mundo, acho que sim”
	Muito bom (2/3)		<b>Família 4 (mãe):</b> “No meu papel de mãe sinto-me muito bem (...) Não está a ser às mil maravilhas, não é mil maravilhas e nunca foi, mas está-me a satisfazer muito e está-me a dar muito gozo “
	Está a corresponder ao esperado (4/4)		<b>Família 6 (mãe):</b> “Não, não está a ser muito diferente daquilo que eu esperava (...), mas está, está a corresponder às expectativas ... porque, sei lá, ele não é muito diferente do que eu era quando vivia com os meus pais e eu se calhar também sigo um bocadinho a forma como os meus pais me

Vivência do papel parental (continuação)		<i>educaram. Pronto, está a ser mais ou menos. [E: Está a corresponder.] Do que eu estava à espera. Claro que eu tive uma ideia muito romântica de ser mãe e ser pai, não é? Não é, ter a criança perfeita ... nada disso, não é?”</i>
	Está a ser diferente do esperado (7/9)	<b>Família 2 (mãe):</b> “Eu estava à espera de receber uma criança muito complicada e com ... sei lá muitos problemas eu não fazia ideia que haviam crianças assim como o meu filho para/ à espera para ser adotada... eu pensava que grande parte ou todas que tivessem... que a agilidade com que a Segurança Social atuou no caso do Edgar que isso não acontecia eu pensei que acontecia mas mais tarde, percebe? Também foi um abrir olhos para mim se realmente os serviços até acabam por estar atentos [E: Atualmente cada vez mais... é rápido nesse aspeto] mas eu não tinha esse tipo de conhecimento portanto [E: Anteriormente não era assim] pronto mas eu como estava à espera de receber um filho com muitos problemas não é... não estava preparada para... para uma situação fácil e então eu esbarrei ali... pronto e tive que () da melhor maneira que sabia”
Relação Conjugal	Valorização do tempo para casal (2/4)	<b>Família 1 (pai e mãe):</b> P1: “(...) Mas de resto... não, e nós fazemos bem a preparação de casal a casal, o casal também tem filhos e, portanto, também se envolve com os filhos, os filhos também têm o espaço deles e também precisam às vezes e às vezes também estão connosco e, portanto, nós nisso, eu considero, somos um casal, não é modelo, hum, saudável. Um casal saudável. Temos tempo para nós os dois, temos tempo para eles e temos tempo para cada um de nós também #temos tempo para as amigas, para a família à volta# e temos tempo para cada um de nós... ela é mulher, tem as necessidades dela, eu sou homem tenho as minhas, às vezes temos as duas, portanto nesse aspeto a vida do Mário não alterou rigorosamente nada #se eu tiver alguma coisa com as amigas, vou, e ele também# e eu fico com os miúdos M1: E ao contrário, se tivermos que ir só nós os dois a uma festa porque até acaba mais tarda os miúdos ficam. Vamos jantar muitas vezes os quatro, não há nada... [E: foi um ajustamento.] Foi. P1: E não se altera nada as rotinas com eles. Eu às vezes... M1: De 0 para 1 muda, de 1 para dois...”
	Afetividade/cumplicidade (1/2)	<b>Família 4 (mãe):</b> “Nós fomos sempre muito cúmplices, muito amigos, muito pronto.”;
	União (2/3)	<b>Família 6 (mãe):</b> “(...) não passamos ... por exemplo, às vezes até nem estamos de acordo, como é natural, com certas coisas que ... em certas coisas que às vezes não estamos de acordo ..., mas resolvemos isso a bem, tentando não passar para ele também essa preocupação, que tem de ser nossa, não é? Eu acho que ele se habitou a ter os pais ... que ele sabe que se dão bem e que estão juntos para o apoiar também. Portanto, também lhe mostrar essa ... que eu acho que é importante, dar-lhe essa imagem também da nossa união e isso ..., não é?”

Relação Conjugal (continuação)	Comunicação aberta (1/2)		<p><b>Família 4 (mãe e pai):</b> M4: “E porque nos habituamos muito a conversar, a falar sobre as situações, más ou boas, o que um faz e o que o outro faz e não sei quê, mantivemos esta postura quando vieram os miúdos.”; “E, portanto, habituamo-nos sempre muito a conversar. Então mesmo com os miúdos, as situações que chegaram e como resolve-las e mesmo quando se exaspera e não sei quê vamos conversar e habituarmos-nos a aceitar o que o outro diz.” P4: “É um ato contínuo, num caso ou noutro, a gente diz ‘tu não fizeste isto bem’. [M: é, é, é.] Isto já aconteceu tanto com a Laura como com a Laura em relação a mim. E dizemos logo a seguir porque tem de ser. A coisa sem comunicação não funciona”</p>
	Convergência nas questões essenciais (1/1)		<p><b>Família 7 (mãe e pai):</b> M7 “Perspetivas nessas coisas diárias. No resto, no essencial P7: Ah, sim, sim. M7: Eles vão para a escola, têm de estudar, têm de fazer ... agora acordamos de mútuo acordo que, que iam para o ATL, para as atividades, a educação, a catequese ... fazer a comunhão, não fazer a comunhão, batizar, tananana ... isso, no essencial, nós estamos de acordo, não é?”</p>
	Complementaridade na gestão das tarefas parentais e domésticas (1/1)		<p><b>Família 7 (pai):</b> “Mas aí o que a gente faz muito é, por exemplo, ela está a lavar a louça e eu estou a metê-los o pijama. [E: Exato.] E metê-los a lavar os dentes ou tomar banho, enquanto ela está a fazer o jantar.”</p>
	Falta de apoio do parceiro nas tarefas domésticas (1/4)		<p><b>Família 7 (mãe):</b> “O problema entre nós os dois é, é as tarefas”;</p>
	Agravamento dos conflitos na relação conjugal pós-adoção (1/1)		<p><b>Família 7 (pai):</b> “Mudou. [E: Mudou? Em que é que mudou?] Há muitas mais discussões”</p>
	Melhoria na qualidade da relação conjugal pós-adoção (2/2)		<p><b>Família 1 (pai):</b> “Não. Sim, sim, o Mário não interferiu rigorosamente nada nas relações familiares. Nada. Pelo contrário. Criámos novas dinâmicas, foi novidade, foi, foi tudo bom.”</p>
Práticas parentais	Estabelecimento de limites	Punir (2/3)	<p><b>Família 7 (pai):</b> “eu tenho uma estratégia. Imagine, imagine o seguinte: ‘vai tirar os sapatos. Não, tira os sapatos e vai guardá-los.’, ‘não quero’, ‘vou contar até 3’. Se não contar até 3, leva, leva uma surra no rabo e aos 3 já estão a fazer”;</p>
		Dizer e manter o “não” (3/3)	<p><b>Família 1 (pai):</b> “É muito simples, é fácil. (...) Porque, é o que nós dizíamos, quando é não, é não e é não até onde eles quiserem. Não, não, não, não, não, e eles começam a, basta um olhar, já sabem que a partir de uma determinada coisa vai-se recorrer ao castigo. Se o castigo não funciona, a seguir vem a palmada. E, portanto, mas o não está lá sempre.”</p>
		Usar uma linguagem clara e	<p><b>Família 1 (pai):</b> “(...) Para ele não ter dúvidas, até porque mesmo com a irmã, a irmã é muitas vezes, também ela própria tem dúvidas, tem a ver com a interpretação, com linguagem, com gestos, com</p>

Práticas parentais (continuação)		cuidada (1/1)	<i>tudo, #tem que se ter sempre muito cuidado com a linguagem# muito cuidado, e portanto...</i>
		Definir regras (4/7)	<b>Família 5 (mãe):</b> “Não, ele contesta, contestar, contesta, mas não lhe adianta contestar, não é? É a regra do 1, 2 e à 3ª já tem de estar a ser feito. [E: Exato.] E ele sabe que quando se começa com ‘1, 2 ...’ a coisa é para fazer mesmo, senão há castigo.”
		Usar estratégias de negociação (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “E quando eles falam, não ‘agora estamos a ouvir o cd, o nosso cd’ e aqui já há uma negociação. A Andreia já percebeu isto e a Andreia já tenta negociar ‘olha, pões-me este cd depois de ouvires o teu?’ e não sei quê”
	Distrair a criança (1/2)		<b>Família 4 (pai):</b> “quando a Andreia está em posição de força, o melhor é atacar pelos lados, é flanquear como na guerra. Por exemplo, se ela está ... houve uma vez, por exemplo, que ela caiu e magoou-se e então em vez de fazer ??? fiz-lhe cócegas. (...) Por exemplo, se ela está a berrar, em vez de nós mantermos uma posição de força, vale mais fazer alguma coisa que a distraia.”;
	Manter a calma (1/1)		<b>Família 6 (mãe e pai):</b> M6: “Nós tentamos manter a calma, sabemos que é importante manter a calma. (...)” P6: Mesmo para evitar chegar a esse ponto. [E: A escalada.] A solução é mesmo mandar para o quarto de castigo. Deixá-lo um bocadinho sossegadinho e não é tanto pelo castigo dele, é mais para nós nos pudermos acalmar para falar depois.”
	Dialogar com a criança (3/5)		<b>Família 4 (mãe):</b> “Uma coisa que eu acho que nós sempre tivemos bom, mesmo nos castigos, foi nós sempre explicarmos porque é que estavam a ser castigados. E mesmo depois de castigar ‘olha, estás de castigo porquê? Lembraste do que é que fizeste? O que fizeste de mal?’. Nós tentamos sempre explicar porque é que estão a fazer mal.”
	Adequar a resposta ao comportamento da criança (1/1)		<b>Família 1 (pai):</b> “A nossa reação é sempre proporcional ao comportamento dele em função do conhecimento que ele já tem. Se ele fez uma asneira que é a primeira vez que a faz, normalmente, hum, é dialogada, há uma repreensão, é dialogado... já é diferente em regras que nós consideramos que são abusivas da parte dele ou irracionais, há uma reação forte, sim. Portanto é sempre proporcional à gravidade da situação.”
	Manter a consistência das atitudes parentais (3/4)		<b>Família 4 (mãe):</b> “também porque nós tentamos, primeiro, acima de tudo, tentamos ser coerentes. Se a regra é a regra, é regra. Não andamos uns dias em regra e outros dias”
	Permitir a exploração, mas com vigilância (1/1)		<b>Família 4 (pai):</b> “(...) a gente estamos sempre a ver o que é que eles estão a fazer, mas nós não tentamos estar sempre ali de marcação cerrada em cima deles para eles se sentirem demasiado vigiados. Nós tentamos que eles se sintam mais ou menos à vontade.”

Interpretação dos comportamentos desajustados da criança	Atribuições relativas ao período de vida na casa de acolhimento (4/7)	<b>Família 7 (mãe):</b> “Claro que no início, pronto, as refeições, lá está ... [E: Sim, foi aquela situação.] Eram muitos meninos, muitas empregadas para muitos e eles não deviam estar, do início ao fim, sentadinhos. De certeza absoluta porque elas não os dominavam, digo eu”
	Atribuições relativas ao género da criança (1/1)	<b>Família 5 (mãe e pai):</b> M5: “Agora, o que eu acho é que é assim, é primeiro é rapaz, está a crescer, não é?” P5: Estás a dizer “é rapaz” M5: Não P5: É rapaz sabe dobrar ... se lhe ensinarem [[risos]] M5: Não, porque, por exemplo, tem aquela coisa de ‘Rodrigo, vamos tomar banho’, ‘tomar banho? Mas tomei ontem banho! Nem suei!’. Quer dizer, uma rapariga não te responde isto. Uma rapariga vai tomar banho. Por isso é que eu digo ...”
	Atribuições relativas às características da criança (1/1)	<b>Família 1 (mãe e pai):</b> [E: Estavam a falar um bocadinho disto... quando impõem regras como é que ele reage?] M1: Reage, ele reage bem. P1: Ele reage bem... M1: Devido ao, e nós achamos que é devido ao síndrome ele esquece delas rapidamente. Era o que estávamos a falar há um bocado, ele esquece-se rapidamente, então tenho de estar sempre a lembrar, a lembrar a ir para o castigo e ele vai para o castigo 10 minutos e volta. Eu digo-lhe muitas vezes, ‘Mário, vai pensar na tua vida, vai pensar no que disseste’, volta, e eu pergunto-lhe mais uma vez ‘Mário, sabes porque estiveste no castigo?’ P1: Exato, tem memória de curto prazo muito curta, é quase nula. Hum, tem memória de longo prazo, não das melhores, mas tem-na, agora a memória a curto prazo, nós temos que dizer 20, 30, 50 às vezes 100 vezes a mesma coisa para ele...”
	Atribuições relativas à idade da criança (3/6)	<b>Família 5 (mãe):</b> “(...) então pronto, não vou dizer que é rapaz ou que é rapariga, vou dizer que, eh pa, vai fazer 9 anos, tem ... [E: Está numa fase de transição.] Sim, em que acha que já cresceu, não é? Agora sou um crescido, não é? Se me perguntarem a idade vou dizer ‘tenho 8 anos, mas falta-me 1 mês para fazer 9 anos’. Claramente isto para ele é uma conquista. Os 9 anos é uma conquista. E vai também tentando marcar a posição dele, não é?”
	Atribuições relativas às práticas parentais (1/2)	<b>Família 5 (mãe):</b> “(...) Às vezes isso é difícil para nós, agora essa questão da roupa e não sei quê, isso é tudo culpa nossa. Porque às vezes é mais rápido sermos nós a fazer e acabamos por ...”
	Atribuições relativas ao passado da criança (4/5)	<b>Família 3 (mãe):</b> “Porque já estava preparada para isso. Preparada que isso pudesse acontecer, mais ao menos, não sabia, não é? Não sabia o que era, mas sei que as crianças testam porque não têm bases, não é?, e não têm nada a que se agarrar e portanto, têm de testar e já foram múltiplas vezes para aqui, para ali e para acolá e portanto, nunca têm firmeza em estar num lugar e portanto,

		<p>a Tânia, eu acho que já disse isso, costuma perguntar que estava sempre a mudar de casa, “Mas agora gostas mais de estar sempre assim nesta casa ou gostavas mais de lá?.”, “Gosto mais de estar assim.” Aquela estabilidade, porque ela precisava de saber se vinha para ficar ou não e, portanto, eu isso nunca questioneei o motivo de testar”</p>
Maiores conquistas/vitórias	A criança começar a sentir-se segura e a confiar (2/2)	<p><b>Família 6 (pai e mãe):</b>  M6: “As maiores ... a maior vitória ...  P6: A maior vitória acho que é a confiança que conquistamos dele  M6: Sim ...termos vindo, pronto, ele tem-se sentido cada vez mais seguro.[E: Na relação convosco.]  P6: Acabar com a insegurança dele, no início era bastante embora desde o início que ele demonstra muito carinho por nós e vem ter connosco, sentia essa necessidade de nós lhe darmos o carinho, ??? carinho e segurança no início  M6: Havia e nós ... é assim, se me disserem agora ...  P6: A maior vitória foi esse ganho, sem dúvida  M6: Na altura ele chamava-nos pai e mãe, mas porque lhe tinham dito para chamar ... Portanto, ele agora chama com vontade e ainda ... um dia destes ele deitou-se e disse ‘dorme bem, querido’ e ele disse ‘está bem, durmam bem pais’ e aquilo foi mesmo sentido. Foi uma ... foi assim mesmo. Não foi nada que tivessem dito para ele dizer, portanto, foi mesmo sentido. Dizer ‘durmam bem pais’ nunca tinha dito isso assim. [E: Dessa forma.] E eu achei piada porque foi quase pronto ele ... até tinha sido um dia bastante bom, acho que foi domingo até, tínhamos estado a jogar com ele e assim. Portanto, a maior vitória acho que é essa mesmo. Ter ganho a confiança dele assim em tempo recorde porque ... não é fácil.”</p>
	Ter transmitido valores à criança (1/3)	<p><b>Família 4 (mãe e pai):</b>  P4: “As maiores vitórias são provavelmente o já termos conseguido passar uma data de valores nossos para eles.  M4: e estão na rotina deles, que eles se habituaram  P4: Que eles se habituaram perfeitamente a fazer e, por exemplo, que fazem parte da rotina e a gente vê integrada nas brincadeiras ou eles a fazerem sozinhos.”;</p>
	Ver a criança feliz (1/2)	<p><b>Família 4 (mãe e pai):</b>  M4: “O perceber a Andreia tão bem. A Andreia dar-se bem, sempre alegre e tudo mais. Acho que é das maiores vitórias porque sentimos que eles estão bem, portanto sentimos que estamos a fazer alguma coisa boa.  P4: Sim, sim  M4: Porque eles estão bem. Estão bem, comem bem, tudo bem, portanto, são alegres”</p>



Maiores conquistas/vitórias (continuação)	Ver a criança desenvolver-se (3/3)	<b>Família 2 (mãe):</b> “(...) e a maneira/ o que ele cresceu isso a mim... porque os meus sobrinhos não cresceram tanto como ele... nem aumentaram tanto o tamanho... numa semana e meia ele passou do 25 direto para o 28 o pé dele... pronto e ele cresceu muito (...)”
	Começar a encontrar traços seus na criança (1/1)	<b>Família 1 (pai):</b> “Valem mesmo a pena, porque a criança depois cada vez se assemelha mais a nós e com todos os defeitos que eu tenho, ele que venha a ter os mesmos defeitos, mas para mim, não é, para mim enquanto pessoa, isso foi a grande vitória. Conseguir molda-lo e tentar fazer dele, também poderá ser uma grande decepção, até pode ser que no futuro ele venha a repreender-me pela educação que levou, de tudo o que eu possa ter feito, ..., e, portanto, nestas coisas, nunca é fácil. A questão da educação é sempre a longo prazo e não a curto prazo. Agora, uma coisa não tenho dúvidas que ele me dirá, é que valeu também a pena este período que passamos juntos, sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma. É um período muito, muito bom”
	Sentir que a criança está integrada nos contextos sociais da família (1/1)	<b>Família 4 (mãe):</b> “e depois, pronto, o facto de vermos eles darem-se bem com as pessoas que nós gostamos, não é? É muito bom, não é?”

**Anexo VIII:**

**Quadro relativo à dimensão de análise – Ideias acerca da adoção tardia**

---

# **Anexo VIII: Quadro relativo à dimensão de análise – Ideias acerca da adoção tardia (nº de casos/nº de referências)**

Ideias acerca da adoção tardia		Exemplos
Conselhos/indicações para quem esteja a pensar adotar crianças em idade tardia	Auto preparação (procurar informação sobre o tema) (1/1)	<b>Família 4 (pai e mãe):</b> P4: <i>“Provavelmente, a primeira coisa que eu diria é que fossem pegar em certos tipos de livros e que lessem antes de entrarem em contacto com as crianças para começaram já a criarem estratégias para ...</i> M4: <i>As melhores estratégias para, como lidar com as situações.”</i>
	Ter em consideração o passado da criança (2/3)	<b>Família 4 (mãe):</b> <i>“percebiam muito bem que são crianças que trazem passado emocional e que vão ter de lidar com isso”</i>
	Comunicar abertamente com a criança (1/2)	<b>Família 4 (pai):</b> <i>“Sim, esse se calhar até seria o mais importante, que é preciso manter as vias de comunicação abertas”;</i> <i>“(...) se nós fizermos alguma coisa quando eles falam um ‘niquinho’, cortar logo ali, nunca mais na vida vamos conseguir fazer qualquer coisa.”</i>
	Ter em consideração a idade da criança (1/2)	<b>Família 4 (pai):</b> <i>“Primeiro, nós notamos uma diferença muito grande entre a Andreia e o Lourenço. Nós notamos muito mais desafios no Lourenço do que na Andreia.”;</i> <i>“porque eles já vão, dependendo das idades, na idade do Lourenço, eles já vão tentar fechar-se.”</i>
	Querer muito adotar (1/1)	<b>Família 3 (mãe):</b> <i>“Só se quiserem muito, porque senão eu acho que não. ... Aliás, eu tenho um casal amigo, muito amigo (...) Não estão numa situação de querer adotar por opção. Estão numa situação de decisão de querer adotar porque não conseguem ter, pronto. O que é que, porque não conseguem ter, hum, ... queriam um bebé e, portanto, agora, pronto, enfim. Portanto acho que realmente /, não, tem que se querer muito para se adotar crianças a partir de determinada idade. Se calhar no início, agora, olhando para trás, acho que se tem de querer muito adotar uma criança. [E: Hum-hum, exato.] Portanto não diria ‘Vai em frente com a força toda.’, não, não dizia. [E: O que é uma ponderação muito sensata e realmente é verdade, tem de se querer muito, não é?] Principalmente uma criança desta idade, certo? [E: Sim, sim.] Tem de se querer muito mesmo.”</i>
	Arriscar na adoção (3/3)	<b>Família 1 (pai):</b> <i>“Eu nunca disse que ia ser fácil, eu disse que ia ser espetacular. [E: pronto, era isso. Acho que...] E aí é como tudo. Eles que tenham paciência, tenham dedicação, porque no final, no final, contadas as histórias isto realmente é</i>

Conselhos/indicações para quem esteja a pensar adotar crianças em idade tardia (continuação)		<i>espetacular. Agora, eu nunca disse que ia ser fácil. E não é fácil, de todo. Mas vale a pena #mas é uma boa experiencia#, não, não, vale a pena. E tanto é boa que estamos a pensar #agora partir# repeti-la, exatamente. E, depois vê-se os resultados e por poucos que sejam os avanços, por poucos, admito, até, hum, mas valem a pena.”</i>
	Ter em consideração as potencialidades da criança (1/1)	<b>Família 7 (mãe):</b> “Olhe, que deviam, deviam em vez de estarem ... já que aqui é muito difícil adotar bebés e ... acho que deviam porque é assim, nós pedimos até aos 5 anos. Quando nos disseram ‘olhe, temos uma situação, se surgisse uma situação dentro da idade que vocês pediram e outro ter mais 1, 2 anos’ e eu penso assim, olho para o Gonçalo com as potencialidades que ele tem, que é um menino lindo, inteligente, tem ... tem jeito para a música, tem jeito para o desporto ... aquele menino com 7 anos ficar na instituição e nessas idades correm o risco de realmente ficaram lá até aos 18, não é? E olho para ele e disse assim, uma criança destas que eu consegui, até foi mais fácil que a mais pequenina, não é? Adaptá-lo a nós ... o desperdício que era! Uma criança daquelas voltar a ter ... se calhar, chegar e ficar com o passado do pai, porque o pai ... um dado importante é que o pai também foi sempre institucionalizado. Portanto, já íamos reincidir aqui, não é? O Gonçalo, o desperdício que não era, uma criança daquelas, com aquele potencial, (...) isso é um preconceito que as pessoas têm em relação às crianças e eu acho que mesmo com 7 ainda se pode fazer muito por aquela criança e, e pode haver essa adaptação”
	Dar muito amor à criança (1/2)	<b>Família 6 (mãe):</b> “Mas de qualquer maneira achamos que uma criança bebé, claro, é muito bom, mas também depende de muitas coisas. Dava-me ... acima de tudo o que é preciso é as coisas serem feitas de coração e as pessoas terem a certeza que o querem fazer. Porque senão ... também não aconselhamos.”;
	Equilibrar a dose de amor/afeto e de educação que se dá à criança (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> “E dizer também ‘dar amor, muito amor’, mas não exagerar obviamente. Tem de ser assim na medida certa. Mostrar que acima de tudo que se gosta dele, mas que também existem regras em casa, que existem uma ... porque são deveres e obrigações e nós às vezes dizemos ‘olha, não estás a cumprir a tua parte, porque não tem só coisas boas, a vida não tem só coisas boas, também temos de fazer outras coisas que lavar os dentes não é mau, é uma coisa boa, que é para depois não teres de andar sempre no dentista’. Pronto, explicar também.”
	Considerar que também há casos de insucesso com crianças mais pequenas (1/1)	<b>Família 7 (pai):</b> “E também sabemos de histórias de casos que fracassaram (...) Com miúdos muito mais, muito mais novos”
	Conhecer outros casos/histórias – aprender com exemplo de outros (2/2)	<b>Família 6 (pai):</b> “Acho que a melhor coisa que poderíamos fazer é mostrar o nosso exemplo e partilhar as nossas dificuldades que tivemos e todas as compensações que

		<i>tivemos também. Acho que isso era a melhor coisa para ajudar um casal que fosse nosso amigo numa situação dessas. E dizer que ‘sim, senhor’”</i>
Vantagens/pontos positivos da adoção tardia	Não ter de revelar à criança que é adotada/ a criança conhece a sua história (3/3)	<b>Família 6 (mãe):</b> “Também tem vantagens porque como medo que depois não vamos ter de dizer ‘olha, tu és adotado, tu tens irmãos’. Não, já sabe disso tudo”
	Valor que a criança atribui à adoção (1/1)	<b>Família 7 (mãe e pai):</b> P7: “As crianças mais velhas estão, estão com maior predisposição de serem adotadas do que os mais novos. (...). Os mais velhos estão há mais anos na instituição, à partida. M7: Dão mais valor P7: Dão mais valor, dão mais valor. M7: Aquilo que estão a ter, não é? P7: Eles encaram como uma oportunidade. Pronto, não querem desperdiçar a oportunidade. Os mais novos não olham tanto a isso.”
	Desejo da criança em ter uma família facilita a vinculação (1/1)	<b>Família 7 (mãe):</b> “Se calhar, até se agarram mais a nós, se calhar ..., não é? Porque eles vêm tão carentes, #tão ansiosos de ter uma família, não é?#”
	Por ser mais crescida, a criança compreende melhor as regras (1/1)	<b>Família 7 (pai):</b> “Eu acho que até é mais fácil, porque já estão conscientes.”
	Compreender melhor as necessidades da criança, por esta ser capaz de as expressar verbalmente (1/1)	<b>Família 5 (mãe):</b> “Nos dias de hoje, se me pergunta, é assim o facto do Rodrigo ter estado sempre institucionalizado, nunca ter tido tipo nenhum de problema em nenhuma das instituições em que esteve, não é? Que isso também conta. Que provocasse algum problema, claramente eu dizia que dispenso a parte de uma criança que está a chorar e eu não sei o que é que ela tem, pronto [[risos]]. As minhas amigas gozam comigo por causa disso ‘já tiveste um que sabia falar e sabia dizer porque é que lhe doía’. É uma das vantagens, apesar de eu sempre ter sido uma pessoa que gostava muito de bebés e isso, na realidade quando o Rodrigo chegou a esta, não era de todo e achei que era muito interessante”
	A idade tardia da criança coincide com a idade mais avançada dos pais (1/1)	<b>Família 6 (mãe):</b> “Bem, nós aconselhávamos a avançar porque achamos que tem muitas ... tem uma data de vantagens em relação, por exemplo, também à idade que nós estamos, à idade dele, não é?”

